



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

**PAISAGEM CULTURAL DA RUA PARA PEDESTRES EM
CENTRO URBANO CONSOLIDADO:
O CALÇADÃO DA BATISTA DE BAURU**

DÉBORA MARIA SVIZZERO BONI

BAURU/SP

2018

DÉBORA MARIA SVIZZERO BONI

**PAISAGEM CULTURAL DA RUA PARA PEDESTRES DE
CENTRO URBANO CONSOLIDADO:
O CALÇADÃO DA BATISTA DE BAURU**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, como requisito final para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosío Fernández Baca Salcedo

BAURU/SP

2018

Boni, Débora Maria Svizzero.

Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru. / Débora Maria Svizzero Boni, 2018
148 f.

Orientadora: Rosío Fernández Baca Salcedo.

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2018

1. Urbanismo Dialógico. 2. Centro Urbano Consolidado. 3. Gestão Pública. 4. Paisagem Cultural da Rua para Pedestres. 5. Lugar, Cultura e Memória.
I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. II. Título.



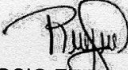
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

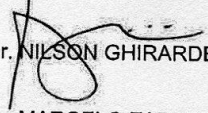
Câmpus de Bauru



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE DÉBORA MARIA SVIZZERO BONI, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 26 dias do mês de setembro do ano de 2018, às 08:00 horas, no(a) Auditório da Seção Técnica de Pós-graduação da FAAC, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. ROSIO FERNANDEZ BACA SALCEDO - Orientador(a) do(a) Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo / Unesp Campus de Bauru, Prof. Dr. NILSON GHIRARDELLO do(a) UNESP/Bauru / Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação, Prof. Dr. MARCELO ZARATE do(a) Proyectos de La Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo / Universidad Nacional del Litoral de Santa Fé, Argentina, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de DÉBORA MARIA SVIZZERO BONI, intitulada **Paisagem cultural da rua para pedestres em centro urbano consolidado**. Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.


Profa. Dra. ROSIO FERNANDEZ BACA SALCEDO


Prof. Dr. NILSON GHIRARDELLO


Prof. Dr. MARCELO ZARATE

“Para ser um bom arquiteto você tem que ter amor pelas pessoas, porque a arquitetura é uma arte aplicada e lida com a moldura da vida das pessoas”.

Ralph Erskine

AGRADECIMENTOS

Quem me conhece, sabe da minha “saga” para tentar ser aluna regular do PPGARQ FAAC Unesp. Foram várias tentativas de processos seletivos, várias matérias cursadas como aluna especial, até que em 2016, finalmente, chegou minha vez de fazer parte dessa turma. E cá estou eu, 30 meses que voaram de forma inexplicável, tentando fazer em palavras todos os agradecimentos possíveis.

Primeiramente, quero agradecer toda minha família, especialmente meu pai, mãe, Henrique e Judi, pelo apoio sempre presente, paciência e amor. Vocês foram e são fundamentais! Amo vocês, equipe!

Meu muito obrigada à minha orientadora Rosío, por ter me escolhido em meio à tantos bons candidatos em um momento muito delicado da minha vida, e por ter me deixado estudar o Calçadão da forma como eu pedi. Só posso agradecer a oportunidade de poder ter sido sua orientanda, e acredito que todos os desencontros anteriores foram para eu poder ser sua aluna hoje. Obrigada por tanto.

Ao grande amigo Pedro, minha dupla nesta jornada acadêmica. Obrigada por dividir comigo seus momentos de alegrias e aflições, os cafés e risadas, sempre através de áudios imensos.

Aos professores Marcelo Zárte e Nilson Ghirardello, pelas importantes (e olha só, coincidentes) contribuições no exame de qualificação, decisivas para o amadurecimento e finalização deste trabalho. Só pessoas sérias e comprometidas com o que fazem são capazes de apontamentos tão imbricados no cerne da pesquisa, a ponto de se tornarem imprescindíveis ao trabalho. Obrigada!

Aos queridos amigos e funcionários do PPGARQ: Helder, Camile e Silvio, pelos infinitos litros de café, pela disponibilidade infindável, pela paciência e portas abertas até depois do horário, quando não havia mais ninguém.

À todos que contribuíram com material, fotos, mapas e reflexões sobre o tema, em especial, cinco pessoas queridas que me ajudaram de forma precisa: Érica, Karina, Ana Laura, Tainá e Caio. Sem vocês, a qualidade desse trabalho não seria a mesma!

De forma muito especial, agradeço aos amigos que esse mestrado me trouxe, passando pelas mesmas dificuldades, mas sempre com conversas muito animadas nos grupos de *Whats*, *Insta* e *Face*: confesso que sem vocês, o “sofrimento” não ia ter graça! Obrigada por terem surgido em minha vida, vocês são incríveis!

Agradeço aos meus amigos e companheiros de escritório: Caio, Neto, Vivi, Lualis e Marina, por todo apoio e amizade. Em especial à minha grande amiga de jornada e vida, Aline, e nossa estagiária, Aimeé, por terem participado ativamente dessa pesquisa (sendo em fotos, vitórias ou andanças pelo Calçadão) e por terem segurado, tantas vezes, a vareta do rojão! Obrigada do fundo do meu coração!

Às minhas amadas amigas, espalhadas pelas turmas de maternal, colegial, faculdade, estudos variados, profissão, academia, vida...que tantas e incansáveis vezes, estiveram presentes sempre dispostas, pacientemente, à ouvir, ajudar e curtir. Amo vocês!

E por fim, agradeço à Deus pela grande oportunidade de ser aluna da Unesp, por cuidar de cada detalhe da minha vida de forma maravilhosa.

Obrigada por tudo, galera!

RESUMO

A qualidade da paisagem dos espaços públicos determina os usos e a frequência dos usuários. A Rua Batista de Carvalho, localizada no centro urbano consolidado da cidade de Bauru, interior do estado de São Paulo, foi criada em 1920, passando pela configuração do Calçadão em 1992 e hoje, encontramos sua paisagem cultural em contínuo processo degradativo. Neste contexto, a presente pesquisa tem por objetivo avaliar a qualidade da paisagem cultural da Rua Batista de Carvalho segundo os ambientes físico, social e simbólico e suas relações. O método aplicado é o Urbanismo Dialógico, que analisa o objeto, ou a paisagem cultural da Rua Batista de Carvalho com seu contexto, o centro urbano consolidado de Bauru, e a sua própria paisagem cultural através dos seguintes cronotópos: sua gênese, a configuração da paisagem cultural do Calçadão e o atual Calçadão Batista de Carvalho segundo os ambientes físico, social e simbólico, e as relações entre os ambientes. Para conhecer os ambientes social simbólico sobre o Calçadão, foram aplicados questionários online e visitas “in situ” para o levantamento físico e reconhecimento do lugar. Resultados: no Calçadão Batista de Carvalho da cidade de Bauru, as relações sociofísicas, sociosimbólicas e físicosimbólicas são diferentes por quadra, portanto, as relações dos ambientes físico, social e simbólico são harmoniosas em algumas quadras e conflitantes em outras, assim a qualidade do espaço público não é constante ao longo da rua.

Palavras-Chave: Urbanismo Dialógico, Centro Urbano Consolidado, Gestão Pública, Paisagem Cultural da Rua para Pedestres, Lugar, Cultura e Memória.

ABSTRACT

The quality of the landscape of public spaces determines the uses and frequency of users. Batista de Carvalho Street is located in the consolidated urban center of the city of Bauru, in the interior of the state of São Paulo, was created in 1920, passing through the configuration of the Boardwalk in 1992 and today, we find its cultural landscape in continuous degradative process. In this context, the present research aims to evaluate the quality of the cultural landscape of Batista de Carvalho Street according to the physical, social and symbolic environments and their relationships. The method applied is Dialogical Urbanism, which analyzes the object or the cultural landscape of Batista de Carvalho Street with its context, the consolidated urban center of Bauru, and its own cultural landscape through the following chronotopes: its genesis, the configuration of the the cultural landscape of the Boardwalk and the current Carvalho Boardwalk according to the physical, social and symbolic environments and the relationships between the environments. In order to know the symbolic social environments on the Boardwalk, online questionnaires and "in-situ" visits were applied to the physical survey and recognition of the place. Results: in the Bauru city of Bauru, the sociophysical, socio-symbolic and physico-symbolic relations are different per block, therefore, the physical, social and symbolic relations are harmonious in some blocks and conflicting in others, thus the quality of space public is not constant along the street.

Keywords: Dialogical Urbanism, Consolidated Urban Center, Public Management, Cultural Landscape of Pedestrian Street, Place, Culture and Memory.

SUMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	9
INTRODUÇÃO	19
1. DIÁLOGOS DA PAISAGEM CULTURAL DA RUA PARA PEDESTRES EM CENTRO URBANO CONSOLIDADO	23
1.1. Urbanismo Dialógico	23
1.2. Centro urbano consolidado	25
1.2.1 Lugar	27
1.2.2. Cultura	28
1.2.3. Memória	28
1.2.4 Identidade	29
1.3. Gestão Pública	30
1.4. Paisagem cultural da Rua para Pedestres	33
1.4.1. Rua	35
1.4.2. A Rua para Pedestres na história	37
1.4.3. Tipologias de Ruas para pedestres	42
1.5. Ambientes da paisagem cultural da rua para pedestres	48
1.5.1. Ambiente físico	48
1.5.2. Ambiente Social	49
1.5.3. Ambiente Simbólico	50
1.6. Qualidade da paisagem cultural da rua para pedestres	50
2. MÉTODO URBANISMO DIALÓGICO	52
2.1. Área de estudo	53
2.2. Ambientes	53
2.2.1. Ambiente Físico	53
2.2.2. Ambiente Social	53
2.2.3. Ambiente Simbólico	54
4.2. Mapa Heurístico	55

2.4. Matrizes de Análise.....	55
2.5. Tabela de Sinergia	56
2.6. Questionários	57
3. CENTRO URBANO CONSOLIDADO DE BAURU.....	59
3.1. Batista de Carvalho e sua paisagem cultural como rua	65
3.2. A Gênese da Rua Batista de Carvalho	66
3.3. Rua para pedestres: Calçadão da Batista de Carvalho.....	70
4. ANÁLISE DA QUALIDADE DA PAISAGEM CULTURAL DA RUA BATISTA DE CARVALHO	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	142

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Contexto modificando o texto, e vice-versa.	27
Figura 2 - Rua Florida, principal rua de pedestres em Buenos Aires, Argentina, e Rua Saara no Rio de Janeiro, com seu comércio, calçadas e ruas para pedestres.	43
Figura 3 - Rambla do bairro de Poblenou, em Barcelona. Usos mistos garantem o sucesso e uso do espaço. E na foto ao lado, Rua das Flores, em Curitiba é exemplo de como os usos mistos garantem o uso do espaço.....	43
Figura 4 - Stradun, centro medieval croata tombado pela Unesco, e a Rua 7 de Abril, em São Paulo.....	45
Figura 5 - Fluxo intenso de pedestres na Rambla de Barcelona, e Largo de São Bento, em São Paulo.....	46
Figura 6 - Passagem interna do prédio, com jardins, mobiliário e fontes, que ligam duas ruas movimentadas do Bairro Gótico, em Barcelona. Passagem interna entre prédios de uso misto no Design District, em Zagreb: parklets e mobiliários disponíveis.	47
Figura 7 - Fluxo intenso de pedestres no mercado Dolac, localizado no coração da Praça Ban Jelačić.....	48
Figura 8 - Relação dos ambientes físico, social e simbólico.....	53
Figura 9 - Foto da Rua Araújo Leite em 1905, que foi a primeira via comercial e de serviços.	60
Figura 10 - Estação ferroviária em 1910, a Praça Machado de Mello e a rua Batista de Carvalho.....	62
Figura 11 - Mapa da antiga área comercial de Bauru, próximo ao prédio da Estação. 62	
Figura 12 - Rua Batista de Carvalho em 1930, transformando seu cenário de casas residenciais para casas comerciais.....	63
Figura 13 – Sequência de imagens, localizando a região do centro de Bauru em seu mapa, o a Batista de Carvalho na região central, e as sete quadras do Calçadão assinaladas pela reta vermelha.	66
Figura 14 - Rua Batista de Carvalho em 1919, e início do comércio na Rua Batista, aproximadamente década de 1920.	67
Figura 15 - Misto de comércio e moradias na Rua Batista de Carvalho em 1927.....	68

Figura 16 - Vista do segundo pavimento comercial da quadra 5 da Rua Batista, em 1973.....	69
Figura 17 - Movimento de veículos e pessoas, na década de 1980, e restrição para carros, em um sábado na década de 1980.....	70
Figura 18 - Bloco de Carnaval na Rua Batista de Carvalho em 1991.	71
Figura 19 - Projeto do Calçadão demarcando as 07 quadras que seriam reformadas. 72	
Figura 20 - Projeto com detalhamento do piso petit-pavé e dos bancos que seriam feitos e instalados.....	73
Figura 21 - Projeto e detalhamento dos Arcos, sua cobertura e localização no Calçadão.....	74
Figura 22 - Perspectivas das fachadas, Arcos e floreiras que seriam feitas e instaladas no Calçadão.	75
Figura 23 - Logo abaixo, a ideia de uma possível alteração do Arco com telha italiana, que nunca foi feito.	75
Figura 24 - Início da reforma da Rua para Calçadão, em 1991.....	76
Figura 25 - Calçadão no final de tarde, com os Arcos iluminados em 1992. Calçadão em 1999, após horário comercial, sem movimento algum.	76
Figura 26 - Foto da Rua Batista de Carvalho em 1960 e após a criação do Calçadão na década de 1990.	77
Figura 27 - Anteprojeto da reestruturação da Rua Batista de Carvalho em 1984, no jornal Diário de Bauru, e também no Jornal da Cidade.	77
Figura 28 - As sete quadras do Calçadão assinaladas onde são pares e ímpares.	78
Figura 29 - O contexto da região do Calçadão e seus pontos de referência.	79
Figura 30 - Praça Rui Barbosa e Praça Machado de Melo.	80
Figura 31 - 3D exemplificando as alturas dos prédios da região central.....	81
Figura 32 - Imagens e 3D das quadras 1 e 7 mostrando as alturas dos prédios mediante a paisagem e seus Arcos.	82
Figura 33 - Imagem 3D da quadra 7, identificando elementos contrastantes entre alturas e fachadas: vegetação, Arcos, postes e gabaritos.	82
Figura 34 - Principais estabelecimentos comerciais localizados no Calçadão.	83

Figura 35 - Lojas de vendedores asiáticos e camelôs com itens à preços competitivos.	84
Figura 36 - Localização de comércio informal e vendedores ambulantes.	85
Figura 37 - Escala de movimento e fluxo por trecho.	85
Figura 38 - Vista do 16 andar do Edifício Comercial, localizado na quadra 4 do Calçadão, onde pode-se ver o piso e a disposição dos Arcos.	86
Figura 39 - Piso do Calçadão encharcado e sem escoamento suficiente, em tarde chuvosa durante semana.	86
Figura 40 - Prédio comercial antigo com fachada revitalizada após pintura.	87
Figura 41 - Identidades visuais das fachadas localizadas na quadra 4: tamanho e locais estipulados por lei.	87
Figura 42 - Áreas verdes e arborização na região do Calçadão.	88
Figura 43 - Coqueiro e floreiras são as únicas vegetações existentes localizadas no espaço.	88
Figura 44 - Floreira em madeira.	89
Figura 45 - Poste em ferro e poste padrão municipal.	89
Figura 46 - Banco em concreto e Banco com floreiras em madeira.	90
Figura 47 - Lixo em madeira e ferro.	90
Figura 48 - Orelhões para pessoas portadoras ou não de necessidades especiais.	91
Figura 49 - Localização dos arcos abertos e cobertos na extensão do Calçadão.	91
Figura 50 - Arcos cobertos e Arcos fechados.	91
Figura 51 - Vista aérea mostrando a localização dos Arcos na extensão do Calçadão.	92
Figura 52 - Arco fechado atrapalhando visualização da fachada e acesso à loja.	92
Figura 53 - Ruas e Avenidas e seus sentidos de fluxo.	93
Figura 54 - Ruas transversais com recuos para estacionamento público, mediante apresentação de Zona Azul.	93
Figura 55 - Mapa montado através do aplicativo MOOVIT para IOS, mostrando os pontos de ônibus disponíveis próximos ao centro e Calçadão da Batista.	94

Figura 56 - Portas do comércio baixando ao final do expediente.....	95
Figura 57 - Escala de movimento e fluxo nos períodos das 8hrs da manhã, 10 hrs da manhã, 15hrs da tarde, 18 hrs da tarde, 19hrs da noite e 23hrs da noite.	96
Figura 58 - Batista de Carvalho em sua evolução: 1912, 1927, 1950, 1992, 2016 e 2017.....	107
Figura 59 - Mapa de Localização do Calçadão.	108
Figura 60 - Mapa de Localização da quadra 1 no Calçadão.....	109
Figura 61 - Mapa de Usos do solo e Mapa de Gabarito da Quadra 1 do Calçadão. ..	110
Figura 62 - Problemas atuais encontrados na Quadra 1.	111
Figura 63 - Mapa de Localização da quadra 2 no Calçadão.....	112
Figura 64 - Mapa de Usos do solo e Mapa de Gabarito da Quadra 2 do Calçadão. ..	113
Figura 65 - Problemas atuais encontrados na Quadra 2.	114
Figura 66 - Mapa de Localização da quadra 3 no Calçadão.....	115
Figura 67 - Mapa de Usos do solo e Mapa de Gabarito da Quadra 3 do Calçadão. ..	115
Figura 68 - Problemas atuais encontrados na Quadra 3.	116
Figura 69 - Mapa de Localização da quadra 4 no Calçadão.....	117
Figura 70 - Mapa de Usos do solo e Mapa de Gabarito da Quadra 4 do Calçadão. ..	118
Figura 71 - Problemas atuais encontrados na Quadra 4.	119
Figura 72 - Mapa de Localização da quadra 5 no Calçadão.....	120
Figura 73 - Mapa de Usos do solo e Mapa de Gabarito da Quadra 5 do Calçadão. ..	120
Figura 74 - Problemas atuais encontrados na Quadra 5.	121
Figura 75 - Mapa de Localização da quadra 6 no Calçadão.....	122
Figura 76 - Mapa de Usos do solo e Mapa de Gabarito da Quadra 6 do Calçadão. ..	123
Figura 77 - Problemas atuais encontrados na Quadra 6.	123
Figura 78 - Mapa de Localização da quadra 7 no Calçadão.....	124
Figura 79 - Mapa de Usos do solo e Mapa de Gabarito da Quadra 7 do Calçadão. ..	125
Figura 80 - Problemas atuais encontrados na Quadra 7.	126

Figura 81 - Problemas atuais encontrados no Calçadão..... 127

Figura 82 - Levantamento de uso e ocupação do solo e de Alturas e Gabaritos na região do Calçadão..... 128

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Exemplo de Mapa Heurístico.	55
Tabela 2 - Matrizes de análise dos elementos	56
Tabela 3 - Exemplo de Tabela de Sinergias.....	56
Tabela 4 - População Urbana de Bauru por ano.....	64
Tabela 5 - Matriz Sócio-Simbólico e Sócio-Físico da Quadra 1.	112
Tabela 6 - Matriz Sócio-Simbólico e Sócio-Físico da Quadra 2.	114
Tabela 7 - Matriz Sócio-Simbólico e Sócio-Físico da Quadra 3.	117
Tabela 8 - Matriz Sócio-Simbólico e Sócio-Físico da Quadra 4.	119
Tabela 9 - Matriz Sócio-Simbólico e Sócio-Físico da Quadra 5.	122
Tabela 10 - Matriz Sócio-Simbólico e Sócio-Físico da Quadra 6.	124
Tabela 11 - Matriz Sócio-Simbólico e Sócio-Físico da Quadra 7.	127
Tabela 12 - Tabela de Sinergias do Calçadão.	130
Tabela 13 - Mapa Heurístico do Calçadão.....	133
Tabela 14 - Tabela Ambientes Físico-Simbólico.....	134
Tabela 15 - Tabela de Relação Cronotópica da Batista de Carvalho.....	135

Cidade de Espantos

Moro na entrada do Brasil novo.
Bauru! nome-frisson, que acorda na alma da gente
ressonâncias de passos em marcha batida
para a conquista soturna do Desconhecido!

Acendi meu cigarro no toco de lenha deixado na estrada,
no meio da cinza ainda morna
do último bivaque dos Bandeirantes...
Cidade de espantos!

Carros de bois geram desastres com máquinas Ford!
Rolls-Royces encalham beijando a areia!
Casas de táboas mudáveis nas costas;
bungalows comodistas roubados da noite para o dia,
as avenidas paulistas...
Cidade de espantos!

Eu canto a estesia suave dos teus bairros chics,
as chispas e os ruídos do bairro industrial,
a febre do lucro que move os teus homens nas ruas do centro,
e a pecaminosa alegria dos teus bairros baixos...
Recebe o meu canto, cidade moderna!
Onde é que estão brasileiros ingênuos,
as úlceras feias de Bauru?

Vi homens fecundos que fazem reclamo da Raça!
E eu sei que há mulheres fidalgas que ateiam incêndios
na mata inflamável dos nossos desejos!
Mulheres fidalgas que já transplantaram
o Rio de Janeiro para este areal...

A Alegria busina e atropela os trustes nas ruas
A cidade se fez a toques de sinos festivos,
a marchas vermelhas de música, ao riso estridente,
de Colombinas e de Arlequins.

Por isso, cidade moderna, a minha tristeza de tuberculoso,
contaminada da doença da tua alegria
morreu enforcada nos galhos sem folhas
das tuas raras árvores solitárias...

Eu já tomei cocaína em teus bairros baixos,
onde há Milonguitas de pálpebras murchas
e de olhos brilhantes!

Rua Batista de Carvalho!
O sol da manhã incendeia ferozmente
a gasolina que existe na alma dos homens.
Febre...Negócios...Cartórios, Fazendas...Café...
Mil forasteiros chegaram com os trens da manhã,
e vão, de passagem, tocados da pressa,
para o El-Dorado real da zona noroeste!

...Acendi meu cigarro no toco de lenha deixado ainda aceso
na estrada, no meio da cinza
do último bivaque dos Bandeirantes...

E enquanto o fumo espirala, cerrando os meus olhos,
fatigados do assombro das tuas visões,
eu fico sonhando com o teu atordoante futuro,
Cidade de espantos!"

Rodrigues de Abreu

INTRODUÇÃO

O uso e a frequência do fluxo de pessoas nos espaços públicos dos centros urbanos consolidados é determinado através da sua qualidade físico, social e simbólica. Tratando-se de um estudo da rua, segundo Lamas (2014, p. 74) os elementos morfológicos e características são: “fachadas e seu pormenores construtivos, mobiliário urbano, pavimentos, cores, textura, letreiros, árvores, monumentos isolados – uma infinidade de elementos que, organizados entre si, definem a forma urbana”. As características da rua e os usos sociais neste espaço são manifestações culturais, onde a diminuição crescente da função residencial, a falta de serviços 24 horas, a deficiente acessibilidade, o desconforto ambiental; isto é, a alteração da gênese do local, interferem diretamente no processo degradativo e na falta de interesse social no uso e frequência da rua. Cidades vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis, de acordo com Gehl (2010), tem como pré-requisito a existência da vida urbana oferecendo boas oportunidades de caminhar em ruas de pedestres de qualidade. Contudo, a perspectiva mais ampla é que uma infinidade de valiosas oportunidades sociais e recreativas apareça quando se reforça a vida a pé. Jacobs (2011, p. 161) defende que as ruas de pedestres devem ser diversificadas, sendo a diversidade o antídoto para grande parte dos males urbanos que ocorrem com o uso monofuncional: diversidade de usos, de nível sócio econômico da população, de tipologia das edificações, de raças, etc. De acordo com Lynch (2006, p. 106) as vias de pedestres devem ter alguma qualidade singular que as diferencie dos canais de circulação, como concentração de algum tipo de uso, atividades especiais, um pavimento e iluminação diferenciados, sons e cheiros peculiares. Todos esses artefatos fazem com que a rua seja um elemento de orientação e convívio, inexistindo o perigo de seguir pelo “caminho errado”. Cada rua pertence à um lugar específico, e seguindo esse pensamento, o conceito de lugar nos remete à variedades de ambientes produzidos por atividades desenvolvidas a partir de uma maneira própria de habitar de uma pessoa ou um grupo de pessoas, espaços como cenários e recurso de ação, comunicação e suporte de signos (ZÁRATE, 2010, p. 32).

De acordo com Muntañola (2007, p. 17), o lugar é sempre lugar de algo ou lugar de alguém, focando nas inter-relações entre este algo ou alguém que habita o lugar, e posteriormente, o lugar em si. Também o lugar é construído pelos homens de acordo com suas necessidades, sua cultura, gerando uma variedade de entornos. Com isso em mente, o arquiteto, como planejador e projetista de lugares, deve ter a capacidade de se colocar no lugar do outro, uma vez que toda obra deve ser

conscientemente planejada considerando as forças coletivas e individuais, isso quer dizer que, para uma boa intervenção no ambiente construído, o arquiteto precisa conhecer as maneiras como as pessoas e o entorno interagem (CASTRO, 2016). Rapoport (2009, p. 18) evidencia que não se pode admitir que qualquer intervenção seja, necessariamente, para melhor. Os diferentes lugares e comportamentos variam de acordo com a cultura, por isto, se não considerarmos os aspectos sociais, culturais e físicos em conjunto, a intervenção pode não ser a melhor solução. A cultura é uma ideia, um conceito que mostra o que muitas pessoas pensam, acreditam, fazem e como o fazem, compreendendo o conhecimento, a fé, a arte, as leis, a moral, os costumes e qualquer hábito ou habilidade adquirido pela sociedade (RAPOPORT, 2009, p. 131-132).

Assim, a cultura é de grande importância, pois permite distinguir os grupos de usuários, lugares e situações particulares e específicas, nos levando a entender que os estilos de vida são a sua expressão mais concreta. Muntañola (2004, p. 165-167) atesta que esses estilos direcionam a uma impressão de pessoas ideais, levando vidas ideais, com entornos também ideais e, no entanto, sabemos que vidas e lugares ideais são poucos.

Apoiado em Rapoport (2009, p. 25), pode-se dizer que entornos podem desenvolver ou inibir alguns tipos de comportamento, processos cognitivos, estados de ânimo, etc, onde ambientes inibidores têm muito mais efeito sobre as pessoas, e isso nos chama a atenção para o efeito negativo que um ambiente degradado pode ter sobre a população, influenciando até na memória das pessoas em relação ao lugar.

A rua para pedestres em centros urbanos consolidados está configurada pelas edificações que estão à sua volta, sendo algumas significativas pela sua importância histórica, arquitetônica e cultural, constituindo o patrimônio arquitetônico, que deve ser salvaguardado para preservar a memória e a identidade. Para Ricoeur (2003, p. 10), a memória consiste em “fazer presente, não o que já existe, senão, o que tem existido por meio do que já não existe mais”, ou seja, para o autor, a memória nos conduz ao descobrimento e entrelaçamento entre o tempo e o espaço. E por fim, Muntañola (2007, p. 27) declara que “sem um presente tensionado entre o futuro e o passado, não há memória e, sem memória, não há vida”.

Assim, para se pensar em uma intervenção qualitativa em um espaço público degradado, deve-se considerar que o local receba uma proposta como nenhuma outra, específica e adequada à sua cultura e história, tanto em aspectos tangíveis (físico, construído e natural) como intangíveis (representações sociais, imaginário,

simbolismos, valorações), não cabendo em nenhum outro lugar senão ao qual está projetada. Para isso, é necessário conhecer a estrutura identitária local, compreender as regras produtoras e reprodutoras da cidade, ou seja, seu código genético territorial (CASTRO, 2016). Todas essas intervenções e análises sendo vistas e pensadas dentro dos ambientes físico, social e simbólico.

Os espaços públicos, em especial as ruas para pedestres, não permanecem engessadas ao longo dos anos, apresentando configurações e usos que muitas vezes não correspondem ao código genético gerador do espaço.

Vários estudos foram realizados sobre os espaços públicos da rua para pedestres como: a influência do equipamento na revitalização do design urbano (ANANIAN, 2005), a avaliação da qualidade espacial da rua de pedestres (MAGAGNIN et al., 2014), qualidade espacial e conforto em rua de pedestres (FONTES, 2011), entre outros. Ainda faltam estudos que analisem as relações dialógicas cronotópicas dos espaços públicos segundo os ambientes físico, social e simbólico e a relação com seus contextos. Muntañola (2006, 2000, 1996), Zárate (2010), Zúquete (2000), Martins (2016), Castro (2016), Pampana (2017) tem demonstrado a importância dos estudos das relações dialógicas da arquitetura com seu contexto, com base na fundamentação teórica e filosófica de Bakhtin (1997 *apud* SALCEDO; CHAMMA; MARTINS; PAMPANA, 2015) e Ricoeur (2003), em uma análise cronotópica e físico social, nas dimensões ricoeurianas: projeto, construção e uso social. Castro (2016) testa o reconhecimento do código genético do patrimônio tendo como base o método dialógico e dos ambientes físico, social e simbólico. Portanto, os espaços públicos em centros urbanos consolidados merecem estudos que avaliem as dimensões dialógicas cronotópicas das intervenções realizadas pela gestão pública e ou privada.

O caso de estudo dessa pesquisa é a Rua Batista de Carvalho, mais conhecida como o Calçadão, localizada no centro urbano da cidade de Bauru. Esta rua é um caso passivo de estudo pois seu uso sócio-físico foi se modificando com o passar dos anos, degradando o local através da desocupação habitacional, da insegurança causada pela falta de pessoas em determinados horários do dia e da noite, causando um enorme desinteresse dos usuários pelo local. Assim, essa falta de atrativos fez com que a área degradasse, e hoje corre o risco de perder sua identidade e valor afetivo pela população, já que nada tem sido feito na intenção de conter a destruição e descaracterização do sítio arquitetônico, bem como o bom uso público através de reformulações na infraestrutura.

Neste contexto, o objetivo geral dessa pesquisa é avaliar a qualidade da paisagem cultural da Rua Batista de Carvalho segundo os ambientes físico, social e simbólico.

A pesquisa está estruturada em quatro capítulos, sendo o primeiro sobre os Diálogos da paisagem cultural da rua para pedestres em centro urbano consolidado. O segundo aborda o método do Urbanismo Dialógico, analisando o objeto, ou a paisagem cultural da Rua Batista de Carvalho com seu contexto, o centro urbano consolidado de Bauru, e a sua própria paisagem cultural através dos seguintes cronótopos: sua gênese, a configuração da paisagem cultural do Calçadão e o atual Calçadão Batista de Carvalho segundo os ambientes físico, social e simbólico, e as relações entre os ambientes. Para conhecer os ambientes social simbólico sobre o Calçadão, foram aplicados questionários online e visitas “in sito” para o levantamento físico e reconhecimento do lugar. Terceiro, aborda o Centro urbano consolidado de Bauru e sua gestão pública. O quarto e último capítulo estuda a paisagem cultural da Rua Batista de Carvalho e sua paisagem cultural, bem como a análise da qualidade da Rua para Pedestres Batista de Carvalho em Bauru, quadra a quadra.

1. DIÁLOGOS DA PAISAGEM CULTURAL DA RUA PARA PEDESTRES EM CENTRO URBANO CONSOLIDADO

As relações dialógicas sociofísicas e simbólicas da paisagem cultural da rua para pedestres no centro urbano consolidado podem ser analisadas através do urbanismo dialógico, que relaciona o objeto de estudo com seu contexto. Nesta pesquisa o objeto de estudo é a paisagem cultural da rua para pedestres e o contexto é o centro urbano consolidado e sua gestão pública. Assim, a presente pesquisa tem como eixos temáticos o urbanismo dialógico, o centro urbano consolidado, gestão pública e a paisagem cultural da rua para pedestres.

1.1. Urbanismo Dialógico

Muntañola (2000, p. 12) busca fundamentos de uma dialogia entre texto e contexto, onde o contexto é para o texto o lugar da dialogia. O contexto por sua vez está formado por outros textos que contém imagens de um entorno distinto e concebido desde outros lugares. Por se tratar do estudo de um centro urbano consolidado, serão abordados o centro urbano consolidado, lugar, cultura e memória, e por último, o espaço público da rua na paisagem cultural.

Muntañola (2006, p. 63-62) ressalta que a noção arquitetônica está indissolivelmente unida à noção de contestabilidade, ou seja, a capacidade de se dirigir a alguém ou algo desde outro alguém ou outro algo. Esta capacidade de dirigir-se a alguém ou algo é essencial na teoria dialógica, que pressupõe uma intenção de dirigir-se, de comunicar, não “individual”, mas “social”.

A paisagem cultural não permanece estática, ela é dinâmica podendo ser estudada e analisada segundo cronotópos. Bakhtin (2003, p. 36) descreve o cronotopo como a forma de medir a qualidade da distância entre a virtualidade e a realidade, ou seja, analisando a relação sociofísica do lugar (contexto) podemos verificar se a arquitetura, ou no caso desta pesquisa, o urbanismo (texto) daquele local está de acordo com a sua realidade.

Zárate (2010) explica o conceito de urbanismo ambiental, para complementar a ideia de um urbanismo alternativo e inovador:

A partir de principios de 1990 asistimos a una segunda fase de desarrollo del urbanismo ambiental, comandado principalmente por una vertiente de diseño ambiental italiano, en la que la preocupación es acentuada por la incorporación de perspectivas y conceptos propios de los estudios culturales urbanos. El foco es reorientado hacia el ambiente del hombre y, así, intentar obtener una visión más sensible con aspectos específicos de las ciencias sociales

considerados en el campo del desarrollo urbano¹ (ZÁRATE, 2010, p.30).

Também, podemos chamar o urbanismo ambiental de urbanismo dialógico, que estabelece as relações entre os ambientes físicos, sociais e simbólicos, encontrando o seu código genético, que, segundo Zárate (2015):

El código genético del lugar, es decir, las relaciones entre ambiente físico, social y simbólico, es el objeto de estudio teórico del tipo de urbanismo que aquí se propone. Se trata de un estudio complejo, que surge articulaciones sociofísicas, o congruencias entre ambiente físico y ambiente social; articulaciones socioimbólicas, o correspondencia entre ambiente social y ambiente simbólico; y, articulaciones simbólico-físicas, o correspondencia entre ambiente simbólico y ambiente físico. De esta manera, el estudio de cualquier problema urbano siempre estará contenido dentro de este sistema de lugares que es la ciudad, y en consecuencia, la naturaleza particular del problema, será estudiada en referencia a su contexto ambiental o lugar de pertenencia y sentido ² (ZÁRATE, 2015, p. 164.).

Com as definições dos ambientes físico, social e simbólico, cria-se as relações para a possível interpretação do código genético do lugar. O código genético do lugar é bastante complexo, pois envolve as articulações entre ambientes físico, social e simbólico, e isso quer dizer que, é dessa mistura que surge articulações sociofísicas, ou congruências entre ambiente físico e ambiente social; articulações sócio-simbólicas, ou correspondências entre ambiente social e ambiente simbólico; e, articulações simbólico-físicas, ou correspondências entre ambiente simbólico e ambiente físico. Ou seja, qualquer problema urbanístico sempre abrangerá o conteúdo deste sistema de lugares, que formam a cidade, e conseqüentemente, será estudada a origem do problema referente ao seu contexto ambiental, que nada mais é que o lugar e o sentido do pertencimento (ZÁRATE, 2015, p. 164).

¹ A partir de princípios de 1990 assistimos a uma segunda fase de desenvolvimento do urbanismo ambiental, comandado principalmente por uma vertente de desenho ambiental italiano, em que a preocupação é acentuada pela incorporação de perspectivas e conceitos próprios dos estudos culturais urbanos. O foco é reorientado para com o ambiente do homem e, assim, tentar obter uma visão mais sensível com aspectos específicos das ciências sociais considerados no campo do desenvolvimento urbano.

² O código genético do lugar, ou seja, as relações entre ambiente físico, social e simbólico, é o objeto de estudo teórico do tipo de urbanismo que aqui se propõe. Trata-se de um estudo complexo, que surge articulações sociofísicas, ou congruências entre ambiente físico e ambiente social; articulações sociosimbólicas, ou correspondências entre ambiente social e ambiente simbólico; e, articulações simbólico-físicas, ou correspondências entre ambiente simbólico e ambiente físico. Dessa maneira, o estudo de qualquer problema urbano sempre estará contido dentro deste sistema de lugares que é a cidade, e em consequência, a natureza particular do problema, será estudada em referência a seu contexto ambiental ou lugar de pertencimento e sentido.

1.2. Centro urbano consolidado

O centro urbano é o vestígio vivo das manifestações sociais, econômicas, políticas e culturais de cada período, e são relevantes para a história, as artes, a ciência e a memória coletiva de uma sociedade. O espaço urbano do centro contém a origem da cidade e com isso, o seu traçado urbano inicial. Abrange uma arquitetura residencial, e também comercial, que representa a tecnologia e o modo de vida de um determinado grupo social de um período e, por vezes, manifesta a influência externa (SALCEDO, 2007, p. 57).

Para Balbim (2008, p. 142), o centro urbano consolidado refere-se aos bairros densamente urbanizados, com infraestrutura consolidada, alta concentração de serviços, equipamentos culturais, urbanos e transporte coletivo e que, em muitos casos, polarizam o emprego na cidade.

De acordo com Santos (1981, p. 181), o “centro urbano da cidade” caracteriza-se:

Por uma paisagem arquitetural e humana mais complexa que nos setores precedentes. Além do mais, sua localização não é necessariamente central [...] nos países subdesenvolvidos suas características mais marcantes são a de constituir o módulo principal da rede de vias urbanas (quanto a este ponto, pode haver vários centros dentro de uma mesma cidade) e de apresentar uma forte concentração de serviços de todos os níveis, especialmente o comércio (SANTOS, 1981, p. 181)

É válido ressaltar que o conceito de “centro urbano” diz respeito à funcionalidade econômica (SALCEDO, 2007, p. 23). Já Villaça (2001, p. 237) contextualiza o centro urbano consolidado ressaltando que “o centro é centro porque ali estão o grande comércio e as sedes das grandes instituições”. Se buscar entender o centro como um ponto de orientação que visa o suprimento das necessidades materiais e imateriais, o centro urbano não é apenas o local da concentração do comércio e do sistema financeiro, mas, o local onde as atitudes e anseios de grupos se realizam por meio da prática sócio-espacial.

Segundo Montessoro (2006, p. 47), os centros passam pela análise das questões sociais, pois não podemos caracterizar o centro urbano apenas pelas formas que agrupa, pelas funções que se desenvolvem de acordo com esses agrupamentos ou somente pela expressão da simbologia que lhe dá o caráter de centro. É preciso analisar os grupos sociais e as relações entre a própria cidade e a sociedade. Assim, o mesmo pode ser entendido como uma área de maior acessibilidade no interior das cidades, que concentra e dispersa para se concentrar novamente em outras áreas.

O centro urbano não é apenas o local da concentração do comércio e do sistema financeiro, mas, o local onde as atitudes e anseios de grupos se realizam por meio da prática socioespacial. Já Montessoro (2006) ressalta que os centros:

passam pela análise das questões sociais, pois não podemos caracterizar o centro urbano apenas pelas formas que agrupa, pelas funções que se desenvolvem de acordo com esses agrupamentos ou somente pela expressão da simbologia que lhe dá o caráter de centro. É preciso analisar os grupos sociais e as relações entre a própria cidade e a sociedade. Assim, o mesmo pode ser entendido como uma área de maior acessibilidade no interior das cidades, que concentra e dispersa para se concentrar novamente em outras áreas (MONTESSORO, 2006, p. 47).

Muitos desses centros abrigam nela ou próximo à ela seu símbolo maior, a igreja matriz, assim, outras questões devem ser levadas em consideração, como o encontro e o desencontro das pessoas nos espaços centrais com interesse religioso.

Os centros se caracterizam ou se reafirmam por meio dos fluxos, que não transferem para outros locais, o que expressaria novos eixos de centralidade, cuja expansão do tecido urbano e o conseqüente surgimento de novos equipamentos comerciais e de serviços, permitiriam criar e recriar novos espaços de circulação em decorrência dos novos papéis do centro urbano.

De acordo com Gottinier (1993), as inovações tecnológicas dos transportes impulsionaram uma maior diferenciação na mobilidade das pessoas pela cidade. O centro não é acessível a todos na cidade, somente parte da população com poder de locomoção usufrui da vida nestes locais.

E por fim, Beaujeu-Garnier (1980, p. 339), no final do século XX, tratando sobre estes centros, afirmava que estes eram a

própria expressão do poder urbano, o coração vivo da cidade. Pela sua localização e extensão, pelos tipos de atividades nele concentrados, o estado de modernização ou de abandono que revela, os trabalhos que lhe asseguram a permanência, o progresso ou a reconquista, o centro de negócio traduz as fases da política administrativa, assim como os das capacidades locais, nacionais e, por vezes, internacionais.

Por outro lado, o centro urbano consolidado tem características específicas que lhe são atribuídas segundo o lugar.

1.2.1 Lugar

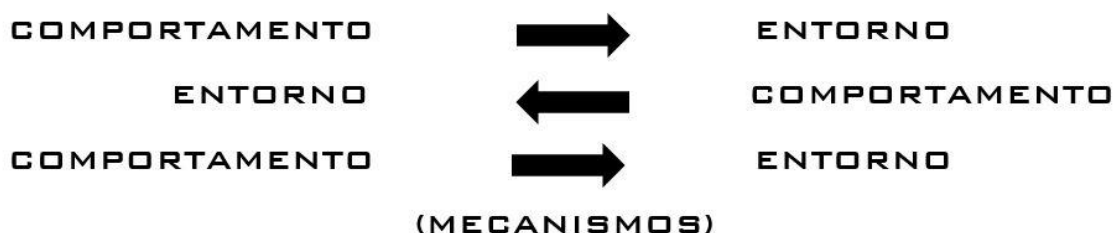
O conceito de lugar, de acordo com Muntañola (2000, p.17) faz parte da tríade lugar, história e pessoa, sendo que sem o lugar não teria como relatar uma história ou a existência de uma pessoa, e assim ressalta que:

Se rompe la razón entre la historia y el sujeto; el lugar permite al sujeto navegar por la historia y permite a la historia «situar» al sujeto. Juntos (el sujeto, la historia y el lugar) son capaces de multiplicarse y desarrollarse (MUNTAÑOLA, 2000, p. 17).

Ainda segundo Muntañola (2007, p. 17), o lugar é sempre lugar de algo ou lugar de alguém, focando nas inter-relações entre este algo ou alguém que habita o lugar, posteriormente, o lugar em si. Também o lugar, é construído pelos homens segundo suas necessidades, sua cultura (BONI & SALCEDO, 2017).

Dessa articulação, resulta que o entorno construído atua diretamente no comportamento humano, modificando-o e vice-versa. O entorno determina o comportamento humano, da mesma maneira que é modificado pelo comportamento (figura 1). Para o bom desenho, uma boa intervenção no ambiente construído, deve-se ter conhecimento das formas de interação entre as pessoas e o entorno. O arquiteto, como construtor de lugares, deve ter a capacidade de se colocar no lugar do outro, uma vez que toda obra deve ser conscientemente planejada considerando as forças coletivas e individuais (CASTRO, 2016).

Figura 1 - Contexto modificando o texto, e vice-versa.



Fonte: autora, 2018, baseado em Rapoport 2009, p. 23.

Assim, para se pensar em uma intervenção qualitativa em um espaço público degradado, deve-se considerar que o local receba uma proposta como nenhuma outra, específica e adequada à sua cultura e história, tanto em aspectos tangíveis (físico, construído e natural) como intangíveis (representações sociais, imaginário, simbolismos, valorações), não cabendo em nenhum outro lugar senão ao qual está projetada. Para isso, é necessário conhecer a estrutura identitária local (figura 1),

compreender as regras produtoras e reprodutoras da cidade, ou seja, seu código genético territorial (CASTRO, 2016).

1.2.2. Cultura

A cultura é um conceito, uma marca que indica o que muitas pessoas pensam, creem, assim como suas atividades. Abrange a fé, o saber, as artes, as leis, a ética, os costumes e qualquer habilidade adquirida pelo homem membro da sociedade, bem como o seu modo de vida, seus princípios, ideais, regras, comportamentos habituais, etc. (RAPOPORT, 2009, p. 131-132).

Assim, pode-se compreender que os conceitos de memória, cultura e a identidade estão totalmente ligados dentro do processo histórico de uma sociedade em constante evolução:

cada cultura representa um conjunto de valores único e insubstituível, já que as tradições e as formas de expressão de cada povo constituem sua maneira mais acabada de estar presente no mundo e a identidade é uma riqueza que dinamiza as possibilidades de realização da espécie humana, ao possibilitar sua nutrição com seu passado e a acolher as contribuições externas compatíveis com sua especificidade, e continuar com o processo de sua própria criação (IPHAN, 2004, p. 272).

Portanto, uma vez que os centros urbanos consolidados representam a origem da cidade, a memória é uma categoria relevante para considerar nas intervenções urbanas e entender as percepções dos usuários sobre o lugar.

1.2.3. Memória

Para Ricoeur (2003, p. 10), a memória consiste em “fazer presente, não o que já existe, senão, o que tem existido por meio do que já não existe mais”, ou seja, para o autor, a memória nos conduz ao descobrimento e entrelaçamento entre o tempo e o espaço. E Muntañola (2007, p. 27) declara que “sin un presente tensado entre el futuro y el pasado, no hay memoria y, sin memoria, no hay vida”³.

Segundo Menezes a memória como construção social é:

formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional. [...] é operação

³ “Sem um presente tensionado entre o futuro e o passado, não há memória e, sem memória, não há vida.” (Muntañola, 2007, p. 27).

ideológica, processo psicossocial de representação de si próprio, que reorganiza simbolicamente o universo das pessoas, das coisas, imagens e relações, pelas legitimações que produz (MENESES, 1992, p. 22).

Ainda Meneses (1992) define três tipos de conceitos sobre memórias, que são: as memórias nacionais, as memórias coletivas, e as memórias individuais. As memórias nacionais são o conteúdo de cultura que revela a identidade nacional. As memórias coletivas se restringem a um grupo distinto, como um bairro ou uma religião. E por fim, as memórias individuais seriam a memória do indivíduo, como uma lembrança pessoal, como por exemplo, a gangorra de uma praça na qual brincava quando criança.

A importância da memória para a percepção da paisagem cultural de um espaço se dá através do entendimento de como os entornos podem desenvolver ou inibir alguns tipos de comportamento, processos cognitivos, estados de ânimo, etc. (RAPOPOPORT, 2009, p. 25).

O ser humano tem uma excelente capacidade de lembrar e imaginar lugares, a percepção e a memória interagem constantemente, onde “a esfera do presente se funde com imagens de memória e fantasia” (PALLASMMA, 2011, p. 64).

1.2.4 Identidade

As discussões sobre o termo *identidade* na teoria social, frequentemente, foram apropriadas pelo campo do patrimônio cultural. Assim, de acordo com o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), identidade se relaciona com a concepção que o indivíduo tem de si mesmo e do seu pertencimento e sua afiliação a grupos.

Entretanto, é consenso nas ciências sociais pensar que nem o indivíduo se constitui alheio a seu contexto social e nem a sociedade é um todo exterior e alheio às especificidades das trajetórias individuais. Berger e Luckmann (2004, p. 179) afirmam que “a identidade é um elemento-chave da realidade subjetiva e [...] encontra-se em relação dialética com a sociedade”. Nesse caso, a individualização é entendida como o resultado da socialização e a identidade é formada na interação entre o “eu” e a sociedade (HALL, 2001). Portanto, as identidades são sociais e os indivíduos se projetam nelas, ao mesmo tempo em que internalizam seus significados e valores, contribuindo assim para alinhar sentimentos subjetivos com as posições dos indivíduos na estrutura social.

A identidade se tornou uma “celebração móvel”, continuamente transformada em relação às formas pelas quais os indivíduos são interpelados nos sistemas culturais (HALL, 2001; BAUMANN, 2005). As práticas de preservação do patrimônio cultural passaram a ser apropriadas como instrumento de construção de cidadania e afirmação social de identidades de grupos que demandam visibilidade social e acesso a direitos.

O Decreto 3.551, de 4 de agosto de 2000, através do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, veio reconhecer que o campo cultural diz respeito à totalidade da vida social e como tal é preciso considerar que as expressões culturais que fazem referência a identidades, tal como essas se redefinem no dia a dia, não devem ser tratadas como algo cristalizado. A ideia de continuidade do patrimônio imaterial se relaciona com a reiteração e a recriação constante das manifestações culturais pelos grupos e comunidades. Nessa perspectiva, é possível pensar que a identidade é “um caminho para a emancipação, mas também uma forma de opressão” (BAUMANN, 2005, p. 94) e cada vez mais tem sido recurso retórico/metonímico dos processos de patrimonialização que nem sempre visam a fins que se relacionem com a preservação de uma identidade, pois muito do que distingue identidades permanece num estatuto de não reconhecido (PEIXOTO, 2004).

O centro urbano consolidado abriga as diversas paisagens culturais, uma delas é a paisagem cultural da rua para pedestres, objeto de estudo de nossa pesquisa.

O urbanismo dialógico é, necessariamente, uma perspectiva que não permite afastar a arquitetura de seu contexto histórico e geográfico onde se desenvolveu, no qual a interação das dimensões do próprio lugar construiu tramas narrativas, regularidades estruturais, padrões, e são articulados pelos cronotópos do território que nada mais é que o tempo-espço e sentido de lugar.

1.3. Gestão Pública

A gestão pública é quem define os trajetos ou as etapas a serem seguidas para o desenvolvimento dos municípios, ou seja, a ideia de gestão pública veio de referência dos moldes das empresas privadas. Neste caso a gestão pública tem como diferença os interesses e necessidades da população, sendo então as decisões tomadas de acordo com estas condicionantes. (COUTINHO, 2000).

Para Lima (2007), gestão pública refere-se aos atos administrativos classificados por métodos como o planejamento, programação, orçamento, execução,

controle e avaliação das políticas que venha efetivar as ações de políticas públicas, executadas, pelas organizações públicas ou privadas.

Interessante que as responsabilidades da gestão pública não se limitam apenas ao setor público, e sim também com o auxílio da sociedade, sendo ela a responsável por fiscalizar as ações realizadas pelo setor público. De acordo com Ribeiro et al (2003, p. 96):

A tarefa de planejar a cidade passa a ser função pública que deve ser compartilhada pelo Estado e pela sociedade – co-responsáveis pela observância dos direitos humanos e pela sustentabilidade dos processos urbanos. A gestão democrática é o método proposto pela própria lei para conduzir a política urbana (RIBEIRO et al, 2003, p. 96).

A mobilidade urbana e a infraestrutura compreendem tema relevante para o desenvolvimento do país e, em específico, para o setor de varejo. Outros aspectos, como o ordenamento do trânsito e a revitalização dos centros comerciais nos municípios e cidades, também são alvo desse importante desafio para o comércio e serviços (SEBRAE, 2018).

Ao longo dos levantamentos realizados nos diversos seminários do PNDV – Programa Nacional do Desenvolvimento do Varejo do Sebrae para o período de 2016 à 2018 verificou-se, quanto a este tema, que a infraestrutura dos municípios para o bom funcionamento do comércio local merece aprimoramentos imediatos, tais como: estacionamentos rotativos públicos e/ou privados para veículos, manutenção de equipamentos públicos (limpeza e conservação de praças, parques, logradouros, banheiros públicos, padronização de calçadas, pavimentação de ruas e outros espaços públicos), melhoria da iluminação pública, acessibilidade para pessoas com deficiência física e idosos, paisagismo, arborização urbana e poda de árvores (SEBRAE, 2018).

Outro fator relevante é a necessidade de melhor ordenamento do trânsito, incluindo corredores com sinalização e integração do transporte entre os bairros e o centro das cidades, estabelecimento de horários de carga e descarga, desvio do tráfego pesado para vias alternativas dos municípios e melhoria do transporte público, com alternativas para acesso facilitado às lojas e aos corredores comerciais nos municípios (SEBRAE, 2018).

Entre os principais atores que devem ser mobilizados para soluções aos desafios citados, destacam-se: frentes parlamentares nacionais, estaduais e municipais; Prefeituras Municipais, por meio das suas Secretarias de Serviços

Urbanos, Obras Públicas, Trânsito, Transportes ou equivalentes; Câmaras de Vereadores; lideranças políticas locais (vereadores e deputados estaduais) e nacionais (deputados federais e senadores); lideranças empresariais; Poder Judiciário; Ministério Público (SEBRAE, 2018).

Para este tema, foram mapeadas algumas propostas de políticas públicas para o varejo, de grande relevância e que merecem comentários:

- a) Desenvolver e implantar programa estadual de requalificação ou revitalização dos territórios ou corredores comerciais nos estados da federação, observando as especificidades e a realidade dos municípios envolvidos e considerando potenciais parcerias com a iniciativa privada, bem como financiamentos públicos federais e estaduais.
- b) Reformular e atualizar as políticas e os planos de mobilidade urbana das cidades, com a participação ativa das lideranças do varejo local, de forma que os investimentos e projetos visem à melhoria da qualidade de vida e ao fluxo de pessoas e veículos.
- c) Propor amplo debate com o poder público e as lideranças lojistas das cidades, para fazer cumprir a lei orgânica e adequar o código de obras e postura do município ao momento atual, visando à efetiva melhoria da mobilidade urbana e da infraestrutura.
- d) Promover a reformulação e aprimoramentos das leis que regem a acessibilidade no Brasil, de forma a adequá-las à realidade do país (Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que visa à promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, e Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, que instituiu a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – Estatuto da Pessoa com Deficiência).
- e) Concluir as obras públicas federais, estaduais e municipais já iniciadas, algumas com anos de espera, e implantar melhorias efetivas na infraestrutura de estacionamentos públicos e/ou privados, manutenção continuada (preventiva e corretiva) de equipamentos públicos, iluminação pública, acessibilidade para pessoas com deficiência física e mobilidade reduzida, paisagismo e arborização urbana.
- f) Criar legislações municipais visando ao melhor ordenamento do trânsito local, sintonizadas com o Código de Trânsito Brasileiro (Lei nº 13.281, de 4 de maio de 2016) e discutidas com as lideranças da comunidade, inclusive os líderes do varejo local.

- g) Desenvolver programas e projetos de infraestrutura e mobilidade urbana que impactem na melhoria das condições sociais e na qualidade de vida dos munícipes, como a resolução, de forma efetiva e humana da incidência de indivíduos em situação de rua em inúmeras cidades brasileiras, a universalização do saneamento básico, a implantação de política hídrica em todos os estados e a melhoria dos transportes e da segurança pública.

O Calçadão da Batista de Carvalho teve seu espaço público criado em 1992, e conforme seu uso, perdeu sua configuração inicial e características. Através dos anos, sofreu transformações e perdas de interesse da população em usufruir seu espaço de formas variadas. Todas essas mudanças sofridas só foram possíveis por conta de ações planejadas pelas diferentes gestões públicas regentes neste intervalo.

1.4. Paisagem cultural da Rua para Pedestres

A Carta de Recomendação da Europa de 1995 (apud IPHAN, 1995) ressalta que a paisagem é caracterizada pela:

maneira com o qual determinado território é percebido por um indivíduo ou por uma comunidade, dando testemunho ao passado e ao presente do relacionamento existente entre os indivíduos e o meio ambiente, de forma a ajudar a definir culturas locais, sensibilidades, práticas, crenças e tradições (RECOMENDAÇÃO DA EUROPA, 1995 apud IPHAN, 1995).

Godoy (2011, p. 32) define a paisagem cultural como um grande arquivo da história do homem e da natureza: um palimpsesto. A paisagem está em constante transformação onde se encontram traços do passado e do presente misturados no mesmo espaço, formando uma estratificação complexa. O somatório da memória da população cria uma imagem coletiva, que se reflete também individualmente na mente de cada morador.

Dentro desta perspectiva, para Jean Marc Besse (2006) e suas “Cinco portas da Paisagem”, existem cinco tipologias que podem definir o conceito de Paisagem, sendo: a) Paisagem como Representação Cultural, ou seja, uma maneira de pensar e ver as coisas do ponto de vista de cada ser humano; b) Paisagem como Território Fabricado e Habitado, onde ler a paisagem é extrair os modos de organização do espaço; c) Paisagem como sistema, sistema entre o natural e o social, articulando os elementos naturais e culturais em uma totalidade objetiva; d) Paisagem como Experiência fenomenológica, ou, o conjunto de ideais e memórias que unem as pessoas, e por fim, e) Paisagem como projeto, através das relações que o edifício mantém com seu contexto: solo, território e seu entorno.

Berque (1998) considera que a leitura da paisagem, enquanto *marca* e *matriz* da cultura, pode ser uma das estratégias de compreensão. A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas também é uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação, ou seja, da cultura, que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem do seu ecúmeno.

Já o geógrafo Claval (2001) insere seus estudos nesta linha de pensamento, entendendo que a *paisagem* constitui um documento importante para compreender as culturas e afirma que a interpretação resultante é frequentemente ambígua. No entanto, imagina-se que a paisagem traz a marca da atividade produtiva dos homens e de seus esforços para habitar o mundo, adaptando-o às suas necessidades.

Rapoport (2003, p 44) diz que a definição mais fundamental e abstrata (o entorno como organização do espaço, tempo, significado e comunicação) se expressa fisicamente como paisagens culturais em diferentes escalas: desde a escala regional, passando pela paisagem urbana, até a paisagem da habitação.

Segundo Rapoport (2003, p.53), o conceito de paisagem cultural vem da geografia cultural, e refere-se aos resultados de interação entre ações humanas e paisagem primária que se desenvolve no tempo, de forma que quanto mais a paisagem é modificada pelo homem, mais cultural ela é.

Muntañola (S/D) interliga o conceito de paisagem cultural com as relações cronotópicas do lugar:

Como interfase entre el individuo y su colectividad el paisaje cultural sufre consecuencias de un orden cronotopico en equilibrio inestable, incesantemente sometido a las fuerzas más profundas de la supervivencia de nuestra especie⁴ (MUNTAÑOLA, S/D).

Portanto, a paisagem cultural não permanece estática, ela muda com a ação do tempo e das intervenções realizadas pelas pessoas, na maioria das vezes, pela gestão pública.

Sobre a evolução da paisagem cultural, a Recomendação R95 ressalta:

partes específicas, topograficamente limitadas da paisagem, formadas por várias combinações de agenciamentos naturais e humanos, que ilustram a evolução da sociedade humana, seu estabelecimentos e seu caráter através do tempo e do espaço e quanto de valores reconhecidos tem adquirido social e culturalmente em diferentes níveis territoriais, graças a presença de remanescentes

⁴ Como interfase entre o indivíduo e sua coletividade a paisagem cultural sofre consequências de uma ordem cronotópica em equilíbrio instável, incessantemente submetido às forças mais profundas da supervivência de nossa espécie.

físicos que refletem o uso e as atividades desenvolvidas na terra no passado, experiências ou tradições particulares, ou representação em obras literárias ou artísticas, ou pelo fato de ali haverem ocorrido fatos históricos (IPHAN, 2004, p. 331).

Segundo Rossi (1964, p. 127-137), tipologia construtiva e morfologia urbana têm uma relação dialética, onde a paisagem cultural é interdependente da forma construtiva. A cidade é o princípio ordenador no qual se desenvolvem e estruturam os tipos construtivos que integrarão a paisagem cultural. Em nosso estudo de caso, o estudo da rua como elemento da paisagem.

1.4.1. Rua

A rua deve ser entendida como espaço público, destinado ao uso e convívio comum da população de uma determinada sociedade, prestando e exercendo diversas funções, como reunião de pessoas para comércio, lazer, trabalho, religião, moradia ou cultura (SORIANO, 2006).

Em determinadas situações, o espaço público pode assumir conceituações diferenciadas mediante seu contexto e sua relação com a cidade durante a história, caracterizando conceitual e estruturalmente a sua inserção na malha urbana, ou seja, modifica-se através do tempo descrevendo a contextualização social, política, cultural e urbanística característica de cada momento (SORIANO, 2006).

É esta sinestesia que transforma o lugar público num espaço social que propõe uma integração harmoniosa entre cidadão, paisagem e lugar edificado propiciando uma situação ideal para o desenvolvimento de atividades sociais e identificação com a memória da cidade (ANANIAN, 2005).

Gehl (2010, p. 28) expressa que os espaços públicos da cidade são democraticamente geridas, como um local que garante acesso e oportunidades de expressão de todos os grupos da sociedade e liberdade para atividades alternativas. É significativo que todos os grupos sociais, independente de raça, fé, renda ou status, possam se encontrar nesses espaços ao se deslocarem para suas atividades diárias, sendo essa uma boa forma de fornecer informação geral para qualquer um sobre a composição e universalidade da sociedade. Além disso, faz com que as pessoas sintam-se mais seguras e confiantes quanto à experimentação dos valores humanos comuns reproduzidos em diferentes contextos. Um dos elementos do espaço público é a rua, objeto de estudo da nossa pesquisa.

A rua é o principal espaço público das cidades, tanto por sua extensão como pela sua acessibilidade e atividades que contém. É nela que acontece o encontro social, que fortalece o espaço através do seu uso. É também na rua que acontecem as mais variadas festividades e comemorações, e para além disso, é onde as pessoas se encontram para vivenciar as várias atividades do dia e noite, dependendo do uso do espaço.

Analisando o funcionamento diário de uma rua, pode-se dizer que ela permite a circulação de pessoas, veículos e dá acesso às moradias, sejam elas casas ou edifícios, bem como ao comércio e serviços, e dependendo de onde estiverem localizadas, abrigam as mais variadas empresas e instituições. As instalações da rua são feitas de forma subterrânea, como pode ser o serviço de água, gás e esgoto, e de instalações aéreas, como a fiação de eletricidade ou de telefone. Comumente possui vagas para estacionamento e lugares para coleta de lixo, iluminação pública, lugares para descanso e para lazer das pessoas, podendo ser de uma só mão ou de mão dupla, dependendo do espaço para o qual ela foi projetada.

A rua manifesta-se dentro da cidade através do seu desenho ou de suas formas, enquanto lugar de realizações sociais, ou seja, a rua é onde se materializam as transformações na trama física e na paisagem da cidade e, além disso, ainda é o lugar das manifestações das relações sociais, das diferenças e das normatizações do cotidiano em variados momentos históricos.

Desta forma, se por um lado a formação da rua “é um alinhado de fachadas, por onde se anda”, ou mesmo um “caminho público ladeado à direita e à esquerda de casas, paredes ou muros no interior das povoações”, podendo ser também uma “via pública para circulação urbana, total ou parcialmente ladeada de casas”, igualmente é o “fator de vida das cidades” (SALES; ANDRADE, MAIA, 2005, p.61).

As ruas são cheias de simbolismo, com as qualidades formais que se transformam numa paisagem com o passar dos anos. Uma rua revela uma grande variedade de imagens que produz contrastes, trazendo dinamismo ao espaço (JANUZZI, 2006, p. 102).

Podemos definir rua de diversas maneiras, como caminho, avenida, percurso, rota, entre outros sinônimos, mas, de maneira simples, Moughtin (1992) considera que podemos distinguir a rua como um caminho de superfície linear ao longo da qual o movimento acontece entre edifícios adjacentes (JANUZZI, 2006, p. 102).

As ruas das cidades servem a vários fins além de comportar veículos, e as calçadas – a parte das ruas que cabe aos pedestres – servem a muitos fins além de

abrigar pedestres. Esses usos estão relacionados à circulação, mas não são sinônimos dela, e cada um é, em si, tão fundamental quanto a circulação para o funcionamento adequado das cidades.

A rua é uma abstração. Ela só significa alguma coisa junto com os edifícios e os outros usos limítrofes a ela ou a calçadas próximas, além de suportar o trânsito sobre rodas em seu leito. As ruas e suas calçadas, principais locais públicos de uma cidade, são seus órgãos mais vitais.

Dentre as ruas, estão a rua para pedestres, objeto de estudo desta pesquisa.

1.4.2. A Rua para Pedestres na história

A rua, assim como outros espaços públicos contidos nas cidades, passou por diversas transformações ao longo da história, seguindo as mudanças sociais e culturais da sociedade.

Foi no período entre guerras que surgiram as ruas fechadas ao tráfego, em vias comerciais estreitas cuja ampliação não era possível ou desejada, e assim, o convívio entre veículos e pedestres se tornou difícil (MONHEIM, 1979).

Já no período do pós-guerra, às áreas periféricas sofreram um grande crescimento, e isso fez com que surgissem novos centros comerciais e os shopping centers para competir com as antigas áreas comerciais. Desta forma, houve um esvaziamento populacional da área central das cidades, ao mesmo tempo em que surge o problema do congestionamento de tráfego, principalmente no centro comercial (JANUZZI, 2006, p. 102).

De acordo com Gosling e Maitland (1984), a criação das ruas de pedestres no centro das cidades foi parte de uma estratégia maior entre poder público e privado para equilibrar mudanças, como as rupturas no tráfego de veículos e alterações nos hábitos de fazer compras.

Pode-se dizer que esses projetos foram tentativas de conciliar os padrões de crescimento econômico, na tentativa de renovar a área central afim de estimular as cidades dentro das novas formas de competição do mercado. É na segunda metade do século XX que grande número de projetos surgem na tentativa de reconstruir partes da área central, formando unidades urbanas coesas tanto administrativa como fisicamente, para estimular a atividade econômica (JANUZZI, 2006, p. 102).

Januzzi (2006) analisa que apesar do receio inicial dos comerciantes e moradores das áreas centrais, a implantação das ruas exclusivas para pedestres,

onde os veículos foram excluídos, surtiu efeito, através de poucas mudanças físicas no espaço, contribuindo para as vendas no varejo.

Os primeiros registros de ruas de pedestres projetadas e implantadas de que se tem notícia são a Holstenstrasse, de Kiel, e a Kortumstrasse, de Bochum, ambas na Alemanha, no ano de 1951, e a Lijnbaan, de Rotterdam, na Holanda, em 1953 (MONHEIM, 1977; GOSLING & MAITLAND, 1984).

Em Munique, na época dos Jogos Olímpicos de 1972, na Alemanha, a criação da rua de pedestres foi motivada por um empreendimento numa área de compras de Kaufingerstrasse e na Neuhauserstrasse, com projeto que incluía uma rua de pedestres no sentido leste-oeste localizada opostamente ao centro antigo da cidade, com possibilidade para uma futura ampliação no sentido norte-sul. A primeira fase, no sentido leste-oeste, gerou um espaço público com 700 metros de comprimento unificado por 22 metros de largura, abraçando várias praças até o centro antigo da cidade, indo do Karlstor medieval até os portões de Rathaus (GOSLING & MAITLAND, 1984).

Essa rua alemã de pedestres situa-se na principal parte comercial da cidade, onde a Hertie e Galeria Kaufhof, duas grandes lojas de departamentos, estão. Fora isso, ali também se encontram a catedral gótica Frauenkirche, a prefeitura Neues Rathaus, também construída no estilo gótico, e possui acesso à estação do metrô Karlsplatz (HEIN, 1999).

Olhando pelo viés comercial, esse espaço público foi um sucesso, pois proporcionava um conveniente centro de compras concentrado, aglomerando pessoas que compravam, entretinham e participavam de eventos ao longo da sua extensão, e tal situação era uma novidade para a vida da cidade (GOSLING & MAITLAND, 1984).

Afim de restabelecer e melhorar a integração do centro urbano comercial, muitas cidades fizeram um programa similar ao de Munique, e assim, as ruas de pedestres dos centros das cidades começaram a surgir à partir de uma única rua e depois foram se estendendo para ruas próximas.

A cidade de Copenhague, na Dinamarca, abriga uma das ruas de pedestres mais extensas que se tem registros e que até hoje é a mais importante rua comercial da cidade. Conhecida como Stroget, foi construída em 1962 com 1,6 quilômetros, e desde então, permaneceu em contínuo processo de renovação e revitalização. Segundo Ornstein (1999), Copenhague detém o posto de quinta cidade do mundo com maior quantidade de vias exclusivas para pedestres, com aproximadamente 3,7

quilômetros. A primeira do ranking é Zurique, na Suíça, com aproximadamente 8 quilômetros.

No ano de 1973, cessou-se a criação de rua para pedestres em Copenhague, desde então, a prefeitura vem focando na melhoria e revitalização das praças existentes, através do tratamento dos pisos, acessibilidade e melhor infra-estrutura para a população. O centro urbano de Copenhague abriga poucas residências, porém, existe ali uma significativa diversidade de serviços, como lojas, bares, hotéis e restaurantes, que estão distribuídos homogeneamente no seu decorrer, permitindo seu funcionamento até as 23 hrs.

A reformulação de ruas geralmente começa com a proibição do tráfego de automóveis, e em muitas situações, acabam incluindo nova pavimentação, novo mobiliário urbano, melhor arborização, novos equipamentos ornamentais como fontes e abrigos, novos equipamentos de infraestrutura, e ruas com espaços cobertos, que possibilitam facilidades para os usuários.

Assim, com 600 metros de comprimento, a cidade de Quebec, no Canadá, teve a transformação da St. Joseph concluída em 1974, e foi considerada um empreendimento de grande sucesso com sua nova rua de pedestres (GOSLING & MAITLAND, 1984).

Já nos Estados Unidos, mais precisamente em Michigan, a primeira rua de pedestres de que se tem conhecimento é a Burdick Street, localizada no centro de Kalamazoo. Foi idealizada em 1958 pelo especialista em shopping centers Victor Gruen. Sua configuração aconteceu em 1960, abrangendo dois quarteirões que fecharam a Burdick Street para o tráfego de veículos, com projeto que incluía mobiliário, elementos decorativos, vegetação e pisos característicos de um shopping center (BARNETT, 1982; ALEX apud LEME E VENTURA, 2000).

Também com projeto do especialista Victor Gruen, em parceria com o paisagista Garret Eckbo, foi inaugurado em 1964 na cidade de Fresno, na Califórnia, um calçadão com a adição de mobiliário, tratamento de piso e de vegetação.

Em Miami, a conhecida Lincoln Road Mall, criada na década de 1960, foi transformada em rua exclusiva para pedestres, fechada totalmente ao tráfego de veículos, constando de vegetação, mobiliário, e outros equipamentos (ALEX apud LEME E VENTURA, 2000).

Na década de 90, a cidade de Kobe, no Japão, criou uma nova imagem para a cidade para o Século XXI, que refletia um novo estilo de vida através do *slogan Kobe Dream Experience* (A Experiência dos Sonhos de Kobe). A cidade promoveu diversos

planos de renovação urbanística, sendo que em um deles, uma rua foi designada para criar uma imagem simbólica da cidade. Assim, nasceu a *Via da Flor*, que foi ornamentada com flores, esculturas e mobiliário, centro cultural e de informação internacional, afim de promover um espaço urbano de uso comum dos edifícios arredores. A *Via da Flor* é uma rua importante para Kobe, pois conecta o centro com a estação. Os princípios criativos fundamentais para a sua existência foram de qualidade, beleza inusitada, relaxamento e convivência, e com a implantação desse projeto, a rua se tornou um importante local de atração turística (ECKBO, 2001).

A criação de ruas exclusivas para pedestres se deu em resposta ao crescente aumento do número de automóveis circulando nas cidades, fazendo com que as divergências entre pedestres e veículos crescessem e alimentasse a velocidade com que muitos países adotaram esse tipo de solução, de variadas maneiras.

Desde que foi criado até os últimos 40 anos, muitos calçadões foram construídos pelo mundo, sendo que o modelo de calçadão mais comum e adotado é o que se assemelha a um shopping center, recebendo equipamentos para dar mais conforto e empatia ao usuário, afim de renovar o centro urbano. No entanto, com a evolução e novas necessidades da sociedade, muitas ruas de pedestres também sofreram reformulações, depois de alguns anos, havendo até as que foram liberadas novamente para o trânsito de veículos.

Para uma rua de pedestres ser bem sucedida entre seus usuários, é necessário pensar nos motivos e atrações que se podem oferecer ao público alvo. Outro condicionante importante é a acessibilidade: o tráfego ao seu redor deve ser fluente, para facilitar a vida de quem utiliza o transporte público, e deve haver áreas de estacionamento de automóveis por perto.

É no Brasil do século XX, mais precisamente na década de 1950, que o crescimento das cidades brasileiras somado à popularização do automóvel, se tornam fatores de congestionamento no centro das nossas principais cidades. Ruas e calçadas não estavam preparadas para suportar o grande fluxo de pessoas, sendo que esse foi uma das causas que motivaram a criação e implantação de novas áreas para pedestres, a exemplo do que ocorreu em outros países (JANUZZI, 2006).

As ruas de pedestres, aqui conhecidas como calçadões, criaram força na década de 1970. O primeiro calçadão brasileiro surgiu na cidade de Curitiba, na Rua XV de Novembro, que mudou de nome para Rua das Flores após sua implantação. Após esse pioneirismo em Curitiba, várias outras cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Florianópolis, Londrina, Juiz de Fora, Bauru, Ponta Grossa, tiveram calçadões

de diversos tamanhos, formas e ocupações implantados em seus centros (JANUZZI, 2006).

A Rua das Flores de Curitiba está localizada em meio a um conjunto de edifícios de valor arquitetônico, cultural e histórico, entre as praças Osório e Santo André, sendo uma importante rua de pedestres para o comércio da cidade. Na rua foi adicionado o piso de petit-pavé, um novo mobiliário urbano e algumas ações de despoluição visual. Técnicos do IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba) desenvolveram projetos de mobiliário urbano, como bancos, floreiras, quiosques e luminárias. Recentemente foram incluídas rampas para cadeirantes, adicionadas guias táteis para cegos e câmeras de vigilância para aumentar a segurança (MACEDO, 1999).

De acordo com Macedo (1999), inicialmente, os comerciantes locais apresentaram certa resistência à implantação da rua de pedestres no centro de Curitiba, mas esse tipo de empreendimento mostrou sucesso imediato, em público e em consumo.

O projeto do Calçadão incluiu a restauração de antigos edifícios e o funcionamento de feiras de artesanato. O trânsito foi impedido para veículos particulares e para o transporte coletivo, sendo desviado para as ruas próximas. O horário de acesso para os veículos de carga e abastecimento ficou limitado ao período noturno (JANUZZI, 2006).

O calçadão da Rua das Flores tornou-se um importante ponto comercial e de encontro de pessoas, cercado por importantes edificações como a Universidade Federal do Paraná, o Palácio Avenida, o Teatro Guaíra e o Edifício Garcez. O exemplo de Curitiba foi fortemente divulgado e se repetiu em diversas cidades do Brasil, proporciona um belo contraste entre as antigas edificações e a rua de pedestres (JANUZZI, 2006).

Após a criação do calçadão curitibano, foi a vez de São Paulo criar o maior calçadão do país em seu conhecido centro antigo, nos lugares que abrigam o *Centro Velho* (Distrito Sé) e *Centro Novo* (Distrito República). O calçadão paulistano possui espaços diferenciados, equipamentos urbanos, vegetação e tratamento no piso.

Nessa região circula, diariamente, uma multidão de pedestres em meio a praças, igrejas, viadutos, largos, monumentos. Existem ainda várias estações de metrô, conforme Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP, 2001).

No Brasil, os espaços criados para pedestres, geralmente, são fechados para veículos, exceto para o acesso dos moradores e proprietários de imóveis, dos serviços

de emergência e de carga e descarga em horários especiais, limitando-se os veículos a circularem em áreas periféricas.

O piso costuma receber um revestimento próprio, em geral com pedras formando figuras e é feita a implantação de mobiliário adequado e necessário ao uso público: lixeiras, floreiras, telefones públicos e esculturas. Outro equipamento que aparece são os quiosques que ampliam o comércio local (JANUZZI, 2006).

Segundo Januzzi (2006), os calçadões brasileiros representaram um modismo quando surgiram e estiveram, muitas vezes, ligados à promoção política, mas hoje se vê que um fator importante para a sua valorização é o gerenciamento por parte da prefeitura ou do comércio local, que atua na manutenção desses espaços e cuida da sua segurança, possibilitando que um grande número de pessoas circulem tranquilamente por esses locais. As ruas de pedestres criam ambientes urbanos que valorizam os espaços e enriquecem o cotidiano da cidade. Os projetos de ruas de pedestres – os calçadões - não se limitam somente a restringir o fluxo de veículos, mas também a transformar a rua em um local público agradável, com atrativos para os usuários (JANUZZI, 2006).

1.4.3. Tipologias de Ruas para pedestres

As ruas para pedestres podem ser classificadas em: ruas fechadas para veículos, com circulação seletiva, e limitada de veículos, pedestrianização de ruas estreitas e criação de áreas especiais e áreas de pedestres junto ao transporte de massas.

1.4.3.1. Ruas fechadas para veículos – modelo *pedestrian malls*

Esse tipo de rua de pedestres foi criado com a finalidade de iniciar um processo de revitalização comercial no centro das cidades, com o propósito de trazer para a área central a população que habitava as áreas periféricas e se utilizava do shopping center como local de consumo e lazer.

Os calçadões se assemelhavam muito a um shopping center, recebendo tratamento paisagístico, de piso, vegetação, fontes, bancos e outros equipamentos típicos dos shoppings, auxiliando na revitalização urbana (JANUZZI, 2006).

Um exemplo famoso de rua para pedestres é a Rua Florida, em Buenos Aires. Já no Brasil, um grande exemplo desta tipologia é a conhecida Rua Saara, no Rio de Janeiro, com seu fluxo de pessoas, comércios e serviços (figura 2).

Figura 2 - Rua Florida, principal rua de pedestres em Buenos Aires, Argentina, e Rua Saara no Rio de Janeiro, com seu comércio, calçadas e ruas para pedestres.



Fonte: autora, 2012 e 2017.

1.4.3.2. Ruas com circulação seletiva e limitada de veículos

Um novo modelo de revitalização comercial foi criado para solucionar o problema de isolamento de alguns tipos de estabelecimentos comerciais, recuperando de maneira seletiva o tráfego de veículos. Esse tipo de rua foi redesenhado, ganhando novos contornos, o leito foi reduzido e as calçadas ampliadas. Nas calçadas foram adicionados bancos, fontes, iluminação, vegetação e esculturas, entre outros elementos (JANUZZI, 2006).

Em Barcelona, a Rambla de Poblenou exemplifica perfeitamente esta tipologia, bem como a Rua das Flores, na cidade de Curitiba, no sul do Brasil (figura 3).

Figura 3 - Rambla do bairro de Poblenou, em Barcelona. Usos mistos garantem o sucesso e uso do espaço. E na foto ao lado, Rua das Flores, em Curitiba é exemplo de como os usos mistos garantem o uso do espaço.



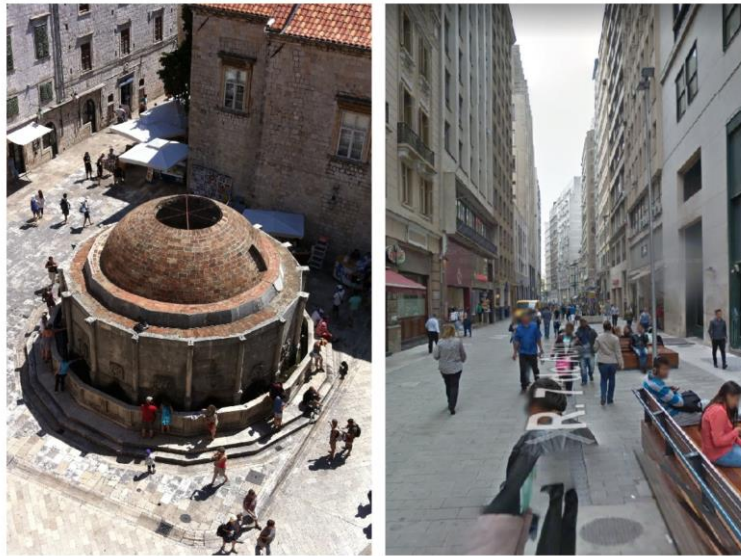
Fonte: autora, 2017, <http://www.almadeturista.com/rua-das-flores-bondinho-curitiba-pr/>

1.4.3.3. Pedestrianização de ruas estreitas e criação de áreas especiais

A prática de fechamento de ruas costuma ser utilizada em lugares de grande concentração de pedestres ou em ruas estreitas não muito importantes ao sistema viário, podendo transformar o local em lugar de comércio e lazer. O projeto costuma ser simples, com o nivelamento da rua com a calçada, mas mantendo principalmente as características do desenho existente, e pode auxiliar na preservação do patrimônio histórico (JANUZZI, 2006).

A cidade velha de Dubrovnik, tombada pela Unesco e conhecida mundialmente pelo seu centro medieval conservado abriga a Stradun, exemplo vivo desta tipologia de ruas. Pelo Brasil, a famosa Rua 7 de Abril no centro de São Paulo guarda as características necessárias para ser conhecida como uma rua estreita de circulação especial (figura 4).

Figura 4 - Stradun, centro medieval croata tombado pela Unesco, e a Rua 7 de Abril, em São Paulo.



Fonte: autora, 2011, e Google, 2018.

1.4.3.4. Áreas de pedestres junto ao transporte de massa

Com a necessidade de receber uma grande quantidade de pessoas que se deslocam pela região e de estabelecer ligações do transporte urbano, as estações de transportes de massa são locais estratégicos para se criar espaços para pedestres. São obras que geralmente causam uma grande transformação e revitalização nos locais onde são implantadas (JANUZZI, 2006).

Esses lugares geralmente são compostos de uma rede de caminhos subterrâneos ligados com praças e partes de edifícios situados no subsolo. Os edifícios podem ser conectados aos acessos de estações criados para servir como novas opções de ruas de pedestres com espaços para convivência (JANUZZI, 2006).

A Rambla de Barcelona, mesmo não sendo subterrânea, tem todas as características dessa tipologia de rua, pois cada trecho de Rambla tem um nome diferente: *Rambla de Canaletes*, *Rambla dels Estudis*, *Rambla de Sant Josep* (neste trecho está o famoso *Mercat de la Boqueria*, um mercado cheio de vida e cor), *Rambla dels Caputxins*, *Rambla de Santa Mónica*. A palavra Rambla deriva do árabe *raml*, que significa leito de rio. Hoje em dia, já não correm rios no meio da cidade, mas é nas Ramblas que o maior fluxo de pessoas, locais ou turistas, se encontra.

O Largo de São Bento, mais uma vez no centro histórico da cidade de São Paulo, também detém todas as características para ser conhecido como essa tipologia de rua no Brasil (figura 5).

Figura 5 - Fluxo intenso de pedestres na Rambla de Barcelona, e Largo de São Bento, em São Paulo.



Fonte: autora, 2017 e 2018.

1.4.3.5. Ruas para pedestres com praças de bolso

Outro tipo de espaço projetado para servir de espaço livre público voltado para os pedestres são as *pocket parks*, ou *praças de bolso*, em pátios de prédios. Nesse tipo de projeto pode haver uma troca de benefícios, com o aumento no aproveitamento do terreno na implantação do edifício. Nesse exemplo de parceria entre o setor público e o privado, o projeto do pavimento térreo é utilizado para a criação de espaços para pedestres, com passagens e pátios ligados ao sistema de ruas, praças e calçadas do espaço urbano (JANUZZI, 2006).

O prédio do, localizado no Bairro Gótico de Barcelona, é um exemplo dessa parceria, com projeto que possui uma praça pública com passagens cobertas e descobertas para pedestres, que levam para outras ruas e também para uma galeria de exposições de obras de arte e um pequeno museu.

Em Zagreb, capital croata, o famoso Design District abriga passagem para pedestres entre prédios de uso misto, e que atualmente, é portador de parklets e mobiliários projetados e executados para os usuários que queiram desfrutar do local (figura 6).

Figura 6 - Passagem interna do prédio, com jardins, mobiliário e fontes, que ligam duas ruas movimentadas do Bairro Gótico, em Barcelona. Passagem interna entre prédios de uso misto no Design District, em Zagreb: parklets e mobiliários disponíveis.



Fonte: autora, 2017.

1.4.3.6. Programação e fechamento temporário

Uma forma muito utilizada para promover usos variados de ruas é seu fechamento temporário. É uma maneira barata de transformar a rua em um local de eventos, colocando portões ou barreiras. Assim, a rua pode ser utilizada para feiras livres, festividades, exposições de artesanato, desfiles escolares e apresentações musicais, entre outros eventos de cultura e lazer (JANUZZI, 2006).

O mercado Dolac está localizado na região central de Kaptol, em Zagreb, perto da Igreja de Santa Caterina e da Catedral da Assunção da Virgem Maria, e funciona todos os dias, desde o início da manhã até o meio dia, desde o ano de 1930.

Possui um grande número de guarda-chuvas vermelhos e brancos, cercado por restaurantes, bares e lojas, sendo disposto em dois andares: na parte superior os comerciantes oferecem todos os tipos de peixe fresco, queijos, mel, frutas e verduras; e no piso inferior estão as carnes, salsichas, pães e bolos. Muitos dos fornecedores são de Zagreb, mas outros provêm de diferentes áreas do país com produtos típicos das diferentes áreas croatas (figura 7).

Figura 7 - Fluxo intenso de pedestres no mercado Dolac, localizado no coração da Praça Ban Jelačić.



Fonte: autora, 2017.

1.5. Ambientes da paisagem cultural da rua para pedestres

De acordo com Zárte (2010, p. 34; 2015) adotamos os seguintes ambientes para a paisagem cultural da rua para pedestres: físico, social e simbólico.

1.5.1. Ambiente físico

O ambiente físico, entendido também como esfera espacial, abrange a dimensão material concreta e parcial das manifestações do ambiente sociocultural em seu processo de apropriação e transformação do território. Também, cabe a técnica e a prática do nível operacional do urbanismo.

O ambiente físico pode ser tratado como cenário material, podendo ser um meio natural ou construído, como ordem configurativa de seus elementos construídos e naturais (ZÁRATE, 2015).

Dentre as categorias físicas pode-se abordar as citadas por Rapoport (1990): os elementos fixos e semi-fixos.

Os elementos de características fixas são aqueles estáveis ou que mudam raramente e vagarosamente. Como por exemplos: elementos estruturais: muros e paredes, edificações, infraestrutura e saneamento (RAPOPORT, 2003, p. 55).

Já os elementos de características semifixas mudam com mais rapidez e com mais facilidade. Um exemplo condizente com esta pesquisa seria o mobiliário urbano (lixeiros, bancos, postes), árvores e jardins, jardineiras, placas, faróis, letreiros, cartazes, objetos decorativos, quiosques...etc. Tais elementos tornam-se individualmente importantes em seu próprio contexto, porque existe a tendência de comunicar mais que os elementos fixos (RAPOPORT, 2003, p. 55).

1.5.2. Ambiente Social

O ambiente social representa a ordem funcional das práticas sociais, desenvolvido pelas pessoas através da forma com que se relacionam com o meio físico. Zárate (2015, p. 163) expressa que relaciona-se com a identidade social, os grupos sociais, os capitais sociais, distinção de classes e reconhecimento da relação do processo histórico socioeconômico de Bauru e região, focando na importância da Rua Batista de Carvalho e do Calçadão para o desenvolvimento social e comercial da cidade, bem como as principais potencialidades socioeconômicas e culturais, na visão da sociedade e seus desejos e aspirações, na busca de um cenário de desenvolvimento urbano social.

1.5.2.1. Obrigatórias

Atividades Necessárias exprimem ações que são obrigatórias, como ir à escola ou ao trabalho, são atividades que o ambiente externo não influencia tanto, pelo fato das pessoas não terem muitas opções (GEHL, 2013, p. 19).

1.5.2.2. Opcionais

Atividades Opcionais são as ações como passear para tomar um ar fresco, dependendo muito dos fatores externos, ou seja, a configuração física influencia muito no poder de decisão, são condições favoráveis quando o tempo e o lugar são convidativos (GEHL, 2013, p. 19).

1.5.2.3. Sociais

Atividades Sociais acontecem quando as condições físicas dos espaços públicos propiciam a realização de atividades entre duas ou mais pessoas, como uma conversa num banco de praça, encontros entre amigos, etc (GEHL, 2013, p. 19).

1.5.3. Ambiente Simbólico

Ambiente simbólico remete às expressões verbais e escritas, acompanhadas do gestual e comportamento das pessoas, que expressam os valores e significados, as representações sociais, e os imaginários sociais construídos: identidade, memória, expectativa e desejos, articulados entre os atores sociais, práxis sociais, cenários, significações, e tempo dentro de um determinado contexto cultural (ZÁRATE, 2015, p. 163).

Zárate (2010, p. 35), ressalta que o ambiente simbólico como sendo o campo aberto e virtual do pensamento, que está sempre em constante transformação e atualização de seus conteúdos, onde pode-se reconhecer os momentos de equilíbrio dinâmico tempo-espacial e de sentido a partir de um processo de apreensão da realidade orientada pela manifestação concreta e contextualizada da forma histórica e tempo-espacial de uma problemática dentro de um encontro de horizontes. Nesta esfera, podem ser abordadas as ideologias e ideias, políticas e formas de atuação na gestão, de gestores com relação ao lugar, entre outras.

1.6. Qualidade da paisagem cultural da rua para pedestres

Uma rua específica para pedestres precisa ter um mínimo de qualidade em seu espaço público para que haja uma boa interação entre os usuários e o lugar.

Para tentar identificar as causas e consequências da qualidade que o lugar oferece, vale-se da análise dos ambientes físico, social e simbólico dentro dos três cronotópos propostos nesta pesquisa, que são o início da Rua Batista de Carvalho, sua consolidação como rua comercial, e por último, a instalação do Calçadão.

A análise do ambiente físico se faz pela inspeção dos elementos que compõem a Batista, como piso, mobiliário, vegetação, etc. Já o ambiente social relaciona as atividades realizadas pelos grupos sociais enquanto vivenciam o lugar. Por último, o ambiente simbólico analisa e tenta compreender as expectativas e necessidades dos grupos sociais que usufruem da Batista, os significados que aquele lugar tem para cada grupo, e como se identificam com o Calçadão.

Com essas informações levantadas e analisadas, cria-se o mapa heurístico da rua, para poder relacionar todos os elementos, grupos, ambientes, atividades e expectativas que formam os ambientes físico, social e simbólico, de forma a facilitar o que causa ou não a qualidade do espaço público.

Após identificar os elementos e grupos através do mapa heurístico, é possível estabelecer a intersecção dos mesmos através de matrizes, gerando as matrizes sócio-físico, sócio-simbólico, e físico simbólico, que tem como ideia principal o entendimento das afinidades e as diferenças dos ambientes, dos grupos de usuários, facilitando as análises dos resultados e possibilitando a geração das Sinergias através de uma Tabela de Sinergia.

Essa tabela sinérgica pretende identificar a relação dos elementos físicos, com os grupos de usuários e os usos no espaço público, caracterizados pelos ambientes físico, social e simbólico, de cada quadra do Calçadão e ver o que causa ou não a qualidade da Batista pelas relações que os mesmos fazem entre si.

2. MÉTODO URBANISMO DIALÓGICO

O método utilizado nesta pesquisa é do Urbanismo Dialógico baseado na fundamentação teórica e filosófica de Bakhtin, Muntañola e Zárata, que relaciona o texto, ou o Calçadão da Batista de Carvalho, com seu contexto, ou centro urbano consolidado de Bauru. Entender essa complexa relação é fundamental para que as análises sustentem que o espaço público da Rua Batista de Carvalho seja harmoniosa ao contexto e texto pré-existent.

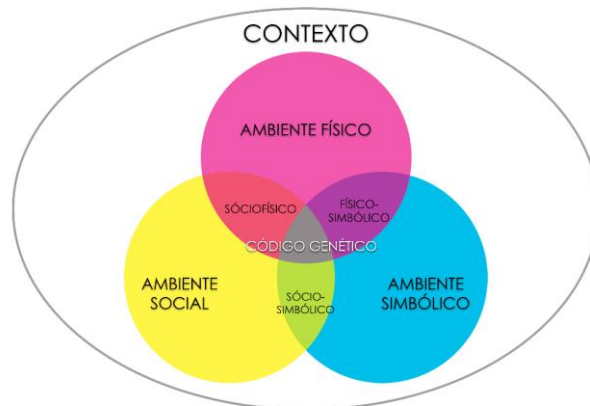
Por outro lado, deve entender-se que o objeto de estudo, a Rua Batista de Carvalho é dinâmica, isto é, ao longo do tempo passou por constantes transformações dos elementos dos ambientes físico, social e simbólico, que configuraram os cronotópos (figura 8) desde sua gênese até os dias atuais.

Neste contexto, a Rua Batista de Carvalho será analisada desde o início da paisagem cultural da sua criação como rua, passando pela configuração da paisagem cultural do Calçadão e chegando nos dias atuais, nos ambientes físico, social e simbólico, acontecendo em três momentos cronotópicos:

- a) Gênese da rua Batista de Carvalho;
- b) Calçadão da Batista de Carvalho;
- c) O atual Calçadão da Batista de Carvalho.

E por fim, para conhecer a qualidade da paisagem cultural do Calçadão Batista de Carvalho partiu-se da identificação dos elementos da paisagem, suas variáveis, as Leis e normativas, a fim de analisar os elementos dos ambientes físico, social e simbólico. Com isso, a análise dos elementos que estão contidos dentro dos três cronotópos, ou seja, a sinergia dos ambientes físico, social e simbólico, ajudará a identificar quais deles perderam ou ganharam qualidade.

Figura 8 - Relação dos ambientes físico, social e simbólico.



Fonte: Caio Augusto Martins, 2018.

2.1. Área de estudo

A área de estudo é o Calçadão da Rua Batista de Carvalho, localizado no centro urbano consolidado de Bauru, abrangendo 7 quarteirões, iniciando na Praça Machado de Melo e finalizando na Praça Rui Barbosa.

2.2. Ambientes

Os ambientes que farão parte do estudo do Calçadão serão os ambientes físico, social e simbólico.

2.2.1. Ambiente Físico

Os elementos que fazem parte do ambiente físico da Batista são o piso petit-pavé, os arcos abertos e os cobertos, comunicação visual, bancos em concreto, os bancos com floreiras, as lixeiras, os orelhões, os postes de iluminação, as floreiras, as mesas e cadeiras, edificações térreas, assobradas e os prédios.

2.2.2. Ambiente Social

O ambiente social compreende a realização de atividades dos grupos sociais, podendo acontecer de forma obrigatória, opcional ou social. Na rua Batista de Carvalho foram identificados os seguintes grupos sociais: trabalhadores, ambulantes, clientes, transeuntes, moradores, moradores de rua, polícia, infratores, vândalos, usuários de drogas, e as organizações sociais.

- a) Trabalhadores: são todos aqueles que usufruem do espaço à trabalho ou serviço, e realizam atividades diárias como trabalho ou vendas, consumo de alimentos,-compras, etc;
- b) Ambulantes: são considerados aqueles que possuem comércio informal, e realizam atividades diárias como trabalho ou vendas, consumo de alimentos, compras, etc;
- c) Clientes: são as pessoas que vão às compras ou para se alimentar, e podem realizar atividades como compras, consumo de alimentos, passagem, passeio, lazer, etc;
- d) Transeuntes: são as pessoas que se deslocam pelo espaço, estão de passagem, e podem se alimentar, ou estar realmente apenas passando pelo lugar;
- e) Moradores: pessoas que moram no local, e podem realizar atividades como: trabalho, compras, alimentação, passeio, passagem;
- f) Moradores de rua: pessoas que moram na rua ou nas proximidades do local, e podem se alimentar, passar ou passear pelo lugar;
- g) Polícia: fazem a segurança do espaço, podem comprar, consumo de alimentos, passar ou passear e zelar pela segurança;
- h) Infratores: pessoas que cometem furtos, e que podem realizar atividades como: passagem e a própria infração;
- i) Vândalos: pessoas que vandalizam ou depredam o lugar.
- j) Usuário de drogas: são pessoas consumidoras de drogas, e que talvez possam morar no lugar ou nas proximidades, podendo passar e se alimentar no lugar;
- k) Organizações sociais: entidades, ongs, movimentos e manifestações de pessoas por alguma causa ou motivo, e que usam o espaço para divulgar suas causas.

2.2.3. Ambiente Simbólico

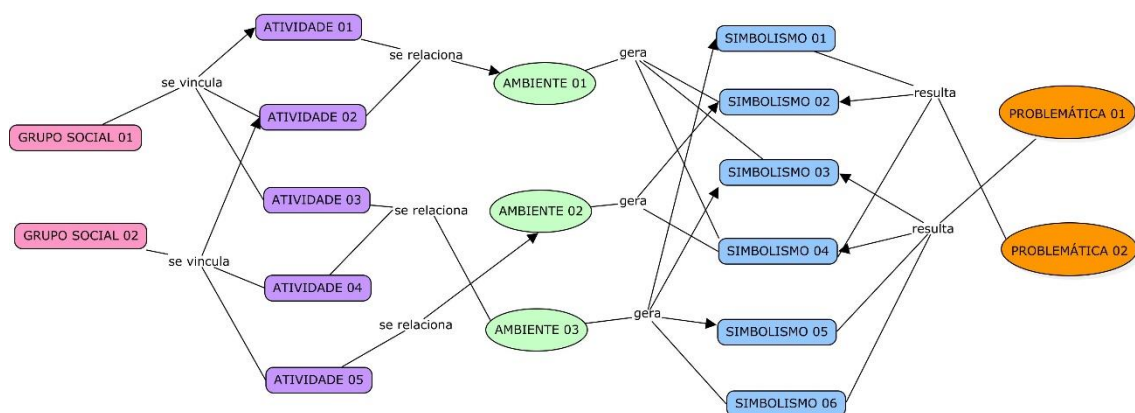
O ambiente simbólico compreende as expectativas dos grupos sociais, os significados que cada grupo social tem do local, a forma como cada um se identifica com o Calçadão e o porquê, as memórias, lembranças, desejos, os valores afetivos, estéticos, de uso, histórico, cultural, artístico, bem como a sensação que vivência dentro do espaço.

4.2. Mapa Heurístico

O mapa heurístico tem como proposta associar ou relacionar os elementos que compõem o cenário arquitetônico através dos ambientes físico, social e simbólico, de forma que seja possível identificar os aspectos qualitativos e os não qualitativos dentro do Calçadão, e identificar quais são os causadores desses aspectos e por que.

Com os elementos e grupos mapeados, é possível estabelecer a intersecção do cenário arquitetônico através de matrizes, gerando as matrizes sócio-físico, sócio-simbólico, e físico simbólico (tabela 2).

Tabela 1 - Exemplo de Mapa Heurístico.



Fonte: autora, 2018.

2.4. Matrizes de Análise

Depois da confecção do Mapa Heurístico e das intersecções sócio-físico, sócio-simbólico, e físico simbólico que ele gerou, é possível estabelecer as relações, congruências e correspondências entre os elementos e grupos (tabela 3).

As matrizes estabelecem as relações físico-simbólicas dos grupos sociais com os lugares, as congruências sócio-físicas das atividades com os lugares e o reconhecimento sócio-simbólico entre os grupos sociais. Os resultados das matrizes subsidiaram a elaboração das tabelas de sinergias.

As etapas 3 e 4 não são necessariamente sequenciais, pois os resultados da matriz poderão alimentar ou complementar o mapa heurístico com novos elementos (atividades realizadas pelos grupos sociais e o simbólico).

A principal ideia da geração das matrizes é entender quais são as afinidades e as diferenças dos ambientes, dos grupos de usuários, facilitando as análises dos resultados e possibilitando a geração das Sinergias através da Tabela de Sinergia Qualitativa da Batista.

Tabela 2 - Matrizes de análise dos elementos

SÓCIO - FÍSICO		
FÍSICO	Lugar	Lugar
	Lugar	Lugar
ATIVIDADES	Lugar	Lugar
	Lugar	Lugar
Atividade	IC	IC
Atividade	C	IC
C= Congruente IC= Incongruente		

SÓCIO - SIMBÓLICO		
GRUPOS	Grupo	Grupo
	Grupo	Grupo
Grupo	R	NR
Grupo	NR	R
R= Reconhece o Grupo NR= não Reconhece o Grupo		

FÍSICO - SIMBÓLICO		
FÍSICO	Lugar	Lugar
	Lugar	Lugar
SIMBÓLICO	Lugar	Lugar
	Lugar	Lugar
Grupos	R	R
Grupos	NR	NR
R= tem relação NR= não tem relação		

Fonte: autora, 2018.

2.5. Tabela de Sinergia

As Sinergias correspondem aos elementos da paisagem cultural do Calçadão que interferem na qualidade do espaço público ofertado aos usuários da cidade. Elas representam as relações ou associações dos ambientes físico, social e simbólico com cada quadra ou lugar.

O objetivo da sinergia é identificar quais elementos dos ambientes: físico, social e simbólico de cada quadra do Calçadão causam qualidade e quais não causam aos grupos (tabela 4).

Tabela 3 - Exemplo de Tabela de Sinergias.

TABELA DE SINERGIAS QUALITATIVAS			
AMBIENTE			
LUGAR	LUGAR	LUGAR	
			SINERGIA ÚNICA
			SINERGIA DUPLA
			SINERGIA TRIPLA
			Elementos Físicos
			Elemento
			Elemento
			Elemento
			Atividades
			Elemento
			Elemento
			Elementos Simbólicos
			Elemento
			Elemento
			Elemento

Fonte: autora, 2018.

Cada quadra foi classificada com uma cor diferente, para facilitar a diferenciação entre elas. As relações sinérgicas ocorrem por meio da afinidade entre os elementos dos ambientes físicos, sociais e simbólicos. Cada relação sinérgica tem uma porcentagem de possibilidade de interferência na percepção qualitativa dos grupos, e elas acontecem de três formas: a sinergia tripla (66,6% - 100%), sinergia dupla (33,3% - 66,6%) e a sinergia única (0% - 33,3%) para o grau de Qualidade do lugar, sendo que, as porcentagens sinérgicas são proporcionais.

A sinergia única é representada por um elemento de algum ambiente (físico ou social ou simbólico) de um lugar. Entanto que a sinergia dupla é a relação de dois elementos de ambientes distintos (físico, social ou simbólico) de um lugar, relações representadas através da conexão de linhas tracejadas. E a sinergia tripla é apresentada por três elementos de ambientes distintos (físico, social e simbólico) de um lugar, representada através da conexão de linhas continua. Para facilitar a identificação da qualidade ou da falta, foram usadas: cor verde para a sinergia qualitativa e cor vermelha para a sinergia não qualitativa. Quanto mais sinergias esses elementos geram, mais facilidade de ver quais elementos causam ou não a qualidade do Calçadão.

2.6. Questionários

Afim de conhecer as características sociais, econômicas, a percepção, expectativas e valores simbólicos dos usuários com relação à rua de pedestres Batista de Carvalho, foram aplicados um total de 265 questionários online aos profissionais, estudantes e pessoas em geral, que moram na cidade de Bauru e região, no período de 14 de fevereiro à 14 de março de 2018. O questionário está composto por três partes. A primeira contém as características sócio-econômicas do entrevistado: faixa etária, gênero, nível de escolaridade, renda familiar, lugar de nascimento, local de residência e tempo de moradia em Bauru. A segunda parte compreende questões abertas sobre a rua Batista de Carvalho: uso, frequência e permanência no Calçadão, meios de transporte utilizados, finalidades, sobre os arcos, mobiliário, piso, vegetação, iluminação, acessibilidade, conforto térmico no inverno e verão, quando faz sol ou chove, sobre a segurança. A terceira compreende questões abertas sobre as preferências ou não frente ao Calçadão, frente aos Arcos, sobre os locais para alimentação, sobre as fachadas e escala humana, moradias e trabalho, sobre a identidade e memória com o Calçadão.

O intuito do questionário e desta pesquisa é criar uma definição de técnicas de aplicação prática através de especificações de caráter didático que possibilitem orientar a análise de espaços públicos e suas especificidades, de forma que o método possa ser perfeitamente reconduzido para identificação do código genético de cada espaço pelo país, seguindo com rigor e exclusividade as necessidades e aspirações encontradas no local em que foi analisado.

3. CENTRO URBANO CONSOLIDADO DE BAURU

A formação de cidades situadas no centro oeste paulista aconteceu em meados da segunda metade do século XIX, onde uma corrente de povoamento instalou-se no chamado sertão de Bauru, formada por pioneiros vindos de várias regiões, com destaque para os de Minas Gerais. Por volta de 1880, a ocupação da região batizada por bairro de Bauru acelerava, sendo perceptível quando o café e a ferrovia fazem a articulação do território e a cidade, favorecendo a urbanização por meio da “corrida para o Oeste” (GHIRARDELLO, 2002).

A cidade foi formada a partir de doação de parte das terras da Fazenda das Flores, em 1884, por Antônio Teixeira do Espírito Santo para a formação de um patrimônio para o arruamento urbano, com o nome de Bauru (PELEGRINA, 1991).

Em 1888, o arruador Vicente Ferreira de Farias define o traçado inicial da cidade como uma imensa toalha xadrez colocada sobre uma meia encosta. As quadras foram estabelecidas de maneira regular medindo 88,00 x 88,00 metros divididos em 8 datas com dimensões de 22,00 x 44, 00 metros, totalizando 968,00 m² por lote, e as ruas com sentido leste-oeste mediam, aproximadamente, 14,00 metros de largura, sendo as ruas no sentido norte-sul mais largas, onde tinham dimensões variáveis entre 16,00 a 20,00 metros (GHIRARDELLO,1992).

As primeiras edificações aconteceram na rua principal, atualmente conhecida como rua Araújo Leite, que ligava os sertões a Fortaleza e Lençóis, núcleos urbanos vizinhos. Segundo Ghirardello (2002) esta estrada situava-se numa grande reta com sentido norte-sul, próximo ao Ribeirão da Flores, em nível para evitar enchentes, onde cruzava com a atual rua 1º de Agosto, em sentido leste-oeste, vias que delimitavam as áreas doadas ao patrimônio. Este trecho foi transformado, por ele, em 10 quarteirões (MAYRINK, BOGO, MORAES, 1988).

Em 1893, outra gleba de terra é anexada à primeira e o arruamento é expandido contínua e uniformemente. Nessa fase, não há preocupação com pontos de interesse, eixos principais, avenidas e praças, pois a cidade ainda não tinha uma identidade formada, não havendo a necessidade de destacar algum ponto (GHIRARDELLO,1992).

Confiando na potencialidade da região, que receberiam as estradas de ferro, pessoas se deslocaram para estas terras e iniciaram a formação de grandes fazendas como as do coronel Azarias Ferreira Leite e seu tio Baptista de Araújo Leite (GHIRARDELLO,1992).

As lavouras, principalmente de café, receberam centenas de imigrantes europeus que vieram trabalhar e aos poucos foram adquirindo propriedades na vila de Bauru, onde se estabeleceram com casas e comércio (PELEGRINA, 1991).

Neste mesmo período, muitos moradores do município de Fortaleza transferiram-se para o distrito de Bauru, contribuindo para a decadência da sede do município em razão do crescimento do distrito, onde a partir de 1º de agosto de 1896, Fortaleza passava a ser um distrito de paz de Bauru (GHIRARDELLO, 1992).

Antes da chegada dos trilhos de ferro em Bauru, aproximadamente em 1905 (figura 9), a cidade possuía população de apenas 600 habitantes (tabela 4) e já existia algum tipo de comércio bem pequeno situado ao longo dos quarteirões de 4 a 10 da rua principal da cidade, a atual rua Araújo Leite (GHIRARDELLO, 1992).

Figura 9 - Foto da Rua Araújo Leite em 1905, que foi a primeira via comercial e de serviços.



Fonte: Ghirardello, 1992.

O período de 1905 a 1911 é definitivo para a cidade de Bauru com a implantação das três ferrovias - a estrada de ferro Sorocabana chega à cidade em 1905, vinda de Lençóis, a Noroeste em 1906, e a Paulista em 1910, vinda de Pederneiras - onde o traçado urbano das áreas patrimoniais modificam-se em função da implantação das estradas de ferro, sendo que são elas que definiram a malha urbana dessa região como conhecemos hoje. Em pouco tempo, Bauru se torna um importante entroncamento, pois o encontro das três ferrovias colocava a cidade em contato direto com outras diversas regiões, transformando-se em polo regional de uma considerável e central parte do Estado, instalando e favorecendo as bases para o comércio e a prestação de serviços, e conseqüentemente, seu crescimento econômico. Nesse processo, o agronegócio deixou de ser a única fonte econômica e a

cidade passou a lucrar também com o comércio (GHIRARDELLO, 1992; BONI & SALCEDO, 2017).

Desde sua constituição como povoado, Bauru se desenvolve linearmente junto às Ruas Araújo Leite e Antônio Alves, fazendo da primeira a rua mais importante do lugar, seu centro comercial. Com a vinda das ferrovias, o crescimento se desloca para o sentido oeste, alterando a tendência original. A Rua Batista de Carvalho será o eixo de ligação com as estações Sorocabana e Noroeste, atraindo o comércio antes exclusivo da antiga estrada Sertão-Fortaleza. Sua importância no contexto urbano pode ser destacada pelo sarjeteamento e iluminação feitos logo após a Araújo Leite. O poder público tenta conter a decadência da Araújo com arruamento, abaulamento, sarjeteamento e iluminação, além de um canteiro central, onde foram plantadas árvores exóticas. Mas aos poucos, novos rumos são dados aos investimentos imobiliários, agora, em direção ao Largo da Igreja onde se instala a Câmara Municipal e se inicia, em 1909, a construção da nova Matriz. O local se reforça como centro de comércio e moradia da burguesia tendo como sequência natural a Rua Batista de Carvalho acesso às estações.

Com energia para crescer e evoluir, a região central migra da rua Araújo Leite para mais próxima da estação ferroviária, porque sabia-se que era a partir dali que iriam sair os trens, conduzindo os trabalhadores da cidade, e com isso, evidenciando que a movimentação de pessoas passaria a se dar naquela região (GHIRARDELLO, 1992).

Por longos anos, a região que acolhe a Estação Ferroviária, tendo como foco principal a rua Batista de Carvalho, onde encontra-se o atual Calçadão, ficou conhecida como principal Centro comercial de Bauru.

Essa importante rua hospedou, inicialmente, os primeiros comércios e ficou pequena para o grande número de lojas que estavam abrindo naquela área. Rapidamente, as ruas paralelas e perpendiculares à rua principal foram preenchidas pelos mais diversos tipos de estabelecimentos, proporcionando todo tipo de produto para o público (GHIRARDELLO, 1992).

A Praça Machado de Melo (figura 10) pode ser considerada o ponto central da expansão de Bauru, pois é a partir daí que acontece a primeira quadra das ruas Batista de Carvalho, Primeiro de Agosto, Monsenhor Claro, Alfredo Ruiz e Avenida Rodrigues Alves, que surgiu um pouco mais adiante afim de atender o fluxo de pessoas e ligar o movimento à região oeste da cidade. Foi a Rodrigues Alves a

Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru.

primeira avenida de Bauru, que ainda é uma importante e movimentada via com fluxos sentido leste/oeste (VIVENDO BAURU, 2017).

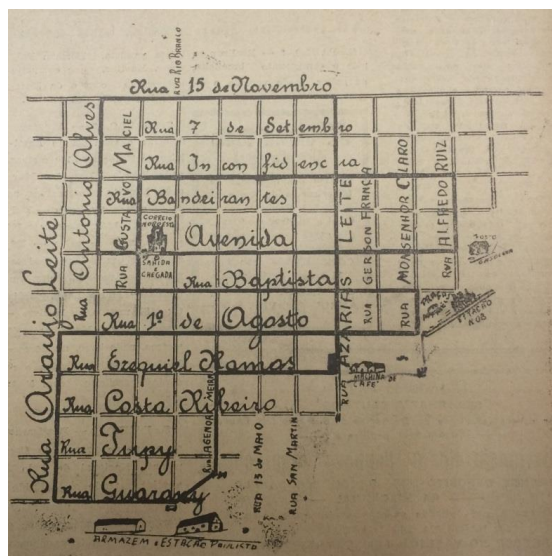
Figura 10 - Estação ferroviária em 1910, a Praça Machado de Mello e a rua Batista de Carvalho.



Fonte: <http://www.vivendobauru.com.br/por-onde-comecou-bauru/>. Acesso em 2017.

Foi através dessa transição econômica que o eixo comercial se estende da Praça Machado de Mello até a Praça da Matriz (figura 11). Entretanto, na época, a maior movimentação de pessoas ainda se dava na Rua 1º de Agosto, e não na Batista de Carvalho. Entre os anos de 1930 e 1940, o comércio bauruense continuava a se desenvolver. Em 3 de outubro de 1936, o atual prefeito João Bráulio Ferraz instituiu Lei Municipal com o intuito de restringir o uso dos solos nas ruas 1º de Agosto, Batista de Carvalho, Av. Rodrigues Alves, Praça Rui Barbosa e Machado de Mello, tidos como o centro nobre da cidade (GHIRARDELLO, 1992).

Figura 11 - Mapa da antiga área comercial de Bauru, próximo ao prédio da Estação.



Fonte: Diário do Sertão de 1931.

Foi neste período que as primeiras famílias de fazendeiros e da elite começaram a construir suas casas na Avenida Rodrigues Alves, próxima a Rua Batista de Carvalho, sendo que a partir dessa migração é que a Batista vai se transformando em um novo centro essencialmente comercial, acabando por valorizar o espaço através da consolidação do comércio e serviços.

Desta forma, o centro comercial antigo da Rua 1º de Agosto atrofiou, tornando-se uma região habitada por camadas mais humildes e que ficou por acomodar apenas hotéis, pois as mais destacadas casas de negócio acabaram por transferir-se para a Rua Batista de Carvalho (figura 12).

Figura 12 - Rua Batista de Carvalho em 1930, transformando seu cenário de casas residenciais para casas comerciais.



Fonte: Arquivo Jornal da Cidade, 2015.

Com o crescimento, a região ficou pequena para o grande número de lojas que estavam abrindo naquela área. Rapidamente, as ruas paralelas e perpendiculares à rua principal foram preenchidas pelos mais diversos tipos de estabelecimentos.

O centro da cidade, de acordo com Ghirardello (2018), vai deixando, aos poucos, o uso misto comercial e residencial. O custo da terra elevado e os poucos terrenos disponíveis no “centro nobre” expulsam as residências, potencializando o valor do terreno com a construção de edifícios.

Neste período, vigora o estilo “art-deco”, que devido à sua simplicidade geométrica, dá soluções bastante criativas na sua composição. Desta forma, olhando para as fachadas do centro, é possível supor a finalidade do imóvel, se era exclusivamente comercial ou se mesclava comércio e residência. Quando o imóvel abriga o comércio, seu estilo é mais moderno. Já quando abriga o misto de comércio e residência, o estilo é mais tradicional, afim de criar um ambiente sóbrio. Por esse motivo, o estilo “art-deco” não era o preferido das residências, que usavam mais as

linhas conservadoras do neo-colonial, ou apenas o uso de decorações quaisquer aplicadas sem senso estético.

Já na década de 1950, com o Centro Nobre em rápida expansão e a chegada do automóvel, a cidade passou a se expandir e sair da região central, pois agora a elite bauruense tinha mais condições de se locomover não sendo mais necessário estarem tão próximos ao centro, que acaba sofrendo um início de esvaziamento habitacional. Assim, na década de 1960, houve um abandono do centro e uma consequente desvalorização do local face às mudanças do conceito de moradia, pois a população vai em busca de zonas mais residenciais (GHIRARDELLO, 1992; PELEGRINA, 1991).

No final da década de 1970 e início de 1980, a cidade segue o fluxo de crescimento habitacional através das ruas Rio Branco, Treze de Maio, Gustavo Maciel, e Antônio Alves, na altura do atualmente conhecido bairro Altos da Cidade, o que descaracteriza de vez o centro como opção residencial, tornando o espaço exclusivamente comercial (GHIRARDELLO, 1992).

Pode-se notar o crescimento populacional (tabela 4) através da tabela feita pelo IBGE (2018), mostrando que no ano de 1970, Bauru abrigada 131.936,00 cidadãos e que na década seguinte, possuía população estimada em 186.659,00. No ano de 1991, década de 1990 e início das mudanças da rua Batista de Carvalho, Bauru tinha 261.112,00 habitantes, e essa quantidade populacional mostra quanto a cidade cresceu e evoluiu em pouco tempo, necessitando das mudanças que estavam por vir.

Tabela 4 - População Urbana de Bauru por ano.

Ano	População Urbana de Bauru
1905	600
1910	3.000
1915	5.000
1920	15.000
1925	18.500
1930	22.000
1935	27.945
1940	33.891
1970	131.936
1980	186.659
1991	261.112
2000	316.064
2010	343.937

Fonte: autora, 2018, baseado em Ghirardello 1992 e IBGE 2018.

No início da década de 1990, foi criado, através de uma iniciativa do Sindicato do Comércio Varejista com o então prefeito Izzo Filho, o projeto para o Calçadão da

Batista de Carvalho, que tinha como justificativa o fato de Bauru ser a única cidade do interior que ainda não possuía um espaço comercial delimitado no centro da cidade, sendo hoje em dia, um dos principais locais de comércio popular da região (ANANIAN, 2005).

Desta forma, o crescimento da cidade de Bauru durante o século XX e a conformação do seu eixo comercial, criado pelas Praças Machado de Melo, Rui Barbosa e Rua Batista de Carvalho, em Centro Nobre é digno de estudo, pois o uso social do espaço foi se modificando com o passar dos anos, degradando o local através da desocupação habitacional. Assim, essa área degradada corre o risco de perder sua identidade e valor afetivo pela população, já que nenhuma medida é tomada na intenção de conter a destruição e descaracterização do sítio arquitetônico.

3.1. Batista de Carvalho e sua paisagem cultural como rua

No capítulo anterior, analisamos o surgimento e consolidação do Centro de Bauru e as ações da Prefeitura para a configuração da rua Batista de Carvalho.

A Rua Batista de Carvalho (figura 13) está localizada no centro urbano consolidado de Bauru, interior do estado de São Paulo, Brasil (latitude 22°35' S e longitude 49°31' W), sendo um dos municípios mais populosos do centro-oeste paulista, localizado à noroeste da capital do estado, distante cerca de 326 km. Ocupa uma área de 667,684 km².

No ano de 2017, de acordo com levantamento do IBGE de 2017 a cidade tinha 371.690 ,00 habitantes e 109.830,00 residências, características de uma cidade de médio porte. Possui 98.2% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 93.9% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 28% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio). De acordo com o IBGE de 2017, possui PIB per capita de R\$34.621,03.

Bauru é caracterizada por ter clima tropical com verão quente e inverno com temperatura em média 18° (IBGE, 2017), e predominância do cerrado.

Várias rodovias ligam Bauru a diversos municípios paulistas, tais como a Marechal Rondon, a Comandante João Ribeiro de Barros, a Cesário José de Carvalho e a Engenheiro João Batista Cabral Renno, sendo que o município encontra-se no meio de um importante entroncamento aéreo, rodoviário e ferroviário.

A atividade comercial concentra-se na região central de Bauru ou nos dois shoppings centers que existem, o Bauru Shopping, na região da Vila Universitária e mais atualmente, o Boulevard Shopping Nações, próximo à Rodoviária.

Figura 13 – Sequência de imagens, localizando a região do centro de Bauru em seu mapa, o a Batista de Carvalho na região central, e as sete quadras do Calçadão assinaladas pela reta vermelha.



Fonte: Caio Augusto Martins, 2018.

O espaço sofreu transformações cronotópicas e sóciofísicas, desde sua criação em 1920, passando pela configuração do Calçadão em 1992 e hoje, a Batista de Carvalho encontra-se em contínuo processo degradativo.

3.2. A Gênese da Rua Batista de Carvalho

Depois de receber os trilhos das ferrovias, grande parte da movimentação acontecia próximo ao prédio da NOB, mais especificamente na Praça Machado de Melo.

Segundo Paiva (1975), no seu início, a Batista de Carvalho começava, avançava e se alargava em direção ao largo da Praça Rui Barbosa, sempre estimulado pelo trânsito de pedestres que vinham da rua Araújo Leite.

Foi através do comerciante João Batista de Carvalho que a rua ficou mais conhecida, e por ele, recebeu esse nome. Porém antes desse fato se concretizar,

João Batista de Carvalho construiu sua casa na esquina da rua Araújo Leite com a rua Batista de Carvalho e por trabalhar e morar na via, o comerciante se sentia merecedor de mais consideração por parte de seus amigos, não só por serviços prestados à comunidade como porque construía seu prédio justamente no início daquela via pública, esperando que seu nome fosse lembrado para sua denominação. Assim, como uma forma de protesto, colocou na fachada de sua casa, bem na esquina, uma pequena placa com os dizeres “Rua dos Esquecidos” (PAIVA, 1975).

Conforme a rua progredia em direção à NOB, houve a necessidade de nomeá-la, de fato. A Câmara Municipal reuniu-se no dia 31 de dezembro de 1904, e o intendente municipal Francisco Gomes dos Santos lembrou aos camaristas de então, que era hora de fazer justiça ao comerciante que tanto tinha colaborado para o engrandecimento da terra indicando que se desse a “Rua dos Esquecidos” o nome de “Capitão João Batista de Carvalho”, que foi aprovada unanimemente (PAIVA, 1975).

Aos poucos, os moradores da cidade vão adquirindo terras nas proximidades, e com isso, as duas principais ruas comerciais da cidade, a rua Batista de Carvalho e a rua 1º de Agosto, se unem formando o traçado conhecido de hoje. Nasce dessa união a 1º quadra do futuro Calçadão, e assim o movimento se estende partindo da Praça Machado de Melo até a Praça Rui Barbosa, em frente à igreja matriz (GHIRARDELLO, 1992).

Na metade do século 19, a rua Batista se estendia por sete quadras, e no ano de 1919 (figura 14), abrigava algumas lojas e começava a tomar forma. Durante este período, no ano de 1911, surgiu a Casa Luzitana, e em 1924, a Casa Carvalho, dentre outras conhecidas casas comerciais de Bauru.

Figura 14 - Rua Batista de Carvalho em 1919, e início do comércio na Rua Batista, aproximadamente década de 1920.



Fonte: <https://www.facebook.com/abaurugenaovivi/>, [bauru.sp.gov.br_batista de carvalho2](http://bauru.sp.gov.br_batista_de_carvalho2).

Dentro desse período, a rua tinha características muito mais residenciais, abrigando moradias dos comerciantes e trabalhadores da Estação e pouco comércio, e estava caracterizada por construções térreas e alinhadas à calçada, com vãos voltados para os “olhos” da rua (figura 15). A Rua Batista de Carvalho estava configurada para a passagem de pessoas, com calçadas largas e piso de concreto e poucos veículos, com ruas de terra batida, postes de iluminação, comunicação visual (letreiros comerciais e de trânsito) e arborização alinhada à calçada que acompanhava a topografia do lugar.

Rapidamente, a rua e seu público aumentam e os espaços comerciais e de passagem vão ficando escasso. Desta forma, as ruas paralelas e perpendiculares à principal preenchem-se pelos mais diversos tipos de estabelecimentos, proporcionando todo tipo de produto para o público.

Nessa fase, a separação entre classes sociais era forte: fazendeiros e outros representantes da elite viviam na Avenida Rodrigues Alves. Já os estabelecimentos como hotéis e bordéis eram frequentes em ruas abaixo da rua 1º de Agosto, região habitada pelas camadas mais humildes. A Batista era ocupada pelo comerciantes, que tinham suas lojas no pavimento térreo e moravam no segunda andar com suas famílias.

Figura 15 - Misto de comércio e moradias na Rua Batista de Carvalho em 1927.



Fonte: <https://www.facebook.com/abauruquenaovivi/>

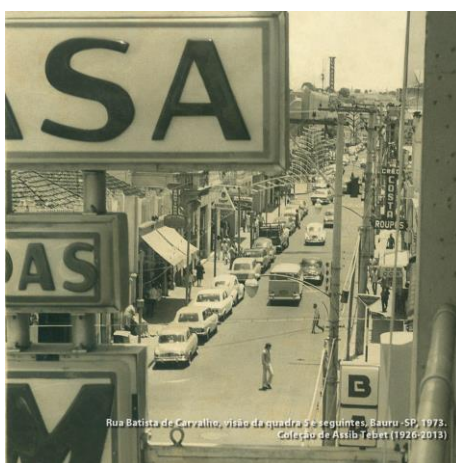
A Batista de Carvalho e seu comércio eram os pacificadores dessa segregação entre as classes, pois todos usavam o espaço para compras, lazer e diversão (TAVARES, 2014).

A partir da década de 1930 e 1940 que o comércio e suas lojas vão tomando forma e corpo, bem como o público que a frequenta.

O comércio da Batista era subdividido em três etapas ao longo das quadras: as lojas próximas à Praça Machado de Mello abrigavam um comércio mais popular, tido de baixa renda ou “Paraguaizinho”. Desta quadra até a Rua Agenor Meira, o comércio atendia uma população classe média, com melhor poder aquisitivo. Já elite bauruense comprava na área entre a Agenor Meira e a Praça Rui Barbosa, que abrigava as casas comerciais mais famosas. Atualmente, as quadras próximas à Machado de Melo seguem essa disposição comercial (TAVARES, 2014).

Nas décadas de 1970 e 1980 (figura 16), a Rua Batista de Carvalho apresentava alguns edifícios altos, letreiros comerciais que cobriam parte das fachadas, poluição visual das fachadas, continuando a passagem mista para pessoas e veículos.

Figura 16 - Vista do segundo pavimento comercial da quadra 5 da Rua Batista, em 1973.



Fonte: <https://www.facebook.com/abauruquenaovivi/>

É nessa mesma época que dois fatos acontecem na Batista de Carvalho: como dito anteriormente, por conta do grande crescimento populacional, a cidade perde espaço de moradia no centro para outras regiões da cidade. Conjuntamente, o fluxo de pessoas aos sábados comprando na rua cresce, e a Prefeitura resolve restringir o fluxo de carros em algumas ruas da Batista, dando prioridade aos pedestres que lotavam o local (figura 17). Dessa forma, as pessoas tinham mais segurança e comodidade no uso do espaço.

Figura 17 - Movimento de veículos e pessoas, na década de 1980, e restrição para carros, em um sábado na década de 1980.



Fonte: <https://www.facebook.com/abauruquenaovivi/>

Era o início do que viria ser o Calçadão da Batista de Carvalho.

3.3. Rua para pedestres: Calçadão da Batista de Carvalho

A partir dos anos 1980 surge a preocupação com a deterioração das áreas centrais nas cidades brasileiras de porte médio (PELEGRINA, 1991). Desta maneira, foram realizadas várias parcerias entre poder público e privado visando reverter o processo de degradação destas áreas centrais. Existe uma somatória de fatores que influenciaram e agravaram a deterioração, podendo-se citar principalmente a implantação dos *shoppings centers*, como também o aparecimento de novos centros de bairro e de galerias com lojas de padrão mais elevado. As galerias situadas em áreas nobres aliam a facilidade de estacionamento, proporcionando maior segurança e conforto com o oferecimento de áreas cobertas e climatizadas. É também na década de 1980 que esta situação ocorre em Bauru com a inauguração do Bauru Shopping e a expansão da área comercial ao longo dos corredores de tráfego, que ligam a área central aos bairros residenciais em direção à zona sul, destacando-se a Avenida Getúlio Vargas, implantada no final dos anos 1990 (ANANIAN, 2005).

A rua para pedestres, mais conhecida como Calçadão da Rua Batista de Carvalho foi criado através da interdição do tráfego de automóveis em um trecho desta rua, e está configurado entre duas praças muito importantes para a cidade, sendo a primeira a Praça Machado de Melo em frente à atualmente abandonada Estação Ferroviária, que outrora foi a entrada principal da cidade e do desenvolvimento, e a segunda, a Praça Rui Barbosa que abriga a Catedral do Divino Espírito Santo. É hoje, a principal referência quando o assunto é compras em Bauru. A via é a mais lembrada entre os consumidores e atrai todo tipo de público.

No início da década de 1990, a cidade possuía seu centro focado no comércio, serviços e poucas moradias, e assim foi criado, através de uma iniciativa do Sindicato do Comércio Varejista com o então prefeito Izzo Filho, o projeto para o Calçadão da Batista de Carvalho, afim de facilitar o acesso de pessoas que utilizavam o centro da cidade para fins comerciais (ANANIAN, 2005).

No ano de 1991, de acordo com Ananian (2005), houve um movimento à favor da implantação do Calçadão da Rua Batista de Carvalho devido ao grande fluxo de pedestres, que era totalmente incompatível com a largura de suas calçadas. Aos sábados e em épocas festivas, como a do Natal, o fluxo de pedestres era muito intenso, havendo a necessidade do bloqueio de veículos para dar prioridade, conforto e segurança aos pedestres. Esta situação serviu de experiência para sua transformação em Calçadão, a exemplo do que já vinha ocorrendo em outras cidades.

Além disso, de acordo com Ananian (2005), com o objetivo de transformar o Calçadão em local de encontro e de lazer para a população de Bauru e de atrair pessoas das cidades da região (figura 18), foi criada uma Comissão composta por membros de entidades representativas do comércio, como SINCOMÉRCIO (Sindicato do Comércio Varejista de Bauru), ACIB (Associação Comercial Industrial de Bauru), AEC (Associação das Empresas do Calçadão), comerciantes e poder público para viabilizar a cobrança de taxas que seriam revertidas para algumas ações e melhorias como limpeza e manutenção, segurança, acessibilidade universal, iluminação e fiscalização de som de camelôs.

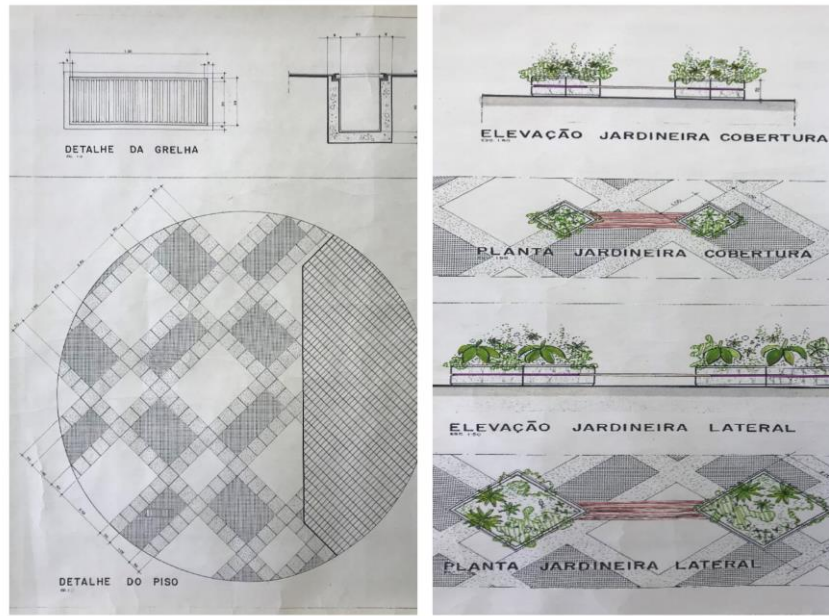
Figura 18 - Bloco de Carnaval na Rua Batista de Carvalho em 1991.



Fonte: <https://www.facebook.com/abauruquenaovivi/>

O projeto do Calçadão da Batista constava de piso Petit-pavé com desenho geométrico e grelhas de tamanho médio para escoamento das águas (figura 20), e cada quadra abrigava 3 arcos, sendo 2 cobertos e 1 descoberto.

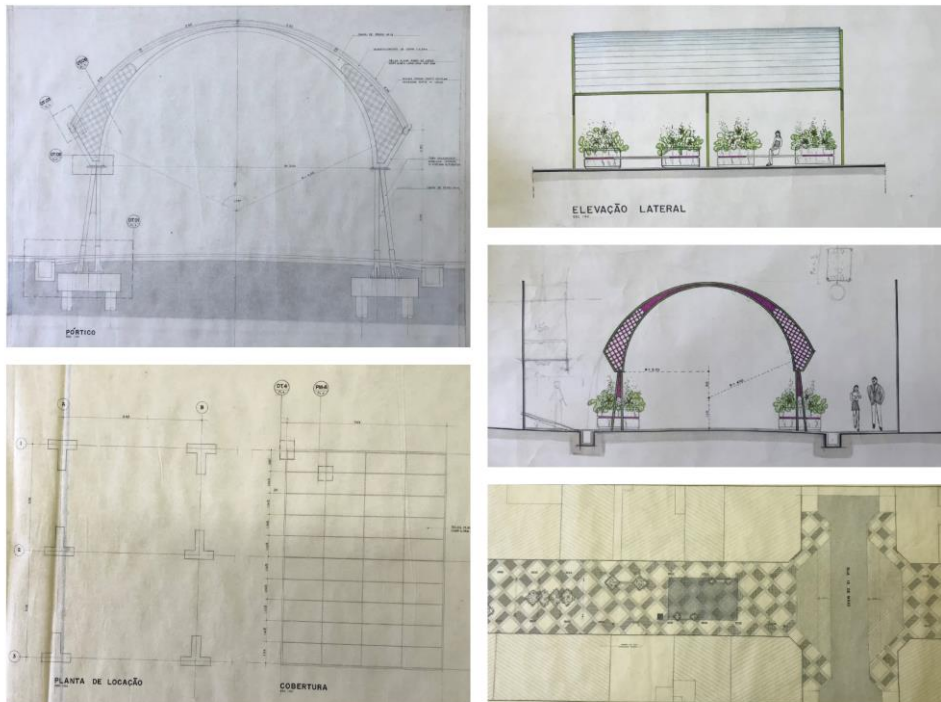
Figura 20 - Projeto com detalhamento do piso petit-pavé e dos bancos que seriam feitos e instalados.



Fonte: Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Bauru, 2018.

Os arcos cobertos eram em estrutura metálica branca e cobertura translúcida azul. Já os arcos descobertos constavam apenas de estrutura metálica branca (figura 21).

Figura 21 - Projeto e detalhamento dos Arcos, sua cobertura e localização no Calçadão.



Fonte: Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Bauru, 2018.

O mobiliário foi desenvolvido em dois materiais: madeira e concreto. Os bancos eram em madeira em meio à floreiras em concreto e as lixeiras em concreto. Dois bancos com floreiras estavam dispostos embaixo dos arcos cobertos, e o restante, disposto na extensão do Calçadão. Os arcos descobertos abrigavam floreiras em seu centro, quase como um canteiro central (figura 22).

A iluminação, além dos postes da rua, era feita por postes de ferro mais baixos com bolas.

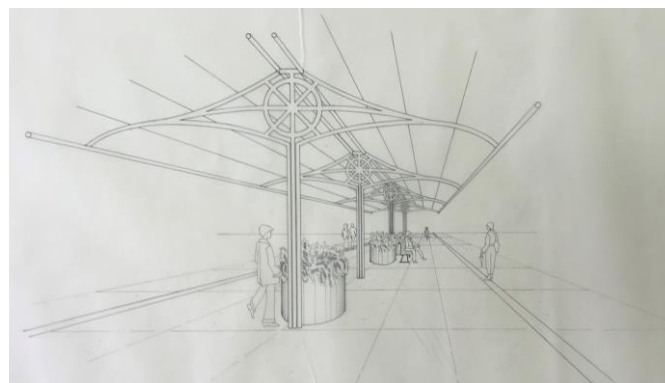
Figura 22 - Perspectivas das fachadas, Arcos e floreiras que seriam feitas e instaladas no Calçadão.



Fonte: Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Bauru, 2018.

Estava prevista a cobertura com um tipo de telha italiana resistente (figura 23), em cores diferentes por trecho de rua, mas a cobertura não foi feita (BERTUCCI, 2005), então, cada quadra ficou com a disposição de dois arcos cobertos e um central descoberto.

Figura 23 - Logo abaixo, a ideia de uma possível alteração do Arco com telha italiana, que nunca foi feito.



Fonte: Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Bauru, 2018.

Foi pensado no alargamento das calçadas das ruas transversais para facilitar a circulação dos pedestres (figura 24) e reduzir a velocidade dos veículos, mas essas

Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru.

alterações não foram feitas integralmente, apenas alguns recuos em quadras específicas.

Figura 24 - Início da reforma da Rua para Calçadão, em 1991.



Fonte: <https://www.facebook.com/abauruquenaovivi/>

Figura 25 - Calçadão no final de tarde, com os Arcos iluminados em 1992. Calçadão em 1999, após horário comercial, sem movimento algum.

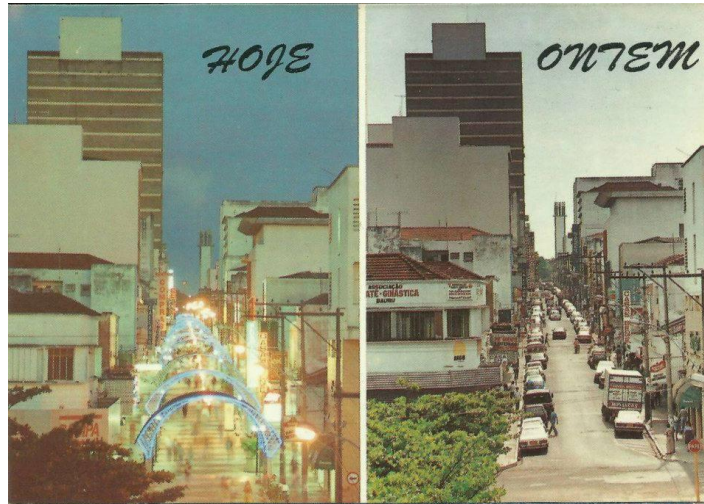


Fonte: <https://www.facebook.com/abauruquenaovivi/>

O Calçadão (figura 25) se destaca das demais ruas do centro pela sua arquitetura e espaço exclusivo ao trânsito de pedestres. Ao seu redor estão muitos dos endereços mais conhecidos da cidade (figura 26), nos quais estão localizados órgãos públicos, várias agências bancárias e lojas dos mais variados setores (TAVARES, 2014).

Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru.

Figura 26 - Foto da Rua Batista de Carvalho em 1960 e após a criação do Calçadão na década de 1990.



Fonte: <https://www.facebook.com/abauruquenaovivi>, 2015.

Porém, antes mesmo do conhecido projeto para o Calçadão de 1992, o arquiteto Nilson Ghirardello propôs um anteprojeto no ano de 1984 (figura 27) como trabalho final de sua graduação em Arquitetura para reestruturação do Calçadão.

Figura 27 - Anteprojeto da reestruturação da Rua Batista de Carvalho em 1984, no jornal Diário de Bauru, e também no Jornal da Cidade.



Fonte: Nilson Ghirardello, 2018.

O anteprojeto previa o estreitamento das vias, com passagem para um carro por vez, e estacionamento apenas para motos e bicicletas. Bastante mobiliário urbano, vegetação e nenhum arco faziam parte desta ideia. Com essa reestruturação de baixo custo, a ideia era manter a funcionalidade exclusivamente comercial, e em horários pós-comercial, que o lugar não ficasse ocioso e abandonado. Desta forma, resolveria os problemas do centro da cidade, melhorando o envolvimento social e incentivando o comércio local.

3.3.2. Ambiente Físico

A paisagem cultural do Calçadão Batista de Carvalho é composta por sete quadras (figura 28), e está localizada no centro urbano consolidado de Bauru, entre as praças Machado de Melo e Rui Barbosa, próxima a monumentos importantes, como a Estação Central da Noroeste, a Catedral e a Praça Rui Barbosa, a Praça Machado de Melo, a Câmara Municipal, e o Automóvel Clube (figura 29).

Sem um terminal de ônibus que interligue os itinerários disponíveis na cidade, a maioria passa pela região central, contribuindo para o maior trânsito de pessoas na área.

Figura 28 - As sete quadras do Calçadão assinaladas onde são pares e ímpares.



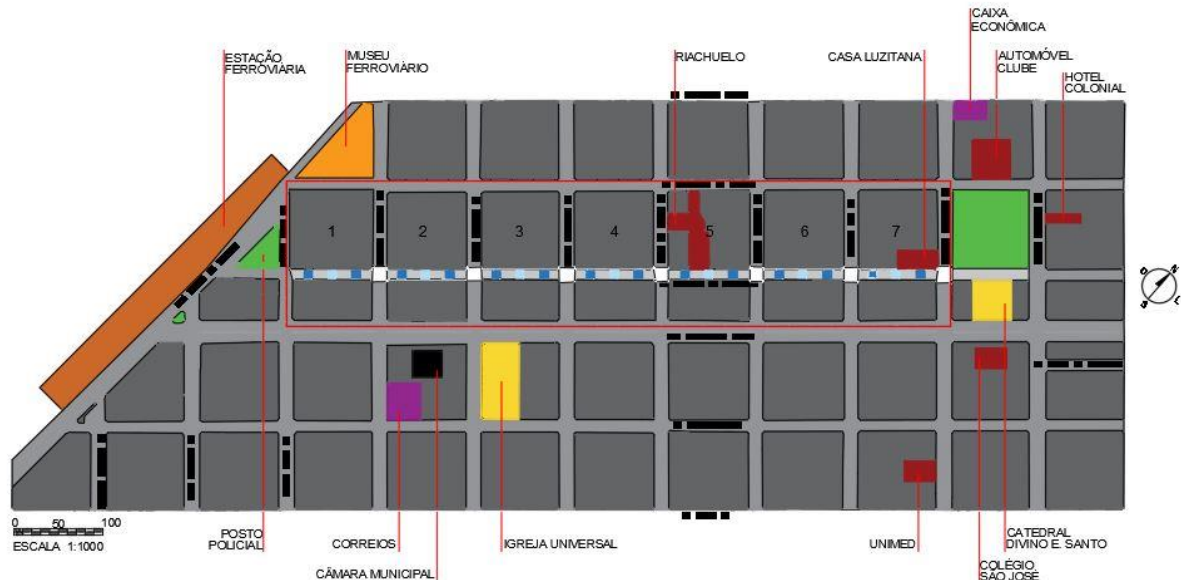
Fonte: autora, 2018.

De acordo com levantamento do IBGE, em 2011, o município de Bauru possuía mais de cento e vinte e duas mil pessoas assalariadas e a renda média do bauruense era cerca de 3,1 salários mínimos, pouco mais de dois mil e cem reais atualmente.

Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru.

Levando-se em consideração esse dado, o comércio de rua de Bauru atrai o consumidor que precisa de facilidade de crédito, mercadorias de boa qualidade e preço justo.

Figura 29 - O contexto da região do Calçadão e seus pontos de referência.



Fonte: autora, 2018.

O Calçadão começa e termina com duas conhecidas praças, iniciando sua extensão na Praça Machado de Melo e terminando na Praça Rui Barbosa ou Praça da Matriz do Divino Espírito Santo (figura 30). Esta última, em seu início, era um local de permanência e contemplação, com espelhos d'água, pontes, coretos e vegetação abundante. Reformada na década de 1990, a pretexto de se expulsar marginais, o tráfico de drogas e prostitutas, ganhou o caráter de praça de eventos e abriga camelôs, mas os problemas não foram solucionados. Foi reformada novamente em 2015, tendo sua obra finalizada em 2017, porém, os problemas anteriores continuam. Já a Praça Machado de Melo, tem um traçado triangular, é pequena e apresenta as características de uma praça de circulação, embora tenha alguns bancos, bastante vegetação e posto Policial.

Figura 30 - Praça Rui Barbosa e Praça Machado de Melo.



Fonte: autora, 2018.

A paisagem cultural do Calçadão Batista de Carvalho está configurada pelas edificações e seus usos do solo, piso e acessibilidade, mobiliário urbano, comunicação visual, arcos, iluminação e vegetação.

3.3.2.1. Edificações

Muitas das edificações da rua Batista de Carvalho são de meados do Século XX e são configuradas por terem comércio no pavimento térreo e residência no pavimento superior. É a partir da metade do Século XX que surgem alguns edifícios que modificaram a paisagem (figuras 31, 32 e 33). De acordo com Landim (2004, p. 86):

[...] atualmente, os comerciantes não mais residem nos pisos superiores de seus estabelecimentos, em geral utilizados como depósitos e/ou escritórios, ou ainda alugados para repúblicas de estudantes universitários.

Apesar da maioria das construções estar recoberta por elementos de propaganda, verifica-se uma tendência de reformulação das fachadas, recuperando-se sua arquitetura original, numa ótica de revitalização da área central. Essa tipologia convive com uma verticalização datada dos anos 60/70.

Várias edificações da rua Batista de Carvalho são de meados do Século XX e têm comércio no pavimento inferior e residência no pavimento superior.

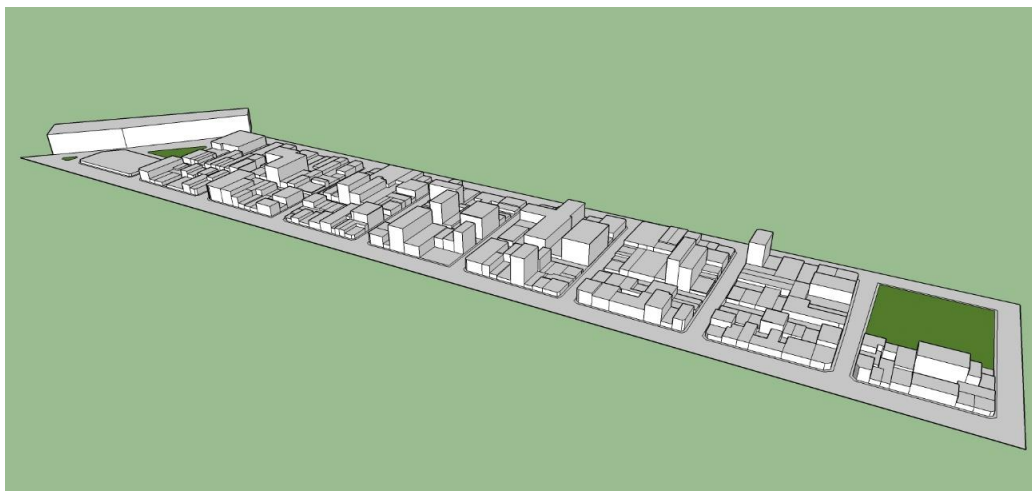
Na segunda metade do Século XX surgiram alguns edifícios que modificaram a paisagem. Segundo Landim (2004, p. 86):

[...] atualmente, os comerciantes não mais residem nos pisos superiores de seus estabelecimentos, em geral utilizados como depósitos e/ou escritórios, ou ainda alugados para repúblicas de estudantes universitários.

Apesar da maioria das construções estar recoberta por elementos de propaganda, verifica-se uma tendência de reformulação das fachadas, recuperando-se sua arquitetura original, numa ótica de revitalização da área central. Essa tipologia convive com uma verticalização datada dos anos 60/70.

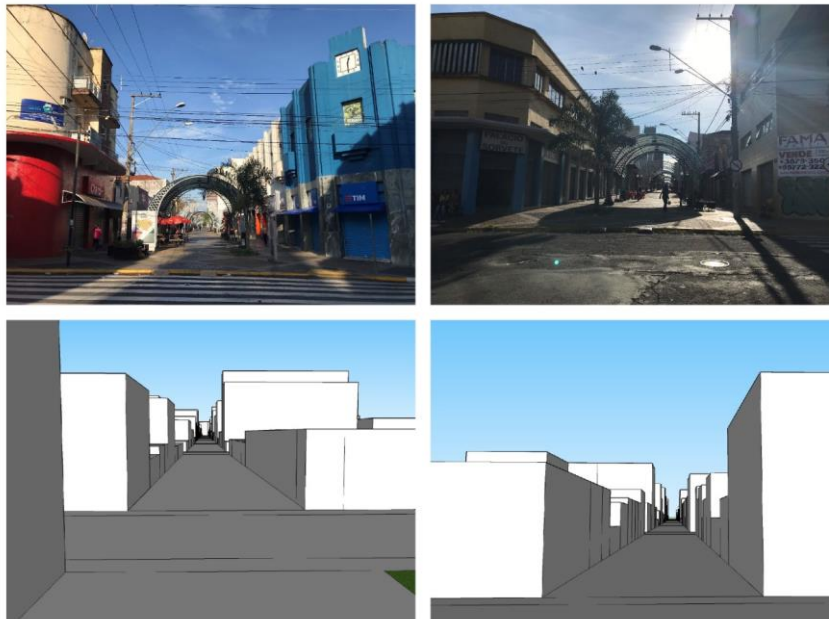
Nos últimos anos, as edificações do Calçadão ficaram com ar de decadência e abandono. A Associação dos Comerciantes do Centro desenvolve atualmente um plano de revitalização das edificações do Calçadão, que procura incentivar o restauro das edificações e controlar a utilização dos informes publicitários, através da dedução de impostos, o que tem melhorado o aspecto do local.

Figura 31 - 3D exemplificando as alturas dos prédios da região central.



Fonte: autora, 2018.

Figura 32 - Imagens e 3D das quadras 1 e 7 mostrando as alturas dos prédios mediante a paisagem e seus Arcos.



Fonte: autora, 2018.

Figura 33 - Imagem 3D da quadra 7, identificando elementos contrastantes entre alturas e fachadas: vegetação, Arcos, postes e gabaritos.



Fonte: Erica Neves, 2016.

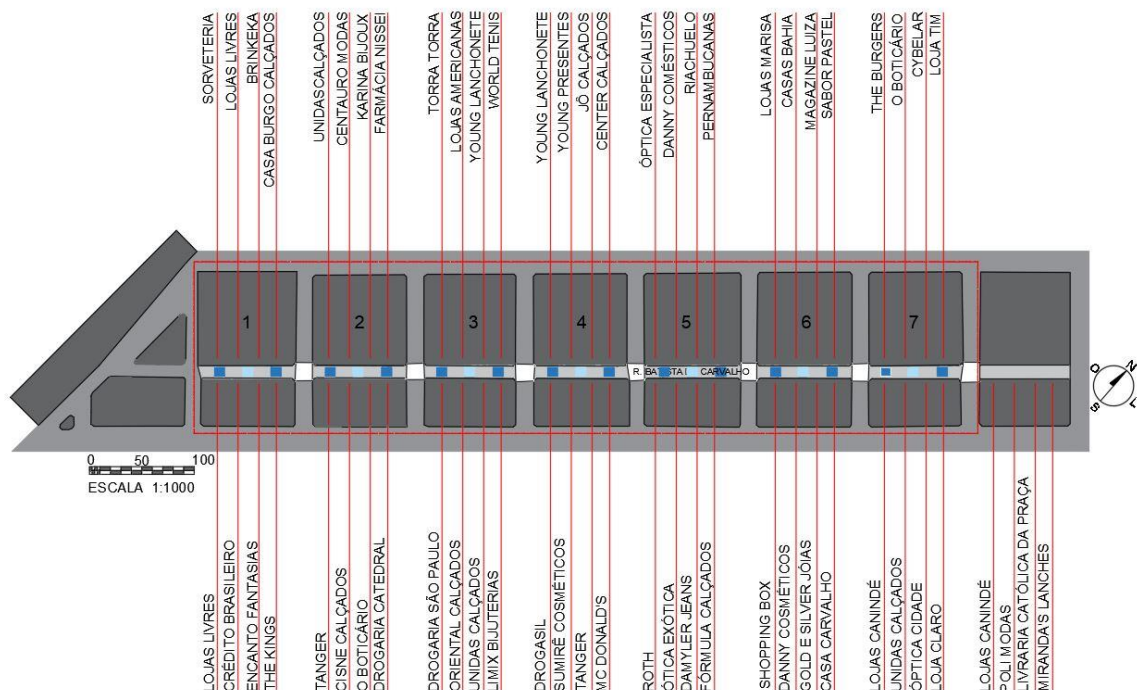
Ainda sobre as edificações e fachadas, a grande maioria, durante o dia, é aberta, convidativa, com bastante produto exposto, porém, não há espaços de transição ou que acomodem as pessoas das intempéries. Durante a noite, são fechadas com portas de ferro sem visão alguma para dentro, mal ou sem iluminação, tornando-se nada agradáveis e convidativas. Quanto ao gabarito de altura, há grande variedade de alturas e fachadas, e isso atrapalha bastante na paisagem urbana,

fazendo com que muitos prédios antigos que ainda existem, sejam massacrados pelos mais altos que permeiam a extensão do Calçadão.

3.3.2.2. Usos do solo

Na área central de Bauru é grande a concentração de lojas e serviços, mas também existem algumas poucas residências. No Calçadão podem ser encontrados os seguintes estabelecimentos comerciais e de serviços no nível térreo (figura 34):

Figura 34 - Principais estabelecimentos comerciais localizados no Calçadão.



Fonte: autora, 2018.

O espaço é, em grande maioria, destinado ao comércio e serviços e utilizado durante o horário comercial, das 9h00 às 18h00, de segunda a sexta feira, e aos sábados das 9h00 às 13h00, fazendo com que boa parte do movimento se dê dentro desse expediente, não agregando usos diferenciados em outros horários. Fora épocas de datas comemorativas, nada acontece no local que traga movimento diferenciado.

Ao longo das sete quadras, existem aproximadamente 130 lojas e um comércio que movimenta milhões de reais por ano. O metro quadrado desse espaço chega a custar até R\$4,5 mil. Boa parte do dinheiro que circula em Bauru passa por essa rua (VIVENDO BAURU, 2017). No decorrer do Calçadão, foram adicionadas cabines

telefônicas e quiosques de venda de cartões telefônicos. Já alguns bares e lanchonetes acabaram por se apropriar do espaço com suas mesas e cadeiras.

De acordo com o secretário de planejamento de Bauru, Paulo Ferrari, o Calçadão tem “uma importância econômica muito grande, por ser um ponto regional do comércio, que gera emprego e receita”. Além disso, o Calçadão é também um enorme espaço público de lazer, onde as pessoas vão para comer ou apenas para dar uma caminhada entre os turnos de trabalho, sendo que essa ação ganhou um termo próprio: “batistar”.

De acordo com informações da Secretaria da Fazenda do Município, a região central da cidade é o lugar com a área mais valorizada, em especial as marginais do Calçadão, pois existem edificações com bom padrão e uma grande concentração de estabelecimentos comerciais.

O comércio e serviços continua sendo o foco principal da rua, porém, ocorreram mudanças na tipologia das lojas, com a presença de um comércio mais popular (figura 35), destacando-se as lojas de “1.99”, e o grande aumento do comércio informal (camelôs). "As atividades profissionais que exercem na rua denotam a estratégia de sobrevivência que encontraram para superar a crise econômica", segundo Simões (1994, p.36) e, nesse sentido, "... o centro acaba sendo um dos locais menos segregados da cidade, onde todos convivem democraticamente”.

Figura 35 - Lojas de vendedores asiáticos e camelôs com itens à preços competitivos.



Fonte: autora, 2018.

Além do comércio formal, também, no Calçadão Batista de carvalho existe o comércio informal, barracas e camelos com venda de produtos como itens importados, cachorro quente, água de coco, caldo de cana, entre outros (figura 36).

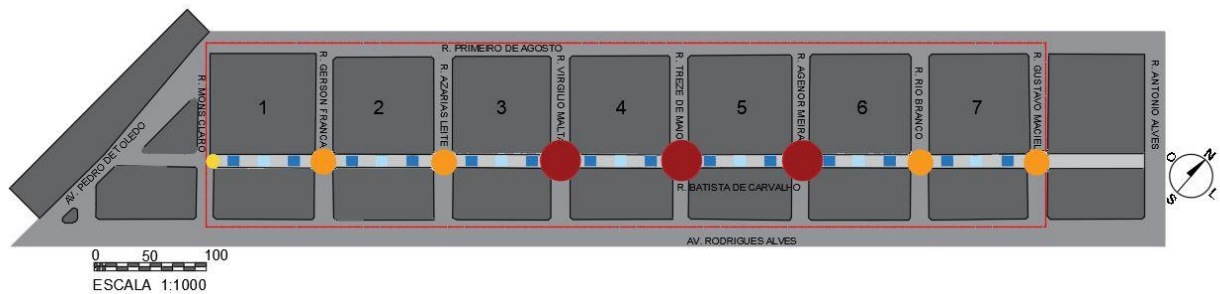
Figura 36 - Localização de comércio informal e vendedores ambulantes.



Fonte: autora, 2018.

Também, as localizações de grandes lojas para o comércio e serviços atraem aos usuários, configurando um fluxo variado de pessoas durante os períodos do dia. Assim nas quadras 3, 4 e 5 onde estão localizadas as lojas Americanas, Torra Torra, Pernambucanas se concentram maior fluxo de pessoas (figura 37).

Figura 37 - Escala de movimento e fluxo por trecho.



LEGENDA

	MOVIMENTO FRACO
	MOVIMENTO MÉDIO
	MOVIMENTO INTENSO

Fonte: autora, 2018.

3.3.2.3. Piso e acessibilidade

O primeiro elemento analisado no Calçadão foi feito em piso *petit pavet* (figura 38), e até hoje permanece assim. O desenho do piso é geométrico disposto em

Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru.

diagonal nas cores preta e amarela, que se intercalam e formam o desenho. As cores escolhidas escurecem um pouco o espaço.

Figura 38 - Vista do 16 andar do Edifício Comercial, localizado na quadra 4 do Calçadão, onde pode-se ver o piso e a disposição dos Arcos.



Fonte: autora, 2018.

O piso encontra-se em estado regular de preservação, necessitando de reparos em locais que afundaram. Quando chove, não há escoamento, suficiente, alagando algumas partes do espaço (figura 39).

Figura 39 - Piso do Calçadão encharcado e sem escoamento suficiente, em tarde chuvosa durante semana.



Fonte: Ana Laura Moraes, 2018.

Sobre acessibilidade, o Calçadão tem guias rebaixadas em algumas quadras, mas não possui faixa para cegos, nem qualquer outro tipo de auxílio.

3.3.2.4. Comunicação visual

Por conta do aspecto de abandono e decadência das fachadas, as edificações do Calçadão vieram sendo revitalizadas (figura 40) através da Associação dos Comerciantes do Centro, que procura incentivar o restauro das edificações e controlar a utilização de identidades visuais chamativas ou muito grandes (figura 41) e excessivas através da dedução de impostos, e essa medida vem melhorando o aspecto visual do local.

Figura 40 - Prédio comercial antigo com fachada revitalizada após pintura.



Fonte: autora, 2018.

De acordo com Januzzi (2005), por volta de 2004 e 2005, foi implantado um projeto de pintura das edificações e redução do tamanho da comunicação visual dos comércios, com a dedução dos custos nos tributos municipais, o que melhorou o aspecto visual do local com um pouco de despolição visual das fachadas causados pelos letreiros.

Figura 41 - Identidades visuais das fachadas localizadas na quadra 4: tamanho e locais estipulados por lei.

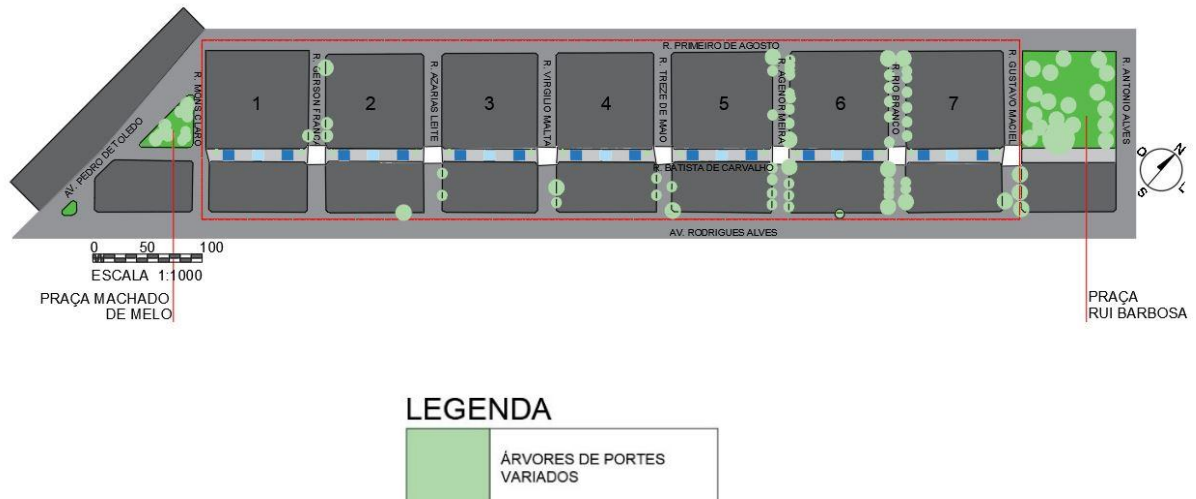


Fonte: autora, 2018.

3.3.2.5. Vegetação

Na extensão da Batista, a arborização e vegetação é bastante escassa, o que colabora com a sensação de calor no local (figuras 42 e 43).

Figura 42 - Áreas verdes e arborização na região do Calçadão.



Fonte: autora, 2018.

Figura 43 - Coqueiro e floreiras são as únicas vegetações existentes localizadas no espaço.



Fonte: autora, 2018.

3.3.2.6. As floreiras

Já as floreiras possuem formato de um hexágono, com acabamento em madeira (figura 44), às vezes agrupadas em torno de um banco, outras vezes sozinho. Em seu interior existem suportes para vasos, o que permite sua troca com facilidade, aparentam estar em boa conservação e percebe-se que as plantas recebem cuidados.

Figura 44 - Floreira em madeira.



Fonte: autora, 2018.

3.3.2.7. As luminárias

Sobre o mobiliário existente, as luminárias foram inspiradas nas que existem em espaços públicos do centro da cidade de São Paulo (figura 45) têm estrutura em metal preta, com três esferas brancas nas extremidades, onde ficam as lâmpadas. À noite o local é bem iluminado. Além das luminárias baixas, existem os postes municipais que são de grande importância.

Figura 45 - Poste em ferro e poste padrão municipal.



Fonte: autora, 2018.

3.3.2.8. Bancos

Para a comodidade dos usuários, o Calçadão possui vários bancos (figura 46) nos quais as pessoas podem descansar e até bater um papo durante uma compra e outra.

Figura 46 - Banco em concreto e Banco com floreiras em madeira.



Fonte: autora, 2018.

Os bancos de madeira com as floreiras são parte do projeto inicial do Calçadão e se integram com o restante das floreiras, porém o projeto inicial foi alterado e nota-se que precisam de manutenção. Existem outros bancos de concreto que estão mal conservados, e não se integram com o restante do mobiliário, sendo em pouca quantidade.

3.3.2.9. Lixeiras

Existe um único tipo de lixeira, que são de madeira, que provavelmente foram feitas na mesma época em que o banco com floreiras após a reforma posterior de quando foi inaugurada (figura 47).

Figura 47 - Lixo em madeira e ferro.



Fonte: autora, 2018.

3.3.2.10. Telefone público

Pode-se encontrar três tipos de telefone público, orelhões tradicionais, mas que acompanham as alturas de pessoas com e sem necessidades especiais. Todos em fibra e ferro (figura 48).

Figura 48 - Orelhões para pessoas portadoras ou não de necessidades especiais.

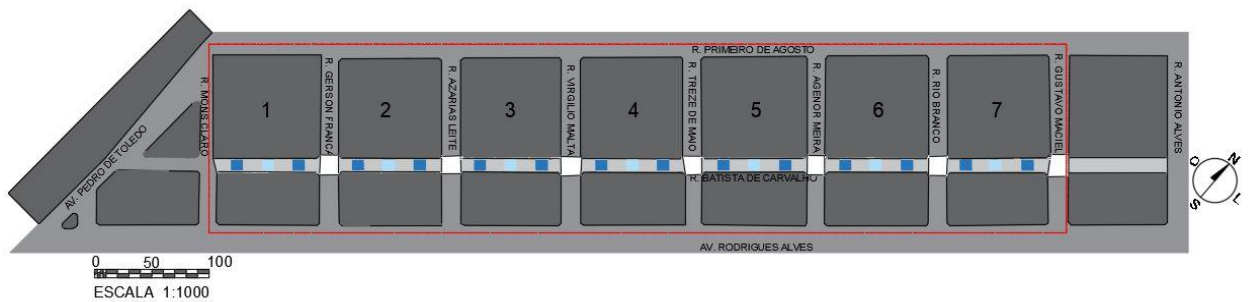


Fonte: autora, 2018.



3.3.2.11. Arcos

O ponto ápice e totalmente caracterizador do Calçadão da Batista foi a colocação de três arcos (figuras 49 e 50) por quadra em estrutura metálica na cor branca, sendo dois cobertos com telhas translúcidas azuis e um somente com a estrutura, na intenção de proporcionar sombra e frescor.

Figura 49 - Localização dos arcos abertos e cobertos na extensão do Calçadão.



LEGENDA

	ARCOS ABERTOS
	ARCOS COBERTOS

Fonte: autora, 2018.

Figura 50 - Arcos cobertos e Arcos fechados.



Fonte: autora, 2018.

Apesar da boa intenção, o propósito para o qual foi criado não foi satisfatório (figura 51), pois a cobertura escurece o ambiente, diminui a área de circulação dos pedestres, e, em caso de incêndio, dificultaria ou impediria a passagem de caminhões dos bombeiros, que são altos (figura 52).

Figura 51 - Vista aérea mostrando a localização dos Arcos na extensão do Calçadão.



Fonte: autora, 2018.

Mesmo sendo de grande importância ao público, pelo seu apelo emocional que trás aos usuários do Calçadão, os arcos pouco protegem do tempo e clima, e muito atrapalham a visibilidade das fachadas e prédios existentes.

Figura 52 - Arco fechado atrapalhando visualização da fachada e acesso à loja.



Fonte: autora, 2018.

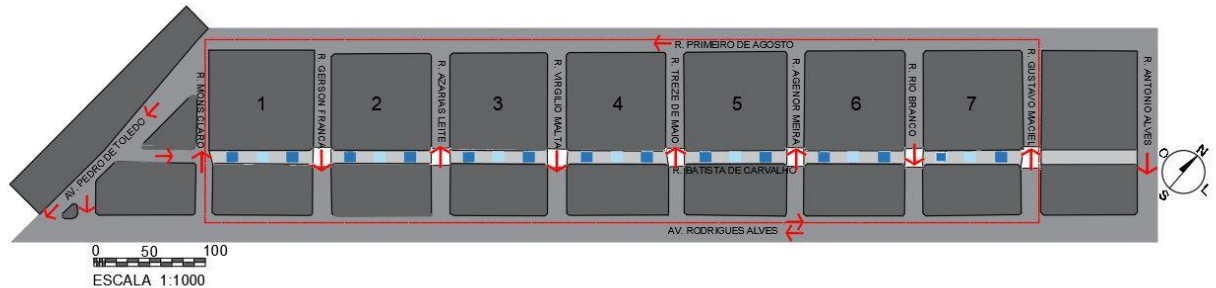
3.3.2.12. Vias e estacionamentos

Existem vias transversais que cortam toda extensão do Calçadão, não atrapalhando o fluxo e escoamento de carros para outras regiões, porém, o trânsito

Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru.

nessa região costuma ser lento, e muitas vezes, sem locais públicos para estacionar (figura 53).

Figura 53 - Ruas e Avenidas e seus sentidos de fluxo.



LEGENDA

	TRÂNSITO À DIREITA
	TRÂNSITO À ESQUERDA

Fonte: autora, 2018.

O Calçadão é cortado na transversal em toda sua extensão pelas ruas: Monsenhor Claro, Gerson França, Azarias Leite, Virgílio Malta, Treze de Maio, Agenor Meira, Rio Branco e Gustavo Maciel (figura 54).

Figura 54 - Ruas transversais com recuos para estacionamento público, mediante apresentação de Zona Azul.



Fonte: autora, 2018.

3.3.2.13. Transporte Público

Quanto ao significado de transporte público, embora não haja uma definição legal específica para o termo, pode-se dizer que sua definição operacional abrange o transporte público não individual, realizado em áreas urbanas, com características de deslocamento diário dos cidadãos.

O chefe de obras da prefeitura, José Garcia, no cargo há 31 anos, conta que já esteve inúmeras vezes no local realizando a manutenção dos bancos. Garcia explicou ainda que seus assistentes também realizam manutenção das ruas e calçadas da cidade.

3.3.2.15. Usos

Quando a noite começa surgir e o comércio se encerra (figura 56), o movimento do Calçadão vai embora juntamente com os trabalhadores e pedestres, fazendo com que o centro ganhe um aspecto perigoso no período noturno. Quando anoitece, os pedestres encontram-se em seus respectivos destinos. Os únicos que dão pouco movimento ao local pertencem às escoltas policiais que rondam o espaço vazio e morto, indo e voltando pelas calçadas, com motos e carros, vigilantes a possíveis subversões.

Figura 56 - Portas do comércio baixando ao final do expediente.



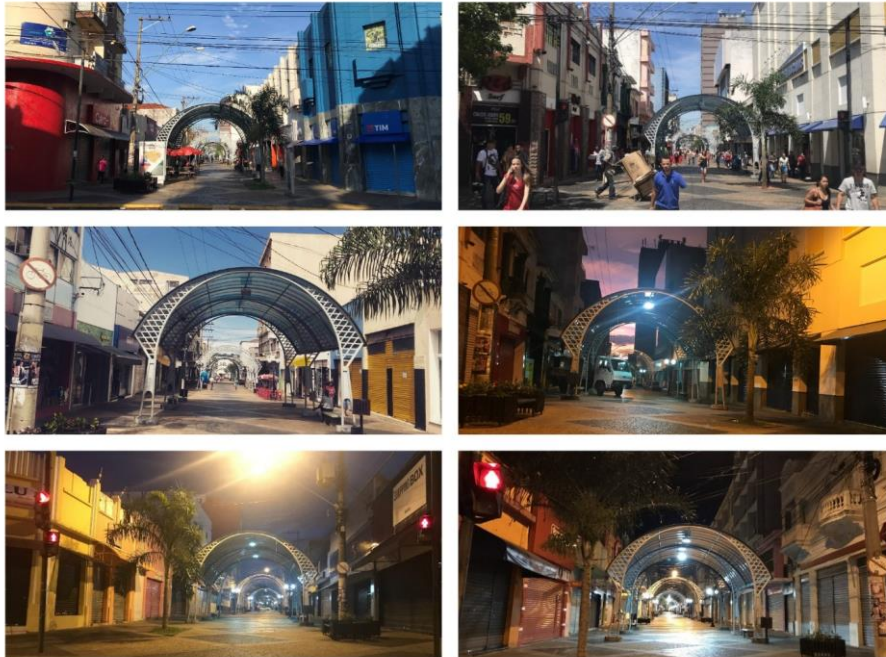
Fonte: autora, 2018.

A situação no pós-18 horas é atípica e o Calçadão deixa de ser protagonista e se transforma apenas em uma passarela que separa o bauruense do seu destino. No início da noite o volume da movimentação arrasta os mais desavisados e impõe a dura rotina: o centro encontra-se em coma, e em breve, morrerá para o bauruense.

Não há regras na Batista depois das 22 horas. Na realidade, depois das 23 horas, o centro todo já não tem lei e não há conversa, tudo é regido pela ética do olhar e qualquer ato que fuja do modelo é observado com curiosidade, muito receio e, talvez, encarado com hostilidade.

O verdadeiro centro de Bauru é uma mistura do visível, até às 18 horas, do aparente, das 18 horas às 23 horas, e do invisível, das 23 horas em diante (figura 57). O centro é a reprodução das contradições, que o bauruense não conhece, não experimenta e não sabe.

Figura 57 - Escala de movimento e fluxo nos períodos das 8hrs da manhã, 10 hrs da manhã, 15hrs da tarde, 18 hrs da tarde, 19hrs da noite e 23hrs da noite.



Fonte: autora, 2018.

Cidades médias como Bauru tem um contraste social muito grande e, por conta disso, a região central acaba virando muito mais comercial ou de serviços e regiões mais abastadas têm seus espaços públicos preteridos aos privados (MENDES, 2014).

A autora Jane Jacobs (2000, p.35) diz que "... uma rua movimentada consegue garantir a segurança; uma rua deserta, não...", pois "devem existir olhos para a rua, os olhos daqueles que podem chamar de proprietários naturais da rua". E afirma que o requisito básico da segurança "...é um número substancial de estabelecimentos e outros locais públicos dispostos ao longo das calçadas... que, sobretudo sejam utilizados de noite".

De acordo com Ananian (2005), é interessante notar que a falta de usos mistos em horários variados ao horário comercial é a causa e a consequência da falta de segurança, sendo essa uma questão muito relevante no processo de renovação urbana. Na parte baixa da área central a situação se agrava devido ao bloqueio da linha férrea e ao estado de abandono em que se encontram as instalações da ferrovia (estação, escritórios, oficinas).

Desde então, a questão mais preocupante relacionada às áreas centrais é a falta de uso noturno, provocando o esvaziamento do espaço público (ANANIAN, 2005).

A principal razão para esta realidade decorre do fato da transformação das residências em estabelecimentos comerciais e muitos apartamentos tornaram-se escritórios, ou então permanecem vazios, devido à dificuldade de locação em razão do barulho, da falta de estacionamento e, acima de tudo, da falta de segurança.

Aldemiro Alves, vice-presidente da Câmara dos Dirigentes Lojistas de Bauru (CDL), declara que os comerciantes precisam do apoio da prefeitura para reforçar a segurança no centro da cidade. Para ele, essa melhoria irá aumentar a confiança do consumidor na infraestrutura do Calçadão e as vendas serão alavancadas. Ele também reforça que existem opções de lazer, como bares, lanchonetes e restaurantes que as famílias podem visitar quando vem ao centro fazer suas compras.

O incentivo ao comércio noturno e à moradia na região central promoveriam uma mudança de perfil na sociedade bauruense, uma vez que movimentaria locais já conhecidos pela população em mais um período do dia.

A ideia, em termos gerais, não é de revitalizar o centro, pois já existe vida na região, mas sim de repensá-lo e readequá-lo em alguns pontos e períodos, por que não adianta embelezar e arborizar, adequar infraestrutura se no espaço não existir vida durante todo o tempo. E é exatamente essa questão que vai fazer toda a diferença, pois essa área urbana tem espaços muito ociosos que poderiam e deveriam ser melhor utilizados.

Além dos problemas com o movimento nos períodos diurno e noturno, e a falta de integração de usos mistos e moradias, o espaço conta com outros problemas, como fachadas desinteressantes e pouco convidativas, com pouco ou nenhuma iluminação, desrespeito pela escala humana, pouca vegetação, excessos causados pelas intempéries, mobiliário inadequado e escasso.

Bertussi revelou também que inicialmente previam o alargamento das ruas transversais, mas isso não foi implantado.

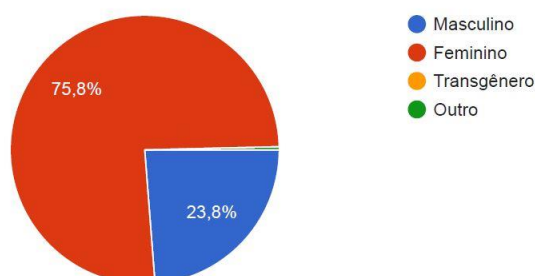
3.4. Social simbólico

A fim de conhecer a percepção, expectativas e valores simbólicos dos usuários sobre o Calçadão Batista de Carvalho, foram aplicados questionários online aos profissionais, estudantes e pessoas em geral, que moram na cidade de Bauru e região, no período de 14 de fevereiro à 14 de março de 2018. O questionário consta de três partes, onde a primeira trata das características sócio-econômicas do entrevistado: faixa etária, gênero, nível de escolaridade, renda familiar, lugar de nascimento, local de residência e tempo de moradia em Bauru. A segunda parte

compreende questões abertas sobre o Calçadão Batista de Carvalho: uso, frequência e permanência no Calçadão, meios de transporte utilizados, finalidades, sobre os arcos, mobiliário, piso, vegetação, iluminação, acessibilidade, conforto térmico no inverno e verão, quando faz sol ou chove, sobre a segurança. A terceira, são questões abertas sobre as preferências ou não frente ao Calçadão, frente aos Arcos, sobre os locais para alimentação, sobre as fachadas e escala humana, moradias e trabalho, sobre a identidade e memória com o Calçadão.

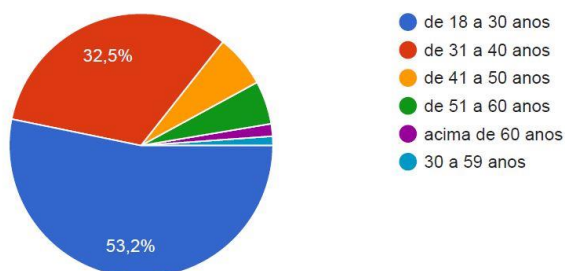
De um universo de 265 entrevistados, a maioria são mulheres (75,8%), e o restante se divide entre homens (23,8%) e transgêneros ou outros (0,4% não se identificaram).

Gráfico 01 – Gênero do público entrevistado.



Sobre a faixa etária, a maioria é jovem na faixa de 18 a 30 anos (53,2%), 32,5% estão na faixa de 31 a 40 anos, 5,3% tem entre 51 a 60 anos e acima de 60 anos são 1,5%. Em relação à escolaridade, a maioria tem ensino superior (50,2%), seguido de especialização (26,4%), e mestrado (12,1%).

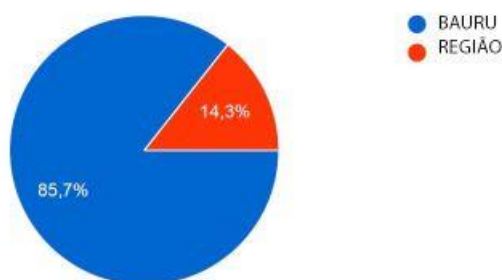
Gráfico 02 – Idade do público entrevistado.



Referente à renda familiar, a maioria tem renda mensal de 4 a 10 salários mínimos (40,4%), seguido de pessoas que recebem até 2 salários mínimos (28%) e de 2 a 4 salários mínimos (26,8%).

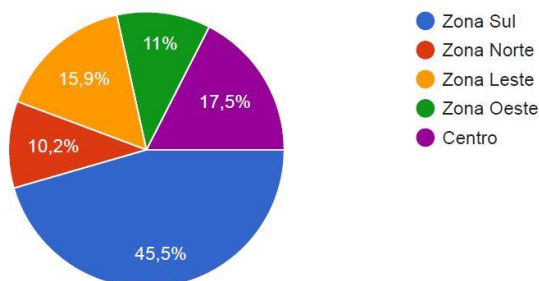
Com relação a origem dos entrevistados, a maioria é da cidade de Bauru (50,9%), 45,6% residem em cidade do Estado de São Paulo, e 3,5% são de outros estados do país.

Gráfico 03 – Localidade dos entrevistados.



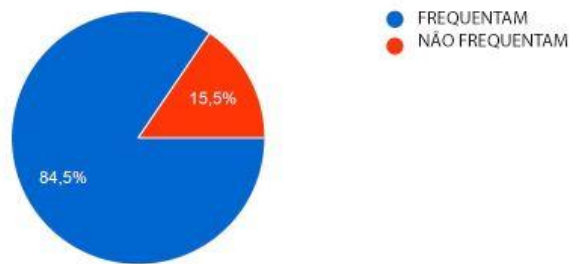
Dos usuários do Calçadão (212 entrevistados), a maioria mora na cidade de Bauru há mais de 20 anos (53,3%), 18,8% moram de 6 à 10 anos, e 14,5% moram de 10 a 20 anos. Destes, 45,5% moram na zona sul, 17,5% no centro, e 15,19% na zona leste, 11% na zona oeste e 10,2% na zona norte.

Gráfico 04 – Zona em que moram o público entrevistado em Bauru.



Com relação às respostas das questões direcionadas, 84,5% frequentam o Calçadão e 15,5% não o frequentam.

Gráfico 05 – Número de usuários do Calçadão.

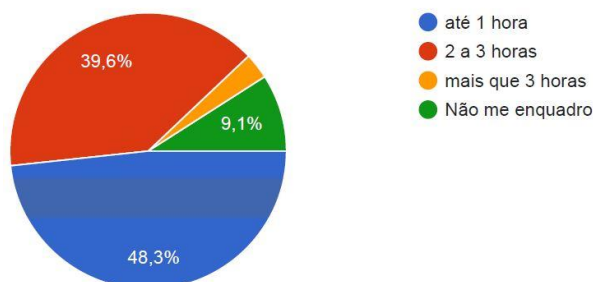


Dos usuários do Calçadão, a maioria frequenta durante a semana (42,6%), seguido dos que frequentam aos sábados (40,4%). Destes, a maioria frequenta o Calçadão no período vespertino (7,9%).

a) Permanência

Sobre o período de permanência, a maioria frequenta o espaço por até 1 hora, 39,6% usam de 2 a 3 horas, e o restante frequenta o espaço por mais de 3 horas.

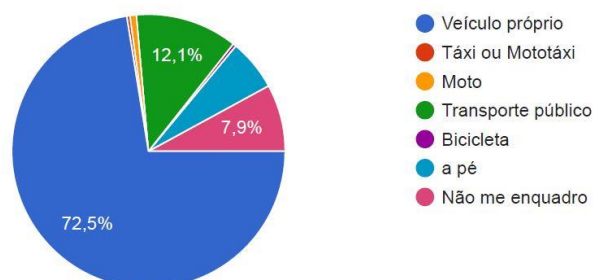
Gráfico 06 – Tempo de permanência do público entrevistado.



b) Transporte

Referente ao transporte, 72,5% chegam ao Calçadão através de veículo próprio, dos que chegam com veículo próprio, 73,7% sentem dificuldade para estacionar.

Gráfico 07 – De que forma o público entrevistado chega ao Calçadão.



c) Atividades realizadas

Grande parte dos usuários (86,4%) realiza suas compras no Calçadão, 25,2% dos usuários passeiam pelo local, e 6,7% apenas passam pela rua, e 5,6% dos entrevistados trabalham no Calçadão. Apenas 2,6% marcam de se encontrar com alguém no Calçadão.

d) O que mais gosta no Calçadão

As respostas das questões abertas para os entrevistados foram processadas segundo as seguintes questões: quando perguntado sobre o que mais gostam no Calçadão e por que, a maioria (58,4%) não gosta do local. Dos que gostam do Calçadão (41,5%), procuram o espaço por conta da variedade das lojas (56,4%), 26,3% pelos preços competitivos, 14,15% gostam de andar a pé pela calçada larga.

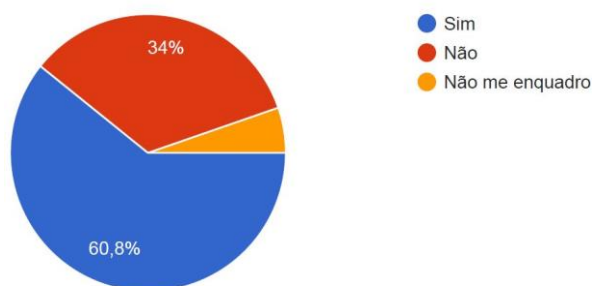
e) Não gosta do Calçadão

De acordo com os entrevistados que não gostam do Calçadão, 29,7% disseram que falta cobertura para chuva e sombreamento, 23,2% reclama da dificuldade para estacionar o carro, 13,6% reclama da falta de manutenção do Calçadão, 8,9% diz que os pedintes e mendigos os incomodam, 7,7% diz que o local é inseguro, 4,1% fala que a mobilidade é escassa, 4,1% diz que o mobiliário é escasso, 3,5% reclama da falta de vegetação e árvores, 1,7% reclama que as fachadas não são bem conservadas; dentre outras respostas que são tão importantes quantas todas, diz que faltam banheiros, espaços para alimentação e comércio e serviços pela noite.

f) Arcos

Sobre os arcos, foi perguntado se gostam ou não da existência dele no Calçadão. Dos entrevistados que responderam essa questão (114), 61,4% gostam do arco, e 38,6% dizem não gostar. Dentre os que gostam dos arcos, 51,5% disseram que faz sombra e protege da chuva, 34,3% diz que é a identidade do centro, 14,2% dizem que é bonito. Dos que não gostam, as respostas foram de 61,4% pela falta de estética, 16% dizem não ser funcional, 13,6% diz que impede de ver e apreciar as fachadas existentes, 6,8% dizem que não remete à memória, e 2,2% dizem que o arco polui visualmente o espaço.

Gráfico 08 – Identificação com os arcos da Batista.



g) Mobiliário

Referente ao mobiliário existente no Calçadão, a maioria respondeu que é regular (39,4%), 24,6% disseram que é ruim, 17,8% disseram ser muito ruim, 11,4% diz ser bom, 4,9%.

h) Piso

Já o piso existente, segundo a maioria, diz ser regular (45,5%), 31,4% diz ser bom, 11,7% diz ser ruim e 6,4% diz ser muito ruim.

i) Vegetação

Com relação à vegetação, 41,7% diz ser muito ruim, já 30,7% diz ser ruim, 17,4% fala que é regular, 4,9% afirma ser boa.

j) Iluminação

Sobre a iluminação, grande parte respondeu que a iluminação é regular (34%), 25,2% disseram ser ruim, 18,3% diz ser muito ruim e 11,5% diz ser boa.

k) Acessibilidade

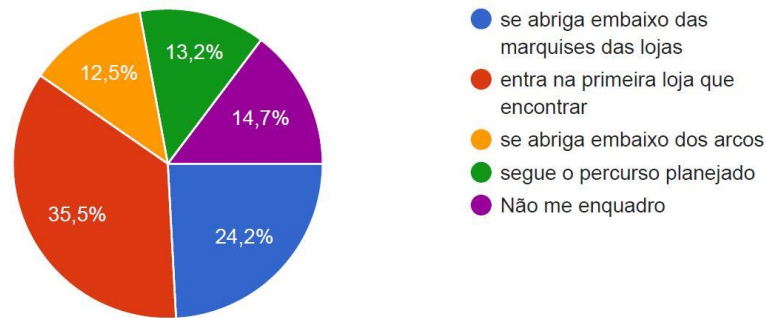
A acessibilidade, de acordo com a maioria (38,2%), diz ser regular, 26% diz ser ruim, 13,4% diz ser muito ruim e 11,1% diz ser boa.

l) Conforto térmico

Quanto ao conforto térmico, no verão, a maioria diz ser muito quente (70,9%) e 21,9% diz ser quente. Já no inverno, os entrevistados dizem ser agradável (44,7%), 36,3% diz ser frio, 9,9% reclama por ser muito frio.

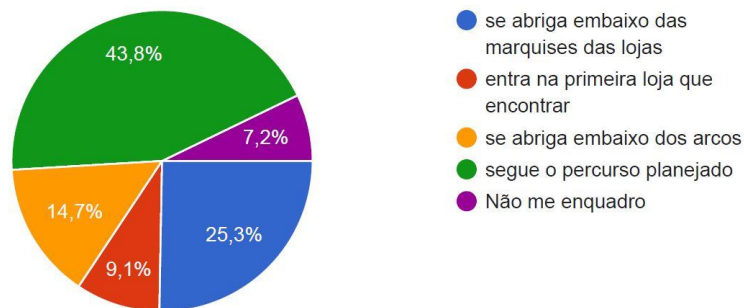
Quando perguntamos se, em dia de chuva, o que fazem para se abrigar, os entrevistados disseram que 35,5% entram na primeira loja que encontram, 24,2% abrigam-se embaixo das marquises das lojas, 13,2% seguem o percurso planejado. Apenas 12,5% se abriga embaixo dos arcos.

Gráfico 09 – O que o público entrevistado acha do conforto térmico em dia de chuva.



Em dia de sol, 43,8% dos entrevistados seguem o percurso planejado, 25,3% se abriga embaixo das marquises das lojas, e apenas 14,7% se abrigam embaixo dos arcos.

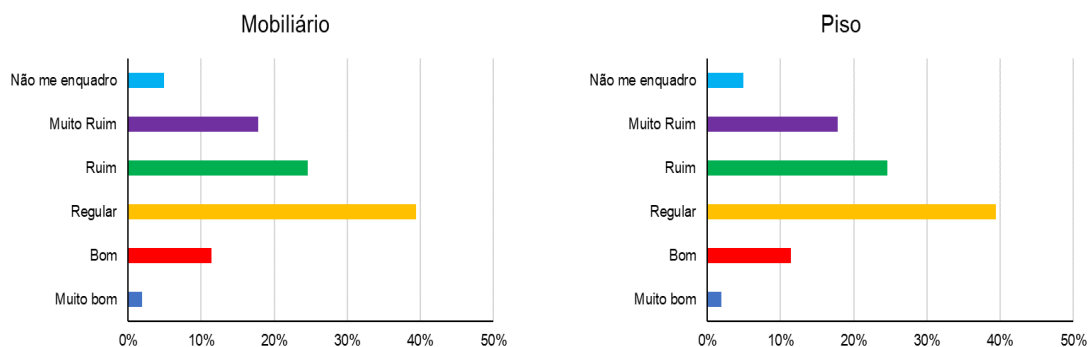
Gráfico 10 – O que o público entrevistado acha do conforto térmico em dia de sol.



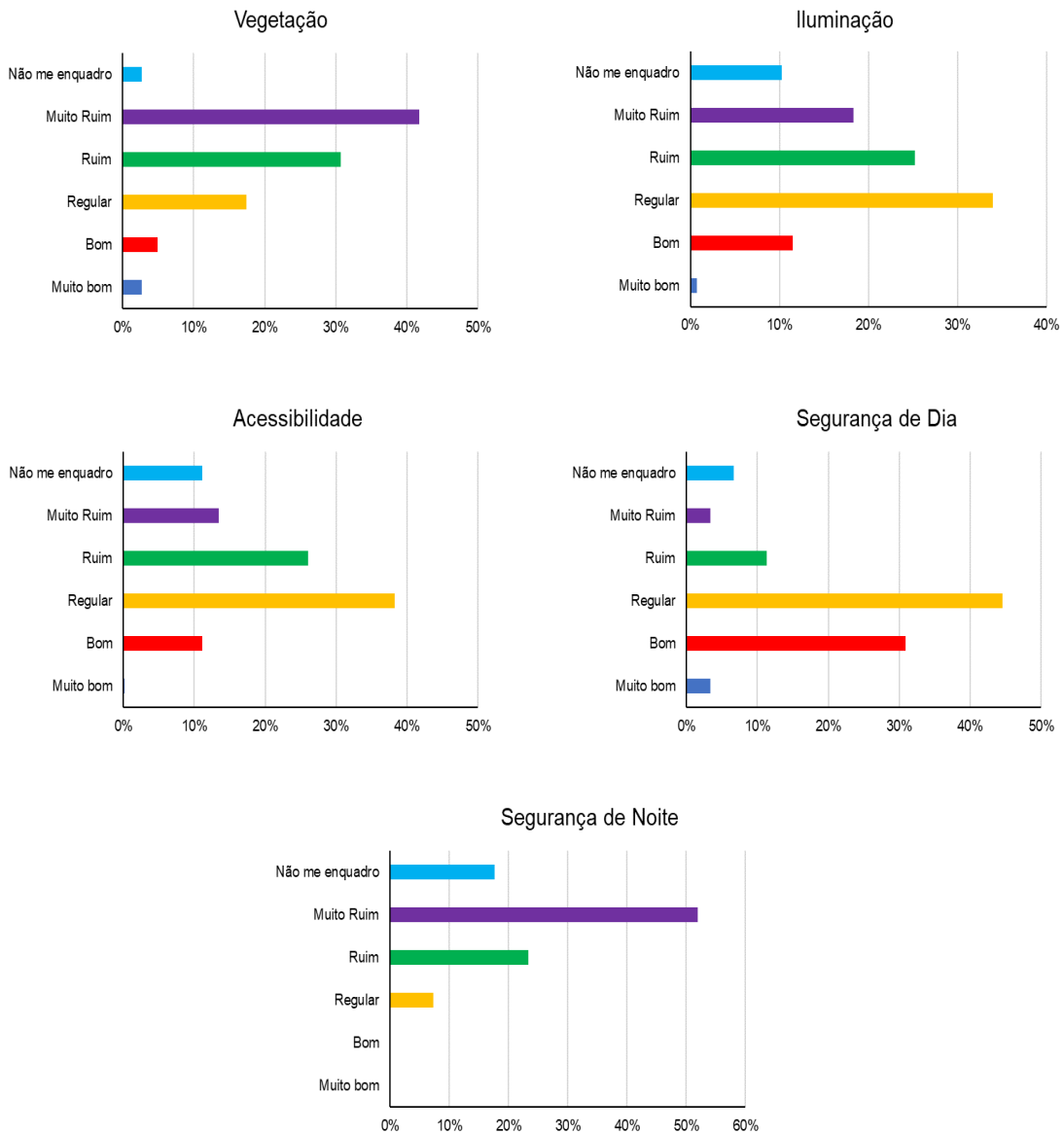
m) Segurança

Referente à segurança, durante o dia 44,5% dos entrevistados disseram ser regular, 30,9% disseram ser boa, e apenas 11,3% disseram ser ruim. Durante à noite, de acordo com 51,9%, a segurança é muito ruim, 23,3% dizem ser ruim, 7,3% diz que é regular.

Gráfico 11 - Respostas do Questionário.



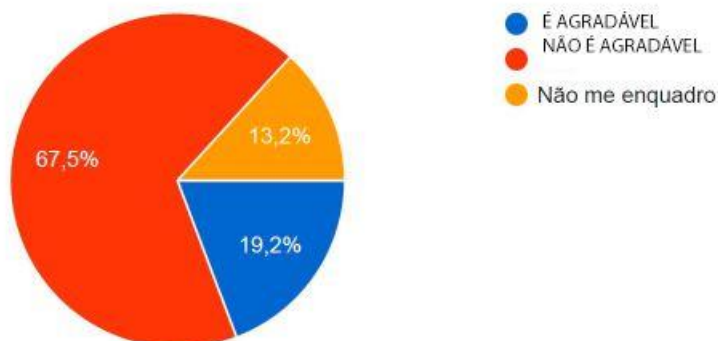
Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru.



n) Espaços para alimentação

Já sobre os espaços para alimentação, 67,5% dos entrevistados disseram que não é agradável comer ou beber no Calçadão.

Gráfico 12 – O que o público entrevistado acha dos espaços e alimentação.

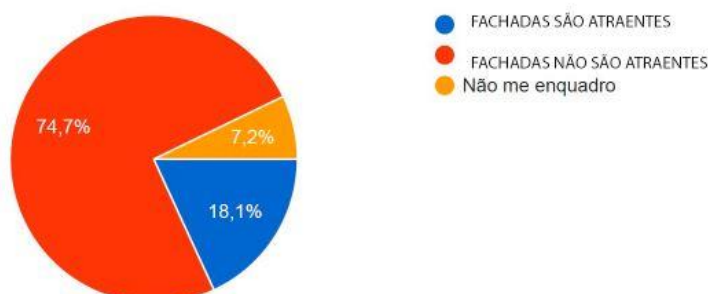


Com relação aos locais de alimentação existentes, dos entrevistados que responderam essa questão (95), a maioria disse não ser agradável (78,9%), seguido de 21,1% que disseram ser agradável. Dos que disseram não ser agradável, as respostas incluíram 43,15% de reclamação pela falta de higiene, 13,68% disseram ter poucas opções de lugares, já 9,47% disseram que o sol atrapalha, 5,26% dizem que o mobiliário não é agradável, 7,36% não gostam de comer ou beber no Calçadão, e 5,26% dizem que o movimento é grande. Dos entrevistados que disseram que se agradam com o local, 16,8% dizem que há várias opções e 4,21% gostam de ver o movimento das pessoas no local.

o) Edificações

Referente às fachadas, 31,6% disseram que estão degradadas, 23,5% dizem que possuem grande poluição visual, 15,3% acham as fachadas pouco convidativas e 14,2% dizem que elas são feias.

Gráfico 13 – O que o público entrevistado acha das edificações.



p) Problemas no Calçadão

Perguntado aos entrevistados sobre como os problemas do Calçadão poderiam ser resolvidos, 25,8% disseram que melhorar a segurança é necessário, 9,16% pediram por áreas mais e melhores sombreadas e protegidas, 8,3% reclamaram da sujeira, 8,3% disseram faltar mobiliário adequado, 8,3% pedem maior mobilidade, e 7,5% pedem mais vagas públicas de estacionamento. Já 6,6% falaram sobre revitalização do local, outros 6,6% esperam incentivo ao uso noturno. Apenas 1,6% pediram a retirada dos Arcos.

O intuito do questionário e desta pesquisa é criar uma definição de técnicas de aplicação prática através de especificações de caráter didático que possibilitem orientar a análise de espaços públicos e suas especificidades, de forma que o método possa ser perfeitamente reconduzido para identificação do código genético de cada espaço pelo país, seguindo com rigor e exclusividade as necessidades e aspirações encontradas no local em que foi analisado.

Para análise de todos esses dados, o conceito de cronotópo foi utilizado como categoria analítica das duas dimensões, através do texto e do contexto, ou seja, dos usos, expectativas e necessidades do Calçadão da Batista de Carvalho dentro da cidade de Bauru, e da função que cumpriu no processo de crescimento, configuração e característica social e cultural da cidade.

Tal processo vem acontecendo por conta das mudanças sofridas ao longo dos anos através das alterações no uso social do espaço, como falta de moradias, poucos espaços de lazer e convívio, mobiliário, pavimentação e iluminação inadequados, fachadas restritivas, ausência de pessoas em horários diferenciados, pouca vegetação e espaços de transição.

Com isso, o Calçadão corre o risco de perder sua identidade e valor afetivo pela população, já que nenhuma medida é tomada na intenção de conter a descaracterização do espaço (figura 58).

Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru.

Figura 58 - Batista de Carvalho em sua evolução: 1912, 1927, 1950, 1992, 2016 e 2017.



Fonte: autora, 2017

4. ANÁLISE DA QUALIDADE DA PAISAGEM CULTURAL DA RUA BATISTA DE CARVALHO

O Calçadão da Batista foi projetado e construído com a intenção de ligar as sete quadras que estavam localizadas entre as Praças Machado de Melo e Praça Rui Barbosa, no ano de 1992 pela Prefeitura de Bauru. Constava da junção de 13 metros de extensão, sendo que a ideia inicial para o Calçadão (figura 59), quando foi implantado, era para dar mais conforto e segurança aos pedestres na rua Batista de Carvalho, de intenso comércio, transformando a paisagem do local com a adição de bancos, floreiras, grelhas para escoamento d'água e uma cobertura em forma de arco, com arcos cobertos e descobertos intercalados.

Figura 59 - Mapa de Localização do Calçadão.



Fonte: Caio Augusto Martins, 2018.

Segundo dados da Secretaria da Fazenda do Município, o centro de Bauru é o lugar com as terras mais valorizadas da cidade, em especial as marginais do Calçadão. Ali as edificações têm bom padrão e existe uma grande concentração de estabelecimentos comerciais. Existe uma grande concentração de lojas e serviços, mas também existem residências, e certa quantidade de imóveis vagos.

O Calçadão possui sete quadras, e todas elas são equipadas com os mesmos elementos, sendo eles três arcos, onde dois são cobertos e um aberto, bancos em concreto, bancos com floreiras, floreiras, lixeiras, orelhões, postes altos de iluminação municipal padrão e postes baixos de iluminação pontual. Existem imóveis térreos, assobradados e alguns prédios com mais de cinco pavimentos, alguns poucos chegando até dezesseis pavimentos. Porém, eles são poucos dentro da quantidade de imóveis térreos e assobradados. Não há vegetação ou banheiros públicos, tampouco espaços de lazer ou permanência.

Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru.

A análise para conhecer a qualidade da rua para pedestres Batista de Carvalho se realizara em duas etapas. A primeira por quadra e uma segunda uma análise geral da rua.

Apesar de todas as quadras da rua para pedestres Batista de Carvalho serem compostas dos mesmos elementos do ambiente físico do espaço público, os usos do solo são diferentes por quadra, assim como os grupos sociais realizam atividades diversas para cada lugar ou quadra. Portanto, é relevante fazer uma análise dos ambientes por quadra, afim de identificar quais elementos dos ambientes físico, social e simbólico causam ou não a qualidade do lugar.

A ideia principal é tentar entender por que a Batista não tem ou não consegue manter um local agradável, vivo e ativo em vários períodos, o que tem ou falta para esse lugar tão precioso e querido por grande parte da população bauruense ser um êxito como local público para a cidade.

4.1. Análise de quadra por quadra: Quadra 01

A primeira quadra do Calçadão da Batista está localizada próxima à Praça Machado de Melo, entre as Ruas Monsenhor Claro e Gerson França (figura 60).

Figura 60 - Mapa de Localização da quadra 1 no Calçadão.



Fonte: Caio Augusto Martins, 2018.

Como todas as quadras, a primeira vem equipada com bancos de concreto, bancos com floreiras, lixeiras, orelhões, postes e os arcos.

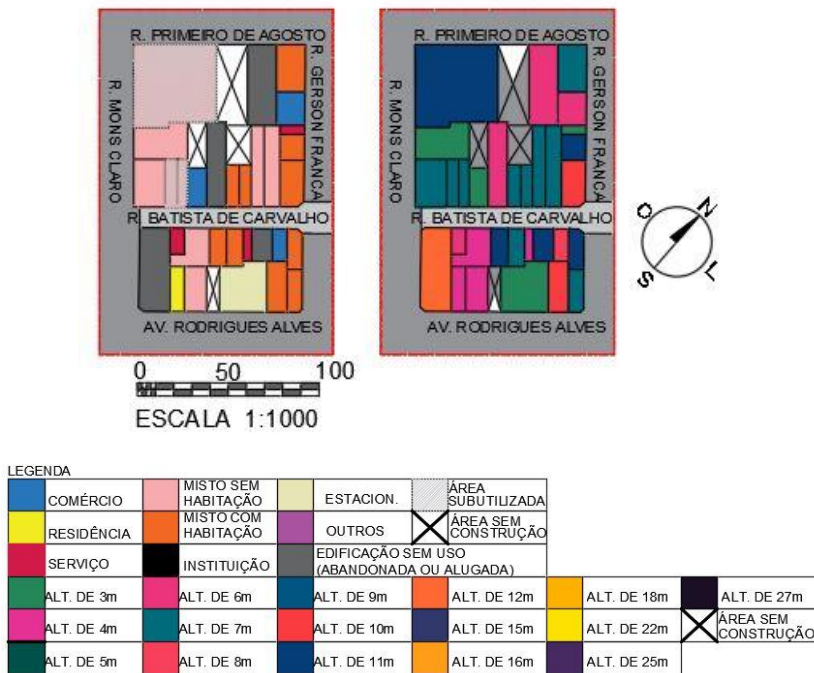
Nesta quadra existe 19 edificações, sendo que predomina o uso misto: comércio e serviços ou habitação e comércio, e cada um corresponde a 31,6%, seguido dos edifícios sem uso ou vagos e eles são 15,8% do lugar, e sobre os edifícios que são de uso comercial ou serviços, correspondem a 10,5% cada. Existe um número considerável de imóveis fechados para locação ou abandonados, também

Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru.

há alguns comércios que acomodam moradias no seu pavimento superior, e algumas poucas edificações que abrigam uso misto (figura 61).

Dos edifícios existentes, alguns funcionam em horário diferente ao horário comercial, ou seja, podem abrir ou fechar suas portas em horários alternativos.

Figura 61 - Mapa de Usos do solo e Mapa de Gabarito da Quadra 1 do Calçadão.



Fonte: autora, 2018.

Dentro desse cenário semi-desocupado, há a predominância de vendas no ramo alimentício, pois existem duas lanchonetes que servem lanches rápidos e cafés, e são esses dois estabelecimentos que fornecem mesas e cadeiras para que as pessoas consumam lanches e bebidas.

A pesar do mobiliário existente na quadra, é pouco usado e quase ninguém senta nos bancos de concreto, pois poucas pessoas compram ou passam por ali.

Algumas fachadas estão vandalizadas, boa parte delas não é permeável, e não possui iluminação. Na quadra não existe vegetação além do banco com floreiras, não há prédios tombados e não existe comércio ambulante (figura 62).

Figura 62 - Problemas atuais encontrados na Quadra 1.



Fonte: autora, 2018.

O maior movimento de pessoas vem dos seguintes grupos sociais: moradores, trabalhadores, clientes, transeuntes, usuários de drogas e moradores de rua. Dentro de todos os grupos, identificou-se a predominância de trabalhadores, e como existem poucas lojas funcionando, o fluxo de pessoas é baixo, e não há música ou barulho de comércio. Apesar de estar próxima do Posto Policial da Praça Machado de Melo, não há policiamento e a sensação de insegurança é grande.

Essas constatações vieram de uma análise dos usos sociais, físicos e simbólicos que a quadra vivencia (tabela 5), e é possível afirmar que ela realmente é a menos preparada e mais hostil de toda extensão.

Tabela 5 - Matriz Sócio-Simbólico e Sócio-Físico da Quadra 1.

SÓCIO - SIMBÓLICO QUADRA 01										
GRUPOS	Trabalhadores	Ambulantes	Clientes	Transeuntes	Moradores	Moradores de rua	Polícia	Infratores	Vândalos	Usuários de drogas
Trabalhadores	R	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Ambulantes	NR	R	R	R	R	R	R	R	R	R
Clientes	R	NR	R	R	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Transeuntes	R	R	R	R	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Moradores	R	R	R	R	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Moradores de rua	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Polícia	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Infratores	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Vândalos	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Usuários de drogas	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Organiz. Social	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR

Correspondência: R= Reconhece o Grupo NR= não Reconhece o Grupo

SÓCIO - FÍSICO QUADRA 01													
FÍSICO	SÓCIO - FÍSICO QUADRA 01												
	Piso Petit-Pavé	Arcos Cobertos	Arcos Abertos	Bancos	Bancos com Flores	Mesas e cadeiras (lojas)	Orelhão	Lixeira	Postes Altos	Postes Baixos	Edificações Térreas	Edificações Assobradadas	Prédios
Lazer	IC	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	IC
Passeio	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	IC
Passagem	C	IC	IC	IC	IC	IC	IC	C	C	C	C	C	IC
Compras	C	IC	IC	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	IC
Trabalho	C	IC	IC	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	IC
Moradia	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	IC
Moradia na rua	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC
Alimentação	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	IC
Permanência	IC	IC	IC	C	C	C	C	C	C	IC	IC	IC	IC
Org. Social	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC
Vendas (ambulantes)	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC
Segurança	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC
Furto	IC	C	C	C	C	IC	C	C	C	C	C	C	IC
Vandalismo	IC	C	C	C	C	IC	C	C	C	C	C	C	IC
Consumo drogas	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC

Congruências: C= Congruente IC= Incongruência

Fonte: autora, 2018.

4.2. Análise de quadra por quadra: Quadra 02

A segunda quadra está localizada entre as Ruas Gerson França e Azarias Leite, e também vem equipada com bancos de concreto, bancos com flores, lixeiras, orelhões, postes e os arcos (figura 63).

Figura 63 - Mapa de Localização da quadra 2 no Calçadão.

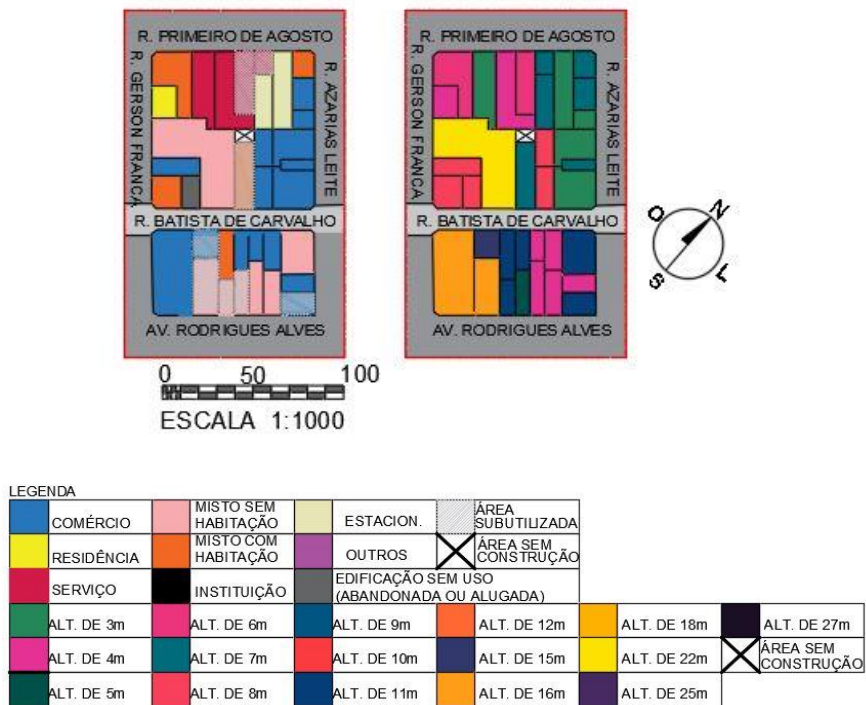


Fonte: Caio Augusto Martins, 2018.

Nesta quadra existe 13 edificações, sendo que 53,8% são voltados para o comércio, 23,1% com uso misto de habitação e comércio, 15,4% abrigam comércio e serviços e existe apenas um único edifício desocupado (figura 64). Há alguns imóveis vandalizados por pichadores.

Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru.

Figura 64 - Mapa de Usos do solo e Mapa de Gabarito da Quadra 2 do Calçadão.



Fonte: autora, 2018.

Como encontrado na primeira quadra, existe dois locais que vendem alimentos, como lanches ou cafés, e eles disponibilizam mesas e cadeiras para os clientes.

O mobiliário existente da quadra é pouco usado, quase ninguém senta nos bancos de concreto. Algumas fachadas não são permeáveis e não possui iluminação. Na quadra não existe vegetação além do banco com floreiras, e não há prédios tombados (figura 65).

Figura 65 - Problemas atuais encontrados na Quadra 2.



Fonte: autora, 2018.

O maior movimento de pessoas vem dos seguintes grupos sociais: trabalhadores, clientes, transeuntes, e moradores. É mais movimentada que a quadra 01. O movimento de pessoas comprando e passando é maior, e é possível ouvir barulho de música. Não existe comércio ambulante e não há policiamento (tabela 6). O local passa pouca sensação de segurança, mas é mais seguro que a anterior.

Tabela 6 - Matriz Sócio-Simbólico e Sócio-Físico da Quadra 2.

SÓCIO - SIMBÓLICO QUADRA 02											
GRUPOS	Trabalhadores	Ambulantes	Clientes	Transeuntes	Moradores	Moradores de rua	Polícia	Infratores	Vândalos	Usuários de drogas	Organiz. Social
Trabalhadores	R	NR	R	R	R	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Ambulantes	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Clientes	R	R	R	R	R	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Transeuntes	R	NR	R	R	R	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Moradores	R	NR	R	R	R	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Moradores de rua	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Polícia	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Infratores	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Vândalos	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Usuários de drogas	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Organiz. Social	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR

Correspondência: R= Reconhece o Grupo NR= não Reconhece o Grupo

SÓCIO - FÍSICO QUADRA 02														
ATIVIDADES	FÍSICO													
	Piso Petit-Pavé	Arcos Cobertos	Arcos Abertos	Bancos	Bancos com Flores	Mesas e cadeiras (lojas)	Orelhão	Lixeira	Postes Altos	Postes Baixos	Edificações Térreas	Edificações Assobradadas	Prédios	Edifícios Tombados
Lazer	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	IC
Passagem	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	IC
Passagem	C	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC
Compras	C	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC
Trabalho	C	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC
Moradia	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	IC
Moradia na rua	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC
Alimentação	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	IC
Permanência	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	IC
Org. Social	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC
Vendas (ambulantes)	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC
Segurança	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC
Furto	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC
Vandalismo	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC
Consumo drogas	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC

Congruências: C= Congruente IC= Incongruência

Fonte: autora, 2018.

4.3. Análise de quadra por quadra: Quadra 03

A terceira quadra está localizada quase no centro do Calçadão, entre as Ruas Azarias Leite e Virgílio Malta, e é completamente diferente das duas primeiras quadras (figura 66).

Figura 66 - Mapa de Localização da quadra 3 no Calçadão.

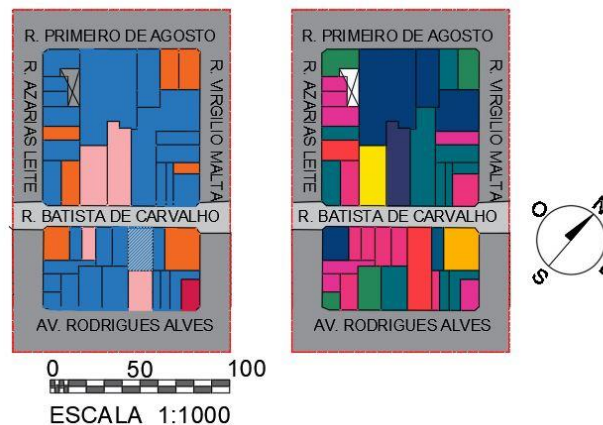


Fonte: Caio Augusto Martins, 2018.

Nela, existe 16 edificações com 56,2% de predominância do uso comercial, seguido dos prédios com uso misto: 18,8% são mistos de comércio e serviços, e outros 18,8% são mistos de comércio e habitação. Há uma única edificação com comércio no seu térreo e área subutilizada em seu superior (figura 67).

As fachadas, como das quadras anteriores, também não são convidativas e existe algum vandalismo por elas.

Figura 67 - Mapa de Usos do solo e Mapa de Gabarito da Quadra 3 do Calçadão.



LEGENDA							
	COMÉRCIO		MISTO SEM HABITAÇÃO		ESTACION.		ÁREA SUBUTILIZADA
	RESIDÊNCIA		MISTO COM HABITAÇÃO		OUTROS		ÁREA SEM CONSTRUÇÃO
	SERVIÇO		INSTITUIÇÃO		EDIFICAÇÃO SEM USO (ABANDONADA OU ALUGADA)		
	ALT. DE 3m		ALT. DE 6m		ALT. DE 9m		ALT. DE 12m
	ALT. DE 4m		ALT. DE 7m		ALT. DE 10m		ALT. DE 15m
	ALT. DE 5m		ALT. DE 8m		ALT. DE 11m		ALT. DE 16m
							ALT. DE 18m
							ALT. DE 22m
							ALT. DE 25m
							ALT. DE 27m
							ÁREA SEM CONSTRUÇÃO

Fonte: autora, 2018.

Já sobre o mobiliário existente, ele é usado e há pessoas sentadas nos bancos de concreto, pois há grande volume e fluxo comprando ou passeando.

Como visto nas quadras anteriores, não há vegetação, edifícios tombados e tampouco policiamento (figura 68). Nela, está localizada a Lojas Americanas, famosa pela sua variedade de produtos e bons preços, e ela traz bastante movimento de pessoas ao lugar.

Figura 68 - Problemas atuais encontrados na Quadra 3.



Fonte: autora, 2018.

Com relação aos grupos sociais, foram identificados trabalhadores, clientes, transeuntes e moradores.

Apesar de conter os mesmos elementos, o movimento nela é quase intenso, talvez pelas tipologias comerciais que ela abriga, como a Lojas Americanas, e alguns comércios de origem asiática.

Dentre os comércios desta quadra, muitos vendem lanches ou alimentos, e disponibilizam mesas e cadeiras para as pessoas aproveitarem o espaço. O barulho de música e propagandas de som das lojas também é grande. A sensação de segurança é grande (tabela 7).

Tabela 7 - Matriz Sócio-Simbólico e Sócio-Físico da Quadra 3.

SÓCIO - SIMBÓLICO QUADRA 03											
GRUPOS	Trabalhadores	Ambulantes	Clientes	Transeuntes	Moradores	Moradores de rua	Polícia	Infratores	Vândalos	Usuários de drogas	Organiz. Social
Trabalhadores	R	R	R	R	R	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Ambulantes	R	R	R	R	R	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Clientes	R	R	R	R	R	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Transeuntes	R	R	R	R	R	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Moradores	R	R	R	R	R	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Moradores de rua	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Polícia	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Infratores	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Vândalos	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Usuários de drogas	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Organiz. Social	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR

Correspondência: R= Reconhece o Grupo NR= não Reconhece o Grupo

SÓCIO - FÍSICO QUADRA 03														
ATIVIDADES	FÍSICO													
	Piso Petit-Pavé	Arcos Cobertos	Arcos Abertos	Bancos	Bancos com Floresceras	Mesas e cadeiras (lojas)	Orelhão	Lineira	Postes Altos	Postes Baixos	Edificações Térreas	Edificações Assobradadas	Prédios	Edifícios Tombados
Lazer	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	IC
Passeio	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	IC
Passagem	C	IC	IC	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	IC
Compras	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	IC
Trabalho	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	IC
Moradia	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	IC
Moradia na rua	IC	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	IC
Alimentação	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	IC
Permanência	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	IC
Org. Social	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC
Vendas (ambulantes)	C	IC	IC	C	C	IC	C	C	C	C	IC	IC	IC	IC
Segurança	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC
Furto	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC
Vandalismo	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC
Consumo drogas	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC

Congruências: C= Congruente IC= Incongruência

Fonte: autora, 2018.

4.4. Análise de quadra por quadra: Quadra 04

A quarta quadra está localizada no centro do Calçadão, entre as Ruas Virgílio Malta e Treze de Maio (figura 69).

Figura 69 - Mapa de Localização da quadra 4 no Calçadão.

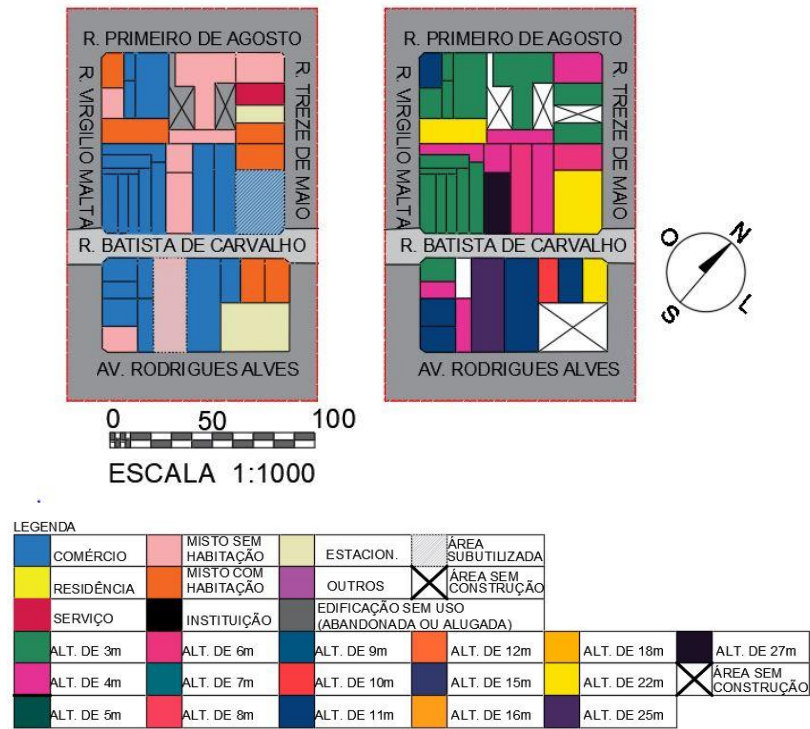


Fonte: Caio Augusto Martins, 2018.

Nesta quadra existe os mesmos elementos urbanos que suas anteriores, e é composta por 16 edificações, com predominância de uso comercial com 68,8%, misto de comércio e serviços com 12,5%, misto de habitação e comércio com 12,5%, e apenas um edifício comercial com pavimento superior subutilizado. Um destes prédios é um comercial de escritórios de 16 andares, famoso por ser o mais alto de todo Calçadão (figura 70). Dentro desses prédios, um deles é conhecido por ser tombado: o prédio da farmácia Drogasil. Não há nenhum imóvel fechado, ou desocupado, e é possível ver sinais de vandalismo em alguns deles.

Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru.

Figura 70 - Mapa de Usos do solo e Mapa de Gabarito da Quadra 4 do Calçadão.

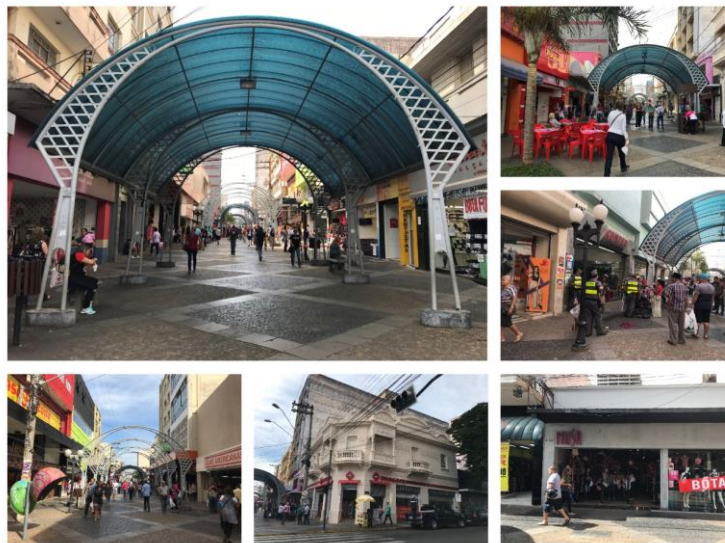


Fonte: autora, 2018.

Bem como o comércio, existem as lanchonetes que, igualmente as quadras anteriores, fornecem mesas e cadeiras para seus clientes. Nessa quadra existe o predomínio de lojas de origem asiática e grande variedade de itens, e o comércio informal com seus ambulantes.

Nesta quadra não existe vegetação, segue o padrão das anteriores, bem como não há fachada permeável ou conectando seu exterior com o interior (figura 71).

Figura 71 - Problemas atuais encontrados na Quadra 4.



Fonte: autora, 2018.

Os grupos sociais identificados são os trabalhadores, clientes, transeuntes, moradores, vendedores ambulantes, organizações sociais de cunho religioso e policiais. Seu movimento é intenso, com muitas pessoas passando, comprando, muita música e carros de som.

Não há policiamento, apenas polícia fiscalizadora para retirada de vendedores ambulantes no meio do Calçadão, próximos aos bancos de concreto, que são muito utilizados pelas pessoas que ali estão. De todo Calçadão, essa é, seguramente, a quadra mais movimentada (tabela 8).

Tabela 8 - Matriz Sócio-Simbólico e Sócio-Físico da Quadra 4.

SÓCIO - SIMBÓLICO QUADRA 04											
GRUPOS	Trabalhadores	Ambulantes	Clientes	Transeuntes	Moradores	Moradores de rua	Polícia	Infratores	Vândalos	Usuários de drogas	Organiz. Social
Trabalhadores	R	R	R	R	R	NR	NR	NR	NR	NR	R
Ambulantes	R	R	R	R	R	NR	NR	NR	NR	NR	R
Clientes	R	R	R	R	R	NR	NR	NR	NR	NR	R
Transeuntes	R	R	R	R	R	NR	NR	NR	NR	NR	R
Moradores	R	R	R	R	R	NR	NR	NR	NR	NR	R
Moradores de rua	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Polícia	R	R	R	R	R	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Infratores	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Vândalos	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Usuários de drogas	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
Organiz. Social	R	R	R	R	R	NR	NR	NR	NR	NR	R

Correspondência: R= Reconhece o Grupo NR= não Reconhece o Grupo

SÓCIO - FÍSICO QUADRA 04														
ATIVIDADES	FÍSICO													
	Piso Petit-Pavé	Arcos Cobertos	Arcos Abertos	Bancos	Bancos com Floresceras	Mesas e cadeiras (lojas)	Ornelhão	Lixeira	Postes Altos	Postes Baixos	Edificações Térreas	Edificações Assobradadas	Prédios	Edifícios Tombados
Lazer	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
Passagem	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
Compras	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
Trabalho	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
Moradia	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
Moradia na rua	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC
Alimentação	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
Permanência	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
Org. Social	C	IC	IC	C	C	C	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC
Vendas (ambulantes)	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	IC
Segurança	C	IC	IC	C	C	C	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC
Furto	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC
Vandalismo	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	C
Consumo drogas	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC

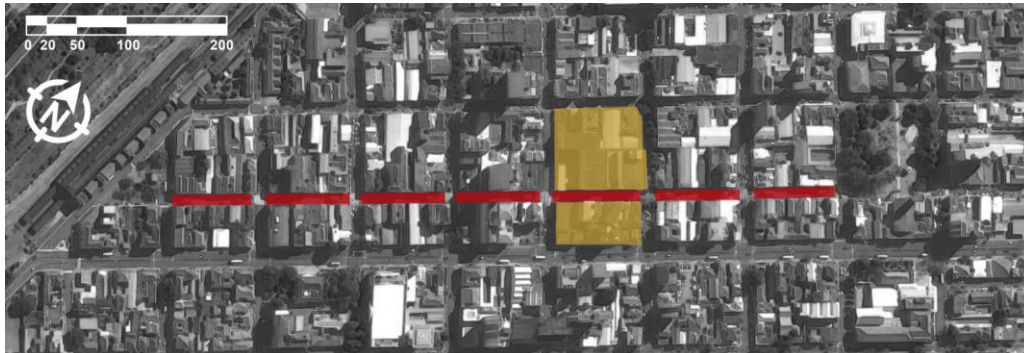
Congruências: C= Congruente IC= Incongruência

Fonte: autora, 2018.

4.5. Análise de quadra por quadra: Quadra 05

A quinta quadra está localizada no centro do Calçadão, entre as Ruas Treze de Maio e Agenor Meira (figura 72).

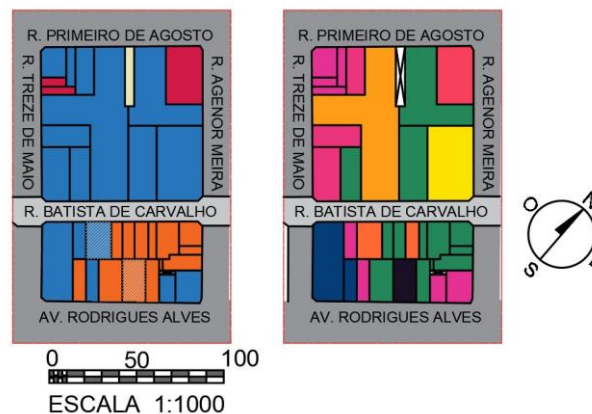
Figura 72 - Mapa de Localização da quadra 5 no Calçadão.



Fonte: Caio Augusto Martins, 2018.

Na quinta quadra, existe 14 edificações, sendo que há a predominância do uso comercial com 50%, seguido do uso misto de habitação e comércio com 42,9% e apenas um único edifício abrigando comércio em seu térreo e pavimento superior subutilizado (figura 73). Além das lojas comerciais, existem as lanchonetes dispoondo mesas e cadeiras aos clientes, e ambulantes com seus comércios informais.

Figura 73 - Mapa de Usos do solo e Mapa de Gabarito da Quadra 5 do Calçadão.



LEGENDA	
	COMÉRCIO
	RESIDÊNCIA
	SERVIÇO
	ALT. DE 3m
	ALT. DE 4m
	ALT. DE 5m
	MISTO SEM HABITAÇÃO
	MISTO COM HABITAÇÃO
	INSTITUIÇÃO
	EDIFICAÇÃO SEM USO (ABANDONADA OU ALUGADA)
	ESTACION.
	OUTROS
	ÁREA SUBUTILIZADA
	ÁREA SEM CONSTRUÇÃO
	ALT. DE 6m
	ALT. DE 7m
	ALT. DE 8m
	ALT. DE 9m
	ALT. DE 10m
	ALT. DE 11m
	ALT. DE 12m
	ALT. DE 13m
	ALT. DE 14m
	ALT. DE 15m
	ALT. DE 16m
	ALT. DE 17m
	ALT. DE 18m
	ALT. DE 19m
	ALT. DE 20m
	ALT. DE 21m
	ALT. DE 22m
	ALT. DE 23m
	ALT. DE 24m
	ALT. DE 25m
	ALT. DE 26m
	ALT. DE 27m
	ÁREA SEM CONSTRUÇÃO

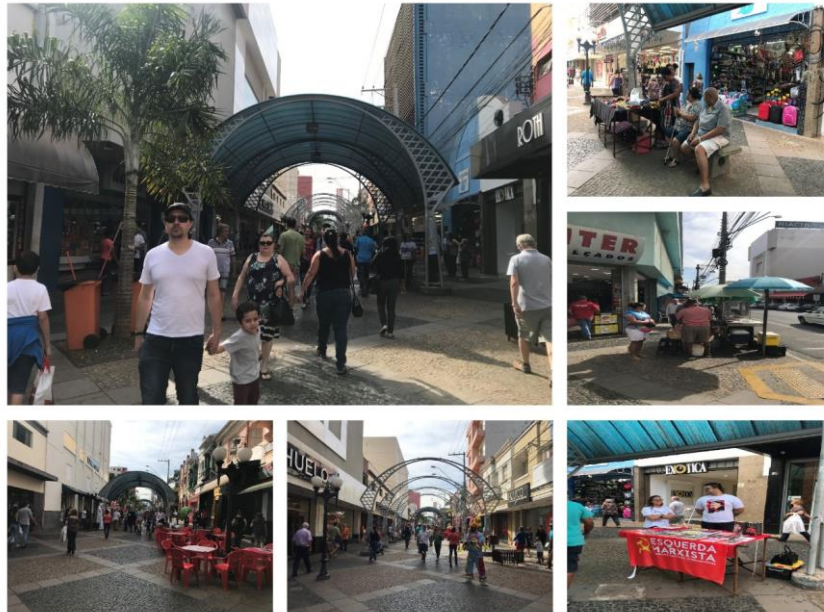
Fonte: autora, 2018.

Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru.

Há alguns edifícios comerciais, não há imóveis fechados ou para locar, e também não há nenhum bem tombado. As fachadas não são permeáveis, e existe algum vandalismo em algumas.

O mobiliário existente da quadra é bem usado, há pessoas sentadas nos bancos de concreto e nos bancos com floreiras, como acontece nas quadras três e quatro (figura 74).

Figura 74 - Problemas atuais encontrados na Quadra 5.



Fonte: autora, 2018.

Os grupos sociais que foram identificados aqui são os trabalhadores, clientes, transeuntes, moradores, vendedores ambulantes e organizações sociais, que acontecem eventualmente, quando há necessidade de promover algum movimento de vacinação, religioso ou político.

Há movimento de pessoas passando e comprando de forma moderada, bem como da música, que existe mas é menor. É uma quadra movimentada, mas menos que as quadras três e quatro. O espaço dá uma boa sensação de segurança (tabela 9).

Tabela 9 - Matriz Sócio-Simbólico e Sócio-Físico da Quadra 5.

SÓCIO - SIMBÓLICO QUADRA 05											SÓCIO - FÍSICO QUADRA 05																
GRUPOS	Trabalhadores	Ambulantes	Clientes	Transeuntes	Moradores	Moradores de rua	Polícia	Infratores	Vândalos	Usuários de drogas	Organiz. Social	FÍSICO	Piso Petit-Pavé	Arcos Cobertos	Arcos Abertos	Bancos	Bancos com Flores	Mesas e cadeiras (lojas)	Orelhão	Lixeira	Postes Altos	Postes Baixos	Edificações Térreas	Edificações Assobradadas	Prédios	Edifícios Tombados	
	R	R	R	R	R	NR	NR	NR	NR	NR	NR																ATIVIDADES
Trabalhadores	R	R	R	R	R	NR	NR	NR	NR	NR	NR	Lazer	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	IC
Ambulantes	R	R	R	R	R	NR	NR	NR	NR	NR	NR	Passagem	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	IC
Clientes	R	R	R	R	R	NR	NR	NR	NR	NR	NR	Compras	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	IC
Transeuntes	R	R	R	R	R	NR	NR	NR	NR	NR	NR	Trabalho	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	IC
Moradores	R	R	R	R	R	NR	NR	NR	NR	NR	NR	Moradia	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	IC
Moradores de rua	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	Moradia na rua	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC
Polícia	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	Alimentação	C	IC	IC	C	C	C	C	IC	C	C	C	C	C	C	IC
Infratores	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	Permanência	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	IC
Vândalos	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	Org. Social	C	IC	IC	C	C	C	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC
Usuários de drogas	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	Vendas (ambulantes)	C	IC	IC	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	IC
Organiz. Social	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR	Segurança	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC
												Furto	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC
												Vandalismo	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC
												Consumo drogas	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC	IC

Correspondência: R= Reconhece o Grupo NR= não Reconhece o Grupo

Congruências: C= Congruente IC= Incongruência

Fonte: autora, 2018.

4.6. Análise de quadra por quadra: Quadra 06

A sexta quadra está localizada entre as Ruas Agenor Meira e Rio Branco (figura 75).

Figura 75 - Mapa de Localização da quadra 6 no Calçadão.

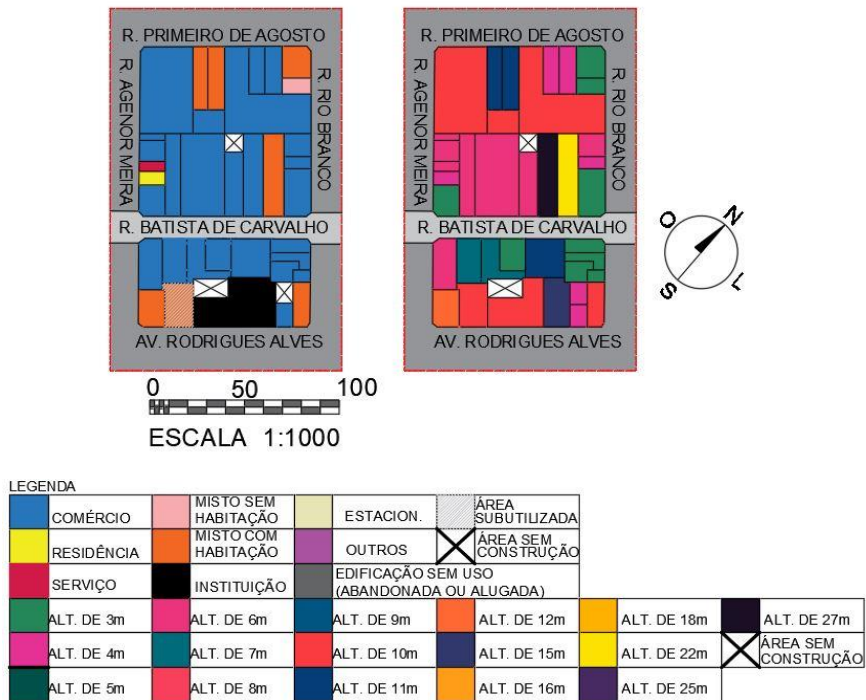


Fonte: Caio Augusto Martins, 2018.

Esta quadra abriga 13 edificações, com predominância comercial de 92,3% e, apenas uma abriga o uso misto de comércio e habitação.

Há movimento moderado de pessoas passando e comprando, e ainda existe o som da música. Nenhum deles está fechado ou para locar, nenhum é tombado ou possui fachada permeável, existindo vandalismo em alguns (figura 76).

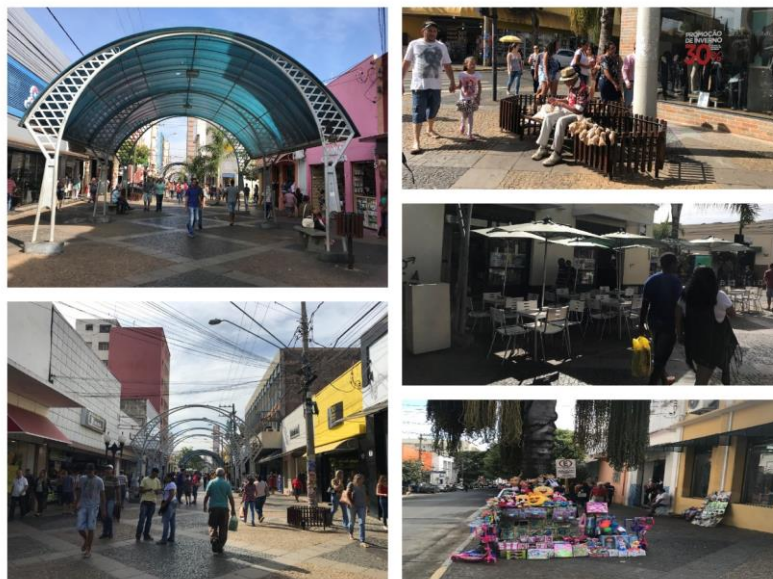
Figura 76 - Mapa de Usos do solo e Mapa de Gabarito da Quadra 6 do Calçadão.



Fonte: autora, 2018.

Algumas das lojas abrigam as lanchonetes, que disponibilizam mesas e cadeiras aos clientes, e ambulantes com seus comércios informais. Os bancos existentes da quadra são bem usados (figura 77).

Figura 77 - Problemas atuais encontrados na Quadra 6.

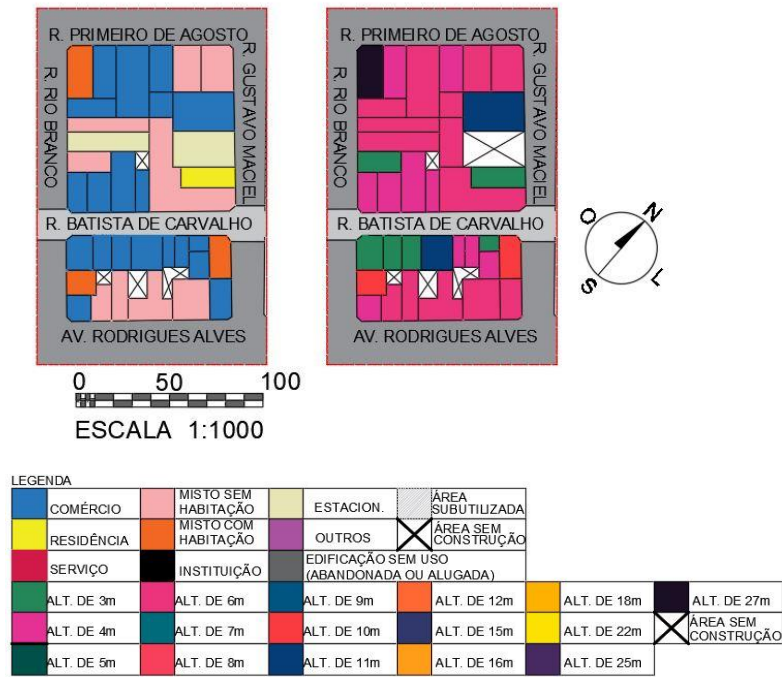


Fonte: autora, 2018.

Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru.

serviços, e a segunda, comércio e residências (figura 79). Não há nenhuma loja fechada para locação ou abandonado, e há algum vandalismo nas fachadas, que como as anteriores, não são permeáveis.

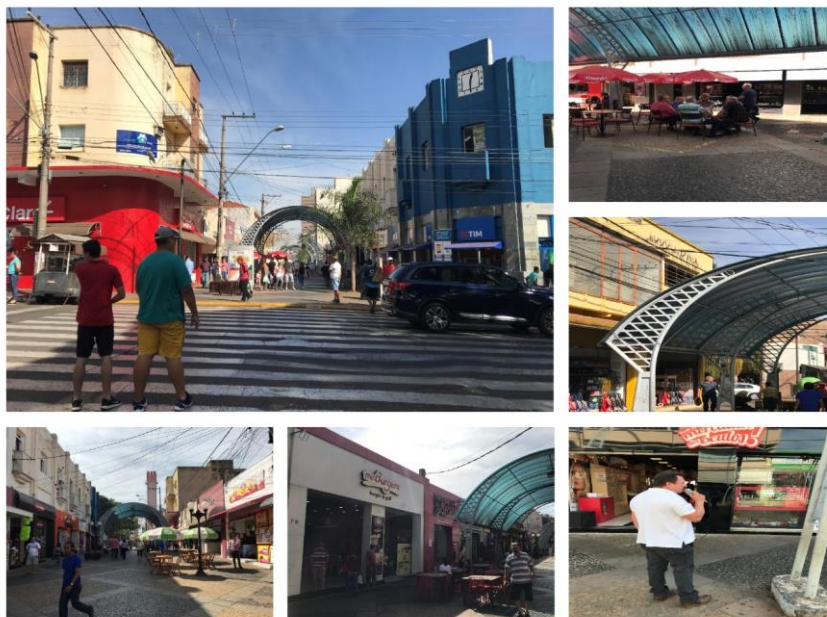
Figura 79 - Mapa de Usos do solo e Mapa de Gabarito da Quadra 7 do Calçadão.



Fonte: autora, 2018.

Os locais que vendem lanches ou alimentos disponibilizam mesas e cadeiras para as pessoas aproveitarem o espaço. Existe o mesmo mobiliário disposto como nas quadras anteriores, e há pessoas usando os bancos. Não existe vegetação, só dos bancos e floreiras (figura 80). A antiga Casa Luzitana está locada na esquina da quadra, de frente à praça, e é um imóvel em processo de tombamento.

Figura 80 - Problemas atuais encontrados na Quadra 7.



Fonte: autora, 2018.

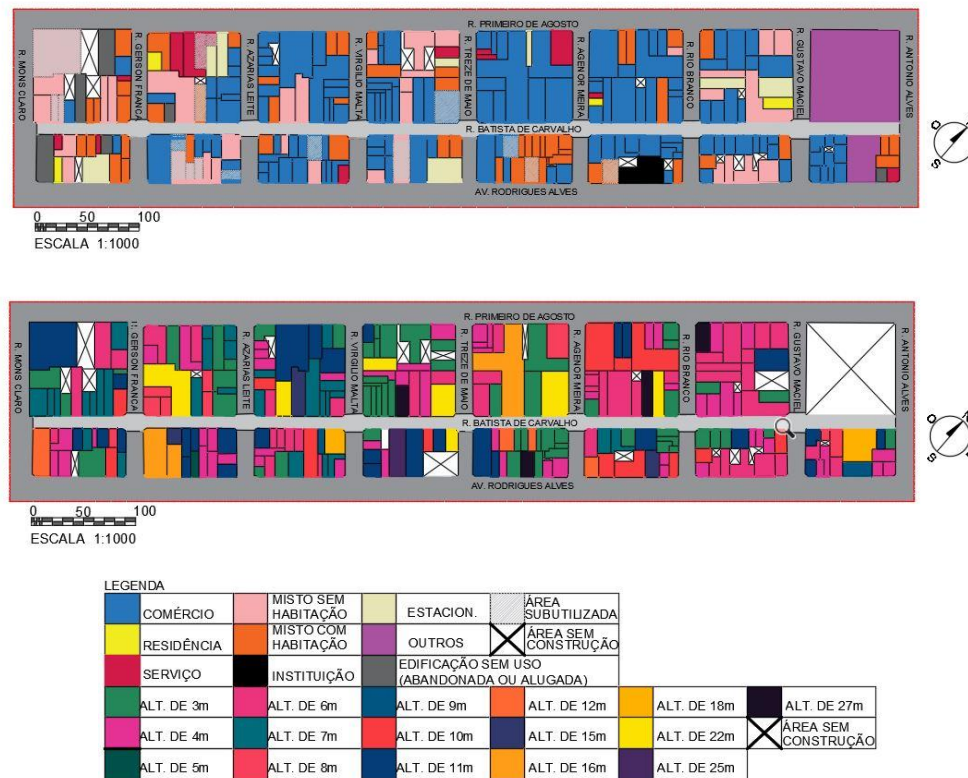
Identificamos no lugar, os grupos sociais: trabalhadores, clientes, moradores, transeuntes, vendedores ambulantes, moradores de rua e usuário de drogas.

A quadra 07 tem bastante movimento, mas é algo mais próximo ao fluxo da quadra 06. O local tem bastante fluxo de pessoas passando e comprando nas lojas e nos comércios informais que existem de frente para a praça, na rua Gustavo Maciel.

Algumas lojas colocam música e som, para atrair clientes, mas o barulho é pouco. Muitos dependentes químicos e moradores de ruas passam por ali, pois grande parte deles moram na praça. Não existe policiamento, mas o local passa certa sensação de segurança (tabela 11).

Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru.

Figura 82 - Levantamento de uso e ocupação do solo e de Alturas e Gabaritos na região do Calçadão.



Fonte: autora, 2018, baseada em Tainá Silva, 2015.

Apesar de estarem locadas em um mesmo espaço público contínuo, e de conterem os mesmos elementos urbanos, cada quadra funciona de forma diferente, possui público, fluxos, movimentos, cores e barulhos diferentes. Pode-se entender que esses diferentes movimentos por quadra acontecem por vários motivos, que combinados, resultam nessa situação:

- Tipologias comerciais, onde algumas quadras tem lojas interessantes, e outras possuem lojas mais simples;
- Tipologias edilícias, pois o gabarito de altura de cada lugar é bastante diferente, onde algumas possuem prédios altos e outras ficam em prédios de poucos pavimentos;
- Ainda nas tipologias edilícias, abordando a falta de fachadas interessantes e permeáveis, que permitam a interação público-privado;
- Vandalismo praticado por pichadores em algumas fachadas;
- Falta de mobiliário adequado, com bom design, bons materiais, bom conforto e acolhimento;
- Falta de mesas e cadeiras, que geram espaços de convívio;
- Falta de banheiros públicos;

- h) Falta de vegetação e sombreamento;
- i) Falta de piso adequado e acessibilidade;
- j) Falta de locais adequados para os vendedores ambulantes e organizações sociais;
- k) Falta de policiamento em todas as quadras;
- l) Falta de moradia;
- m) Moradores de rua e usuários de drogas na primeira e última quadra;
- n) Falta de estacionamento e bicicletário;
- o) Falta de outras tipologias comerciais, que possam agregar movimento em horários alternados, como bares, restaurantes, academias, pet-shops, farmácias, salões de beleza, lavanderias, mini-mercados, escolas de cursos, etc.

Um elemento que não consta na lista acima são os famosos e polêmicos Arcos. Muitas pessoas acham que ele atrapalha o local de várias formas, e que não protege das intempéries. Porém, há uma ligação muito forte da população com o lugar, gerando uma afinidade e identificação do Calçadão com os usuários e a cidade.

Após esse levantamento por quadra, foi feito um levantamento do Calçadão em sua totalidade, e no questionário, a última pergunta lançada foi “Quando você escuta a palavra Calçadão, o que vem na sua cabeça?”, e grande parte das respostas estão relacionadas ao comércio e a variedade de lojas e produtos, às compras, à quantidade de pessoas e barulho, ao clima (calor), ao lazer explicitado no verbo “Batistar”, e nos arcos.

Com essa ideia geral em mente, e de acordo com o método do Urbanismo Dialógico de Zárte, foi feito uma Tabela Sinérgica (tabela 12) afim de reconhecer, dentro de cada quadra e seus elementos físicos e simbólicos, o que causa ou não maior sinergia e se essa análise sinérgica causa ou não a qualidade do lugar.

Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru.

simbolismos que contém qualidade. O mesmo é feito na cor vermelha, para identificar a falta de qualidade dos elementos.

É através das conexões em linhas verdes, que representa a qualidade, e linha vermelha, que representa a falta de qualidade, que conseguimos visualizar os elementos, os usos e as expectativas dos elementos do espaço público, e identificar quais são mais ou menos sinérgicos, qualitativos (em verde) ou não (em vermelho).

As sinergias únicas representam pouca ou nenhuma interação dos elementos. As sinergias duplas representam pouca ou moderada interação, e quanto mais sinergias triplas, maiores as conexões entre esses elementos. Olhando as conexões, é possível identificar que os elementos que causam qualidade (demarcados em linhas verdes) são menores que os que causam a falta dele (demarcados em linha vermelha).

Dentre os elementos sinérgicos qualitativos, de forma geral pelas sete quadras, pode-se dizer que são o piso em petit-pavé, a iluminação, as edificações térreas e assobradadas, e os prédios tombados. As atividades mais executadas englobam o passeio, o lazer, a passagem, o trabalho, as compras, e a permanência (mesmo o mobiliário sendo inadequado e escasso). O passeio, lazer, passagem trabalho e compras acontecem a partir da quadra 2 até a 7, e a permanência de pessoas vai da quadra 3 à 5, que são onde as melhores lojas e o maior movimento se faz.

Os simbolismos mais sinérgicos são a identificação que as pessoas sentem com o Calçadão, a apropriação das mesmas, bem como a forma que se sentem, que é a de um passeio e lazer, mesmo que não haja programação específica para isso, pois os usuários sentem que caminhar e comprar, trabalhar e transitar é uma forma de passeio no local.

Em contrapartida, o elementos sinérgicos de má qualidade são predominantemente o piso em petit-pavé e o mobiliário. Apesar das pessoas tentarem permanecer no lugar, o mobiliário é escasso e ruim, e o piso não oferece nenhum tipo de acessibilidade, muito menos rampas que facilitem o acesso de uma quadra à outra (visto que o trânsito e as ruas interrompem a ligação e o fluxo).

Já as edificações não fornecem permeabilidade e interação privado – público, e nenhuma iluminação para período noturno.

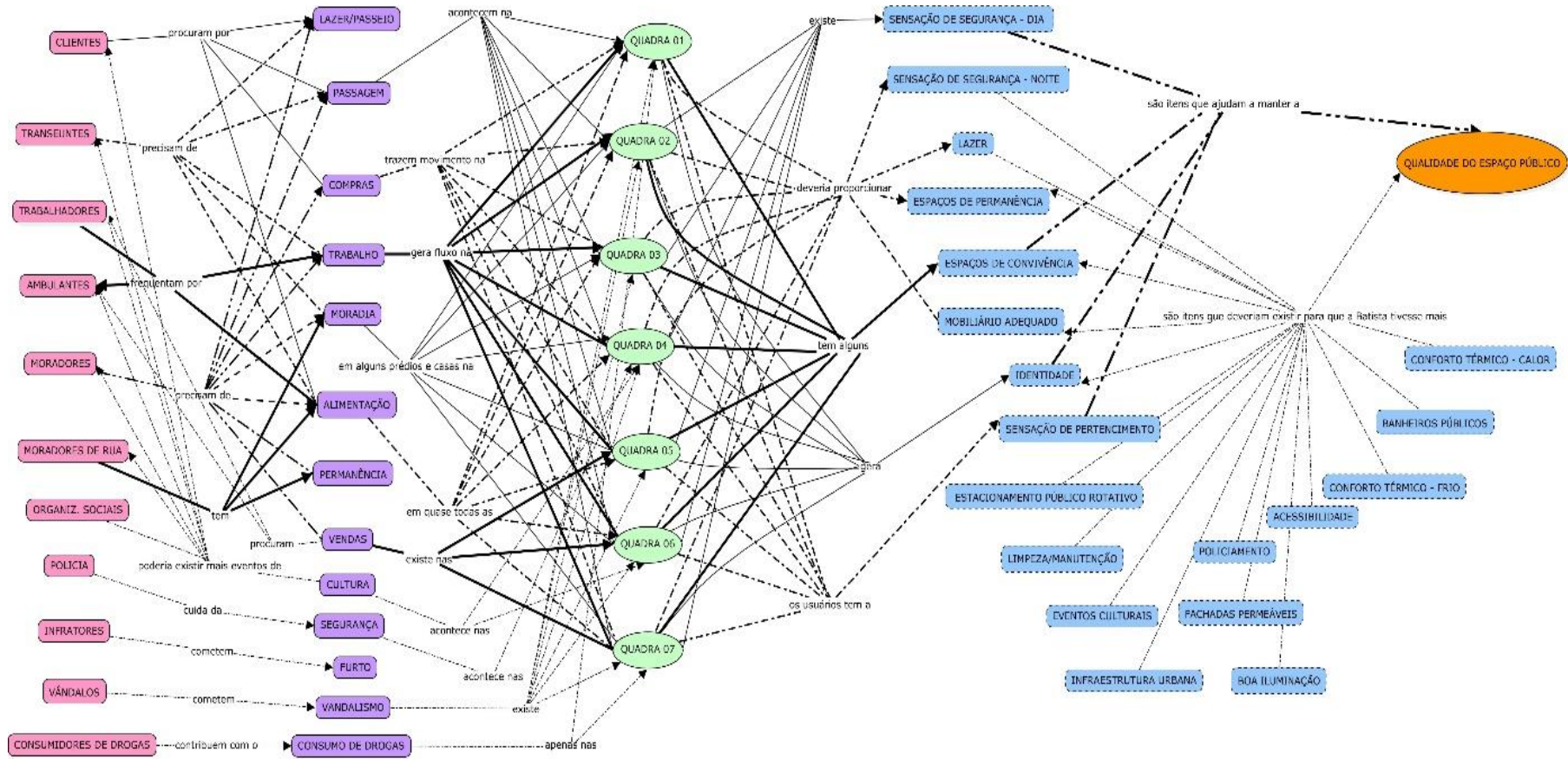
As atividades menos qualitativas, ironicamente, são a permanência das pessoas, que tentam permanecer e descansar nos escassos mobiliários, se alimentar é visto com maus olhos pelos usuários. Já o vandalismo é algo recorrente em várias edificações das sete quadras.

Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru.

Os simbolismos menos qualitativos na Batista são a pouca segurança de dia, e a grande sensação de insegurança à noite. O conforto térmico e a limpeza são outro ponto negativo, bem como a ausência de eventos culturais pelas organizações sociais. Existe algo pouco significativo nas quadras 3, 4 e 5.

A tabela sinérgica vem de encontro com os problemas identificados no Calçadão e expostos à exaustão no decorrer desta pesquisa. Afim de formalizar os caminhos e relações entre os elementos qualitativos e não-qualitativos que existem na Batista, foi feito uma Mapa Heurístico (tabela 13) para expor como os grupos sociais, as atividades exercidas por esses grupos em cada quadra se dão, e de que forma isso afeta na qualidade que o espaço oferece à população no seu dia-a-dia.

Tabela 13 - Mapa Heurístico do Calçadão.



Fonte: autora, 201

Com essas informações expostas, pode-se entender melhor os motivos do funcionamento diferenciado de cada uma delas, e entender o contexto geral que move o Calçadão através da interação dos ambientes físico e simbólico, representado na tabela abaixo pelas conexões de cada quadra com os grupos identificados no Calçadão (tabela 14).

Tabela 14 - Tabela Ambientes Físico-Simbólico.

FÍSICO - SIMBÓLICO							
FÍSICO SIMBÓLICO	Quadra 01	Quadra 02	Quadra 03	Quadra 04	Quadra 05	Quadra 06	Quadra 07
	Trabalhadores	R	R	R	R	R	R
Ambulantes	NR	NR	R	R	R	R	R
Clientes	R	R	R	R	R	R	R
Transeuntes	NR	NR	R	R	R	R	R
Moradores	NR	NR	NR	R	R	R	R
Moradores de rua	R	NR	NR	NR	NR	NR	R
Polícia	R	R	R	R	R	R	R
Infrator	R	R	R	R	R	R	R
Usuário de drogas	R	NR	NR	NR	NR	NR	R
Vândalo	R	R	R	NR	NR	NR	NR
Organ. Social	NR	NR	NR	NR	R	R	R




Relação: R= tem relação NR= não tem relação

Fonte: autora, 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Batista de Carvalho, desde sua criação até os dias atuais, passou por grandes mudanças em seus cronotópos. Nesta pesquisa, foram analisados três cronotópos da rua: sua criação e consolidação como importante eixo comercial, sua transição para Calçadão (tabela 15), e atualmente, como espaço desvalorizado.

Tabela 15 - Tabela de Relação Cronotópica da Batista de Carvalho.

Tabela de Relação Cronotópica dos Ambientes Físico, Social e Simbólico do Calçadão			
Cronotópo	Gênese da Rua Batista de Carvalho	Calçadão da Batista de Carvalho	Calçadão da Batista de Carvalho atual
Imagens			
Fonte	Dimitrie Haritov, 2018.		
Grupos Sociais			
Trabalhadores	Presente	Presente	Presente
Ambulantes	Ausente	Presente	Presente
Clientes	Presente	Presente	Presente
Transeuntes	Presente	Presente	Presente
Moradores	Presente	Presente	Ausente
Moradores de rua	Ausente	Presente	Presente
Polícia	Ausente	Presente	Presente
Infratores	Ausente	Presente	Presente
Vândalos	Ausente	Presente	Presente
Usuários de drogas	Ausente	Presente	Presente
Organiz. Social	Ausente	Presente	Presente
Atividades Realizadas			
Lazer	Presente	Presente	Ausente
Passeio	Presente	Presente	Ausente
Passagem	Presente	Presente	Presente
Compras	Presente	Presente	Presente
Trabalho	Presente	Presente	Presente
Moradia	Ausente	Presente	Ausente
Moradia na rua	Ausente	Presente	Ausente
Alimentação	Ausente	Presente	Presente
Permanência	Presente	Presente	Ausente
Org. Social	Ausente	Presente	Presente
Vendas (ambulantes)	Ausente	Presente	Presente
Segurança	Presente	Presente	Ausente
Furto	Ausente	Presente	Ausente
Vandalismo	Ausente	Presente	Presente
Consumo drogas	Ausente	Presente	Ausente

Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru.

Ambientes Físicos			
pisos petit-pavé	Ausente	Presente	Presente
arcos cobertos	Ausente	Presente	Presente
arcos abertos	Ausente	Presente	Presente
bancos	Ausente	Presente	Presente
bancos com floreiras	Ausente	Presente	Presente
mesas e cadeiras	Ausente	Ausente	Presente
orelhão	Ausente	Presente	Presente
lixeiras	Ausente	Presente	Presente
postes altos	Presente	Presente	Presente
postes baixos	Ausente	Presente	Presente
edificações térreas	Presente	Presente	Presente
sobrados	Ausente	Presente	Presente
prédios	Ausente	Presente	Presente
edifícios tombados	Ausente	Ausente	Presente

Fonte: autora, 2018.

Quando da criação da Rua Batista de Carvalho, seu ambiente físico era bastante simples: o eixo da rua era composto por casas comerciais térreas, onde muitas abrigavam as famílias dos comerciantes, pouca iluminação, pouca vegetação e nenhum mobiliário, e as ruas de terra batida. Os grupos que compunham a movimentação do lugar eram dos comerciantes e suas famílias, trabalhadores, clientes e transeuntes, em geral. Esses grupos usufruíam do espaço para trabalhar e vender produtos, morar, passear e terem momentos de lazer através da interação entre as pessoas, e as pessoas exerciam sua cidadania de forma interessante.

Quando houve a transição da rua para Calçadão, houve transição notável no ambiente físico. As ruas, antes separadas por calçadas, guias e asfalto, foi unida pelo piso petit-pavé. As edificações ganharam mais pavimentos, houve adição de mobiliário público, iluminação, vegetação, e os famosos arcos. Houve um aumento de grupos que usufruíam do espaço, pois além de trabalhadores, moradores, clientes e transeuntes, acrescentou-se aos grupos iniciais os moradores de rua, ambulantes, as organizações sociais, polícias, infratores, vândalos e consumidores de drogas.

Com as alterações nos ambientes físico e social, o simbólico também alterou-se. Por conta de sua história e localização central próxima à Estação, as pessoas reconheciam aquele lugar com grande carinho e importância, pois foi ali que o eixo comercial da cidade surgiu, cresceu e desenvolveu até virar algo parecido à um shopping center à céu aberto: oferecendo compras, trabalho, moradia, lazer, alimentação e interação social num único espaço.

Atualmente, a situação do Calçadão é bastante diferente de quando ele foi criado e inaugurado. Algo normal, e até esperado por conta da quantidade de tempo que ele existe, onde a agitação de início vai se diluindo conforme os anos passam.

Analisando a tabela acima, onde estão expostos os três cronotópos estudados durante a pesquisa, pode-se perceber que hoje a Batista tem as maiores mudanças dentro dos ambientes físico e simbólico.

Os grupos de usuários da época de inauguração do Calçadão são os mesmos de hoje, onde há a movimentação de trabalhadores, clientes, moradores, transeuntes, moradores de rua, organizações sociais, polícia, vendedores ambulantes, infratores e vândalos. O que muda é a quantidade de pessoas nos grupos, que variam de acordo com os anos passados.

Pode não parecer, mas o ambiente físico do Calçadão sofreu alterações em seu espaço, no decorrer das sete quadras: o mobiliário, iluminação e vegetação de quando foi criado ainda existem, porém, em menor quantidade e materiais diferentes do projeto e instalado. Provavelmente foram reformados ou trocados, e boa parte permanece disposto no lugar de origem, mas não são os originais.

Por último, vem a análise do ambiente simbólico, e este é o mais alterado desde sua criação como rua, passando pela configuração do Calçadão, até os dias atuais. Quando a rua era apenas uma simples rua, sem prestígio algum, ela atraía o público por ser a única rua comercial com variedade na cidade, por sua localização central e próxima à Igreja Matriz e à Estação, de onde vinham pessoas e notícias, pela facilidade de moradia dos comerciantes nos locais de trabalho, e assim, a interação social que esse mix de funções causava era único. A troca de experiências diárias que o local trazia era rico para a sociedade e para a cidade, no mais amplo sentido da palavra.

E durante a evolução da Batista como rua, esses privilégios de vivências e experiências diárias foram trazendo fama à já conhecida rua comercial, onde as melhores casas comerciais existiam e cresciam juntamente com novos comércios e serviços que ia surgindo, aliado à facilidade de localização na cidade, pela boa infraestrutura que uma região central tem, trazia pessoas e fazia com que elas procurassem o lugar por diferentes interesses. E essa procura fez com que fosse necessário a criação e instalação do Calçadão, para que a necessidade de procura das pessoas pelos atrativos que o lugar oferecia pudesse ser suprido.

E realmente foi. Mas durante um certo período.

Hoje, a desvalorização deste importante espaço público é grande, e a impressão que se tem é que o local parou no tempo, ou até pior, é possível dizer que o Calçadão de hoje tem baixa qualidade se comparado ao tempo em que era rua ou ao tempo em que se tornou o Calçadão.

Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru.

Todas as quadras possuem os mesmos elementos urbanos, dispostos da mesma forma, a mesma quantidade de arcos, também dispostos seguindo uma ordem, possuem a mesma tipologia urbana, e praticamente quase todos os mesmos grupos sociais usam do espaço, e os usuários sentem uma certa identificação com o lugar. O que muda é que, apesar de todas serem praticamente iguais entre si, elas não são nada iguais. Cada quadra funciona de forma diferente à outra quadra. Estão entre o mesmo eixo comercial, são ligadas e seguem um fluxo, mas cada uma tem funcionamento diferente da outra: abrigam comércios e serviços de lojas diferentes, que vendem ou oferecem produtos e serviços diferentes, tipologias edilícias diferentes, e até os grupos de usuários acabam sendo diferentes ao longo do percurso. Cada quadra tem um fluxo de procura e movimento diferenciado da outra. E isso é um grande problema que interfere diretamente na qualidade do lugar, pois a Batista, mesmo sendo segmentada por um fluxo de sete quadras, é vista como um espaço único, um Calçadão ao pé da letra e da palavra.

Um espaço público como o Calçadão da Batista de Carvalho é um espaço democrático dentro da cidade. É nele que acontece o exercício pleno de cidadania e de tolerância ao próximo: onde nos relacionamos com pessoas de diferentes contextos, gêneros, idades, raças, etc.; um espaço de todos e para todos.

O Calçadão é um lugar importante para a economia e para a cidade de Bauru. E mesmo tendo sua importância, possui problemas crônicos em sua totalidade, e que foram analisados quadra a quadra. Além disso, é interessante ressaltar que o centro sofreu esvaziamento e faltas urbanas quando a cidade começou a se expandir para novas áreas, gerando novos espaços de moradia, trabalho, compras e lazer. Tal movimento gerou áreas que podem ser consideradas completas, que conseguem abastecer as pessoas que estão na região nova, e um exemplo bauruense importante é o Mary Dota.

Complementando esse esvaziamento, por assim dizer, a criação de um novo shopping próximo à região do Calçadão ajudou a reforçar a queda na qualidade das lojas, lanchonetes e cafés que ali estão, concentrando um comércio mais popular frente à lojas com maior variedade e qualidade que se encontram dentro do Shopping, aliando facilidade de estacionamento, facilidade de acesso via transporte público, e oferecendo espaços de lazer e diversão, como cinema, boliche e parques infantis. É comum também oferecerem eventos culturais, como exposição de quadros, pinturas e artistas, musicais e teatros infantis.

Para tentar solucionar esses problemas e resgatar a qualidade que outrora possuiu, seria interessante repensar esses elementos através de exemplos positivos

Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru.

de soluções urbanas e conceitos como drenagem, arborização, acessibilidade e caminhabilidade, afim de poder ter como combater as faltas de uso misto e atividades que hoje apresenta se comparado aos shoppings e outras regiões que abastecem a cidade de Bauru. Dentro desses itens, pensar em um lugar de permanência e ocupação, um espaço vivo, questionador e educativo, que promoverá a sociabilidade e o convívio.

Desta forma, é possível pensar na requalificação do Calçadão através de medidas que podem ser replicadas no lugar, e em outros quando necessário, como espaço adequado à escala humana, placemaking, caminhabilidade do lugar, bom mobiliário urbano, espaço ativo, infraestrutura verde, e o principal, retomar o sentido de lugar da Batista.

O planejamento urbano pensado para a escala humana abraça diversas práticas que tornam a vida urbana mais saudável, colocando as pessoas como reais protagonistas na conformação de espaços públicos mais vivos, democráticos e acolhedores.

Isso implica na incorporação de pontos como processos de participação social acessíveis a todos: a priorização do pedestre e ciclista frente ao automóvel; o consequente encurtamento das distâncias de deslocamentos entre pontos de interesse; boas condições de calçadas e espaços de convivência; dentre outros.

Outro ponto importante para o resgate da qualidade é o “*placemaking*”, que significa “fazer lugares”, isto é, espaços que estimulem interações entre as pessoas e com a própria cidade, promovendo comunidades mais felizes e saudáveis. Baseia-se na participação comunitária, em que as pessoas contribuem e envolvem-se na construção do espaço coletivo, o lugar do comum urbano.

Assim, ao se criar uma visão comum de lugar, é possível implementar medidas simples e rápidas que tragam melhorias imediatas para o espaço e para quem o frequenta. Desse modo, intervenções temporárias que promovam o uso do lugar são ferramentas interessantes para que a sua ocupação seja consolidada. A apropriação de um local pelas pessoas é fundamental para que ele seja bem sucedido, e estimula o uso pelas organizações sociais promoverem suas causas.

Valorizar a curta distância entre moradia, trabalho, educação, saúde e lazer, priorizando a qualidade da calçada (levando em conta aspectos de segurança, iluminação, pavimentação adequada, etc.) seria de grande valia para este espaço público, bem como a presença de estímulos visuais (como fachadas ativas, sinalização, cores, etc.) e proximidade a serviços e acessos. É através da caminhabilidade que a qualidade do espaço urbano através do ponto de vista do

Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru.

pedestre se faz, levando em consideração pontos como a conectividade dos espaços e o conforto.

Dentro deste item, seria interessante que houvesse algum tipo de ligação entre uma quadra e outra quando das ruas transversais, porém, sem interromper o fluxo de carros. Uma saída para esta possível solução seria a implementação de lombofaixas ou travessias elevadas, que estendem as quadras no nível da rua. Assim, elas ajudam a moderar o tráfego, favorecem a acessibilidade e aumentam a visibilidade entre os motoristas e pedestres.

Um elemento que precisa ser repensado com urgência é o mobiliário escasso e de má qualidade existente na Batista. O mobiliário existe e é destinado a equipar a cidade, existem em diversas escalas e contribuem para a funcionalidade dos espaços públicos, como também à segurança, orientação e conforto dos seus usuários.

Além de implementar a funcionalidade, o mobiliário urbano engloba aspectos de design e estética no sentido de tornar os espaços públicos mais agradáveis, promovendo a sua ocupação, que em algumas quadras inexistem ou são pouco ocupadas.

Um espaço bem sucedido é aquele em que pessoas de diferentes contextos convivem e realizam atividades diversas em diferentes horas do dia, através de boa variedade de usos mistos, e não apenas comércio e serviços. Ter algo para fazer dá motivo para que as pessoas permaneçam naquele lugar e dê a elas motivos para voltar, tornando o local atrativo.

Existem diversas maneiras de se ativar um espaço público estimulando o seu uso espontâneo, como atividades de lazer, bares, academias, shows, arte urbana, apresentações musicais, performances de dança, poesia, oficinas manuais e cinema ao ar livre são exemplos de formas de apropriação do espaço que podem criar vínculos afetivos e de interação das pessoas com a própria cidade.

A infraestrutura verde é algo, praticamente, inexistente no Calçadão. Voltada para as condições ambientais e sociais das cidades numa escala local, busca o equilíbrio entre o meio natural e o meio antrópico, e assim melhorar as condições térmicas do lugar e trazer conforto para os usuários.

Para além disso, seria interessante adotar medidas e práticas de conservação que promovam um desenvolvimento urbano mais sustentável e resiliente, através da melhoria da drenagem do piso e jardins de chuva. Dessa maneira, abraça não somente o “verde” das cidades como malha de sistemas interconectados, mas também as estruturas próprias da vida urbana: ruas, calçadas e sistemas de

drenagem. No caso do Calçadão, extremamente interessante em dias de chuva, onde existem pontos de bastante alagamento.

Por último, mas tão importante quanto os itens anteriores, é necessário resgatar o sentido e preservar o significado de lugar, que nada mais é que a ligação com a história da cidade, o respeito ao patrimônio e o desejo de preservar a memória coletiva. Por conta de sua carga histórica, o centro de uma cidade é muito obviamente o lugar mais emblemático, com maior infraestrutura urbana, onde agrega grande encontro e dissipação de pessoas. É o local ideal para se morar, trabalhar e exercer funções e atividades diárias.

A combinação de usos mistos como moradia, trabalho e lazer é fundamental para a manutenção da vitalidade na área e para a ocupação dos espaços ao longo do dia e da noite: academias, cafés, residências, bares, restaurantes, lavanderias e ciclovias.

O centro é o lugar que concentra os símbolos e a identidade da cidade, e o estudo de caso desta pesquisa – o Calçadão da Batista – é esse lugar dentro da cidade de Bauru: um lugar importante, com muita história, com muito potencial para ser um espaço público de qualidade, mas que é negligenciado e vem perdendo prestígio pelos grupos.

Para poder resgatar a qualidade e o prestígio do local, a ideia é de promover convivência entre as pessoas, tornando o espaço mais aconchegante, seguro e divertido, aumentar o tempo de permanência dos usuários próximos aos estabelecimentos do Calçadão, potencializando as vendas, criar novos pontos de referência para as pessoas, devido ao design, à melhoria estética e aos novos usos propostos, criar pontos de apoio ao pedestre, incentivando o transporte sustentável, a pé e de bicicleta, deixar as calçadas livres para o passeio de pedestres, abrigando as atuais barracas com usos comerciais em espaços adequados, sempre integrados ao espaços de convívio, aumentar a vegetação urbana, associar os agentes promotores a valores como inovação e pioneirismo, promovendo a requalificação de espaços, tornando-os mais seguros, vivos e atrativos, possibilitar a implementação de soluções de forma mais rápida e barata do que as obras civis convencionais, e com isso, propiciar visibilidade aos agentes promotores na mídia, nas redes sociais e no boca a boca.

Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANANIAN, P. **A Influência do Equipamento na Revitalização do Design Urbano em Áreas Centrais**. 2005. 150f. Dissertação (Mestrado em Desenho Industrial). Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Paulista Júlio Mesquita Filho, Bauru, 2005.

ARANTES, O.; MARICATO, E.; e VAINER, C. **A Cidade do pensamento único**. 3ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

BAHKTIN, M. **Estética da Criação verbal**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BALBIM, Renato. **Reabilitação de áreas urbanas centrais**. Revista Ipea. Ano 5, Edição 46 - 08/10/2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BARNETT, Jonathan. **An Introduction to Urban Design**. New York: Icon Editions, 1982.

BEAUJEU-GANIER, J. **Géographie Urbaine**. 1 ed. Paris: Armand Colin Editeur, 1980.

BELTRAO SPOSITO, Maria Encarnação. **O centro e as formas de expressão da centralidade urbana**. In: Revista de Geografia, v. 10, Presidente prudente: UNESP, 1991. p. 1- 18.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: um livro sobre sociologia do conhecimento**. Lisboa: Dinalivro, 2004.

BESSE, J. M. **Las cinco puertas del paisaje: ensayo de una cartografía de las problemáticas paisajeras contemporáneas**. In: MADERUELO, J. (Org.). *Paisaje y pensamiento*. Madrid: Abada, 2006. p. 145-171.

BERQUE, A. **Paisagem-marca, Paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural**.

BONI, Débora Maria Svizzero. **O Novo Supermercado Santo Antônio em Bauru, SP**. Bauru, 2010, 85 p. Dissertação de Conclusão de Graduação (Curso de Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Paulista, UNIP, 2010.

BONI, Débora Maria Svizzero; SALCEDO, Rosio Fernández Baca. **Cronotopo sóciofísico do espaço público em centro urbano consolidado**. Congresso Architectonics. Mind, Land & Society. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya – UPC, 2017.

BRITO, Eliseu Pereira. **O papel de Palmas - TO na rede de integração regional**. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal Grande Dourados, 2009.

BRITO, Eliseu Pereira. Do Canteiro de obras à cidade consolidada. Uma leitura sobre a formação do centro urbano de Palmas – Tocantins - e seu papel na rede urbana. In: **Anais do X Simpub**. Brasília: UNB, 2009.

Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru.

CALLIARI, Mauro. **Espaço Público e urbanidade em São Paulo**. São Paulo, BEI Comunicação, 2016.

CASTRO, Ellen Beatriz Santos Fonseca de. **Genocídio Velado**: trajetória da EFNOB e perspectivas para o patrimônio industrial ferroviário. 2016. 173f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2016.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo, Ática, Série Princípios, 1995.

COUTINHO, Marcelo James Vasconcelos. **Administração pública voltada para o cidadão: quadro teórico-conceitual**. Revista do Serviço Público. Brasília, v. 51, n. 3, p. 40-72, 2000.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**; tradução de Luciano Vieira Machado. 4ª edição. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

CLAVAL, P. **Champs et Perspectives de la Géographie Culturelle**. Géographie et Cultures, 1, 1992.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. 2.ed. Florianópolis: UFSC, 2001. 453p.

CLEPS, Geisa Daise Gumiero. **Distribuição de produtos: do supermercado ao hipermercado**. Anais: I Simpósio Regional de Geografia – Geografia: Aplicações e Perspectivas; Universidade Federal de Uberlândia – Instituto de Geografia; 25 a 29 de Novembro de 2002.

CLEPS, Geisa Daise Gumiero. **O comércio e a cidade: novas territorialidades urbanas**. Revista Sociedade & Natureza Uberlândia, n 16: 117-132, jun. 2004.

CULLEN, G. **Paisagem Urbana**. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

Dicionário Caldas Aulete, 1942 apud Marx, 1999: 102.

Dicionário Aurélio – Século XXI – Aurélio Eletrônico - Versão 3.0.

ECKBO, Garrett. **Elements & Total Concept of Urban Street Furniture Design**. Tokio: Graphic-sha Publishing Co., Ltd., 2001.

HEIN, Rony. **Alemanha**. Revista Viagem e Turismo, São Paulo, nº5, p.48, maio 1999.

FONTES, M. S. G. C. Qualidade espacial e conforto térmico em ruas de pedestres. In: PIRES, Emilia Falcão; GHIRARDELLO, Nilson; MAGAGNIN, Renata Cardoso; SALCEDO, Rosio Fernández Baca (Org.). **Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo: Contexto Contemporâneo e Desafios**. São Paulo: ed. Cultura Acadêmica, 2011, pp. 79-90.

GEHL, J. **Cidades para pessoas**. Perspectiva, São Paulo, 2010.

_____. **La Humanización del Espacio**. Editorial Reverté, Barcelona, 2013

Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru.

GHIRARDELLO, N. **Aspectos do Direcionamento Urbano da Cidade de Bauru**. São Carlos, 1992, 187 p. Dissertação de Mestrado (Curso de Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 1992.

_____. **À beira da linha, formações urbanas da Noroeste paulista**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. **A Formação dos Patrimônios Religiosos no processo de expansão urbana paulista**. São Paulo: Editora Unesp, 2010, 264p.

GLUSZEVICZ, Ana Cristina. **Aglomeración urbana do Sul e a centralidade terciária reproduzida na Avenida Fernando Osório, Pelotas, RS**. 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande, Pelotas, 2015.

GODOY, Vanessa Ferraz. **Paisagem cultural do centro do Rio de Janeiro: identificação, caracterização e representação do olhar da comunidade com o apoio da cartografia e da navegação virtual**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

GOSLIN, David; MAITLAND Barry. **Concepts of Urban Design**. London: Academy Editions, 1984.

GOTTDIENER, Mark. **A Produção Social do Espaço Urbano**. Tradução: Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: EDUSP, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil). **Cartas Patrimoniais**. 3ª edição revisada. Rio de Janeiro: IPHAN, 1995.

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil). **Cartas Patrimoniais**. 3ª edição revisada. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo, Martins Fontes, 2011.

JANUZZI, D. C. R. **Calçadões: a revitalização urbana e a valorização das estruturas comerciais em áreas centrais**. 2006. 318f. Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2006.

LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. 2ª edição. São Paulo: Editora Blume, 2000.

LEITE, Carlos. **Cidades sustentáveis, cidades inteligentes: desenvolvimento sustentável num planeta urbano**. Porto Alegre: Bookman, 2012.

LEME, Mônica B.; VENTURA, David V.(Coord.). **O Calçadão em Questão: 20 Anos de Experiência do Calçadão Paulistano**. São Paulo: Belas Artes, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **La revolución urbana**. Madri: Alianza Editorial, 1983.

Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru.

LIMA, Paulo Daniel Barreto. **Excelência em Gestão Pública**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2007.

LOPES, A. K. G. **Urban Regeneration: Assessment by Sustainability Indicators**. Master`s These. Aveiro University. Aveiro. Portugal, 2010.

LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACEDO, Silvio S. **Quadro do paisagismo no Brasil**. São Paulo: Coleção Quapá, 1999.

MAGAGNIN, R. C.; FONTES, Maria Solange Gurgel de Castro, SALCEDO, Rosio Fernández Baca. Spatial Quality Evaluation of Pedestrian Streets. In: **Journal of Civil Engineering and Architecture**, vol. 8 nº 12, December 2014.

MARICATO, E. **Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MARX, Murillo. **Cidade Brasileira**. São Paulo, Editora Edusp, 1980.

MAIRYNK, Geraldo; BOGO, Luis; MORAES, Renato de. **Os frutos da terra**. Bauru, SP: Agroquisa-Agroquímica Industrial, 1988.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do IEB – Instituto de Estudos Brasileiros – USP**, n. 34. São Paulo, SP: 1992. p. 9-24.

MONTESSORO, C. C. L. **Centralidade Urbana e Comércio Informal: Os Novos Espaços de Consumo no Centro de Anápolis-Go**. Tese (Doutorado em Geografia). Presidente Prudente: UNESP, 2006.

MOUGHTIN, Cliff. **Urban Design: street and square**. London: University of Nottingham, 1992.

MUNTAÑOLA, J. **La arquitectura como lugar**. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya – UPC, 1996. 223 p.

_____. **Topogénesis**. Primera edición. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya – UPC, 2000. 176 p.

_____. La Arquitectura de la Transparencia. **Revista Architectonics. Mind, Land & Society**. Arquitectura y Hermenéutica, Barcelona: UPC, n. 4, 2002. p. 31-45.

_____. Diálogo entre Paul Ricoeur y Josep Muntañola. Barcelona, verano de 2001. **Revista Architectonics. Mind, Land & Society**. Arquitectura y Hermenéutica, Barcelona: UPC, n. 4, 2002. p. 47-52.

_____. **Revista Architectonics. Mind, Land & Society**. Arquitectura, Modernidad y conocimiento. Barcelona: UPC, n. 2, 2002. 103 p.

_____. **Hacia una aproximación dialógica a la arquitectura contemporánea**. In: Revista ARQUITECTONICS. Mind, Land & Society. Arquitectura y Dialogia. Nº 13. Barcelona: UPC, 2006, p. 63-76.

Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru.

_____. **Las Formas del tiempo. Serie Arquitectura.** Badajoz, España: Editora @becedário, 2007.

PAIVA, Carlos Fernandes de. **Narrativas sintéticas dos fatos que motivaram a fundação de Bauru.** Bauru: Conselho Municipal de Educação de Bauru, 1975.

PALLASMAA, J. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**; tradução: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre, 2011.

PELEGRINA, G.R; ZANLOCHI, T. S. **Ferrovia e Urbanização: o caso de Bauru.** Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 1991.

PEIXOTO, Paulo. **A identidade como recurso metonímico dos processos de patrimonialização.** *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 70, p. 183-204, 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BAURU. **Bauru – Edição Histórica.** São Paulo: Editorial Focus, 1970.

RAPOPORT, A. **Cultura, Arquitectura y Diseño.** In: Revista Architectonics. Mind, Land & Society. Barcelona: UPC, n. 5, Reimpresión: 2009. 212 p.

RICOEUR, P. **Arquitectura y narrativa.** Revista Architectonics. Mind, Land & Society. Arquitectura y Hermenéutica, Barcelona: UPC, n. 4, 2003. p. 09-29.

ROGERS, Richard. **Cidade para um pequeno planeta.** Editora Ggili, São Paulo, 2015.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas.** Rio de Janeiro: Simões, 1951.

ROSSI, Aldo. **Consideraciones sobre la morfología urbana y la tipología constructiva.** In: *Aspetti e problemi della tipologia edilizia.* Venezia: Cluva, 1964. p.127-137.

ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da Cidade.** São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1995.

SALCEDO, R. F. B.; COIADO, P. V.; MARTINS, J. C.; PAMPANA, A. In: PASCHOARELLI, L. C.; e SALCEDO, R. F. B. (Org.). **Interação: panorama das pesquisas em Design, Arquitetura e Urbanismo.** 1ª edição. Bauru: Editora Canal 6, 2015, p. 227-238

SALCEDO, R. F. B. Recomendações para salvaguarda do patrimônio arquitetônico e urbano nos centros históricos. In: FONTES, Maria; CONSTANTINO, Norma; BITTENCOURT, Luiz (Org.). **Arquitetura e Urbanismo: novos desafios para o século XXI.** Bauru, SP: Canal 6, 2009. p. 69-82.

SALCEDO, R. F. B. **A reabilitação da residência nos centros históricos da América Latina: Cusco (Peru) e Ouro Preto (Brasil).** São Paulo: Editora Unesp, 2007.

SALES, Andréa Leandra Porto, ANDRADE, Rita de Cássia Gregório de, MAIA, Doralice Sátyro Maia. **A rua e a cidade no ensino de geografia: um exercício metodológico.** Cadernos do Logepa João Pessoa Vol. 4, n. 2 Jul/Dez-2005 p. 60-67.

Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru.

SANTOS, M. **Manual de geografia**. São Paulo: Hucitec, 1981.

SORIANO, A. G. W. **O Espaço Público e a Cidade Contemporânea: as praças de Salvador entre o discurso e a intervenção**. 2006. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: **Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo: Difusão Editorial, 1980.

VARGAS, H. C. **Espaço terciário: o lugar, a arquitetura e a imagem do comércio**. São Paulo: SENAC, 2001.

VARGAS, H; CASTILHO, A. Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados. In: VARGAS, Heliana; CASTILHO, Ana (Org.). **Intervenções em Centros Urbanos: objetivos, estratégias e resultados**. 2ª edição rev. e atual. Barueri, SP: Manole, 2009. p. 1-51.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP/Lincoln Institute, 2001.

ZÁRATE, M. **El lugar urbano como estrategia de conocimiento proyectual em urbanismo**. Revista Architectonics. Mind, Land & Society. Hacia un urbanismo alternativo. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya – UPC, No. 19-20, 2010. 29-63.

ZÚQUETE, Ricardo. **Ensaio: Uma análise dialógica sobre habitação social – Portugal 1950/80**. 2000. Tese doutorado UPC e Escola Superior Técnica d'Arquitectura de Barcelona, Barcelona, 2000.

OUTRAS REFERÊNCIAS

CASTRO, L. G. R. D. Fato e Opinião: O que é espaço público? **AU**, 13 Julho 2013. Disponível em: <<http://au17.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/232/o-que-e-espaco-publico-292045-1.aspx>>.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 22 janeiro 2018.

MENDES, M. A. Hoje eu vou Batistar. **Repórter Unesp**, 18 Abril 2014. Disponível em: <<http://reporterunesp.jor.br/2014/04/18/hoje-eu-vou-batistar/>>.

OLIVEIRA, G. O bauruense não conhece o centro da cidade. **Repórter Unesp**, 18 Abril 2014. Disponível em: <<http://reporterunesp.jor.br/2014/04/18/bauruense-nao-conhece-o-centro-da-cidade/>>.

POR onde começou Bauru. **Vivendo Bauru**, 10 Julho 2017. Disponível em: <<http://www.vivendobauru.com.br/por-onde-comecou-bauru/>>.

QUE Conceito. Seu novo conceito em dicionário. **Que Conceito.**, 10 Agosto 2017. Disponível em: <<http://queconceito.com.br/rua>>.

Paisagem Cultural da Rua para Pedestres de Centro Urbano Consolidado: o Calçadão da Batista de Bauru.

RODRIGUEZ, D. A. Manual da cidade ideal. **Vida Simples**, 07 Julho 2015. Disponível em: <<http://vidasimples.uol.com.br/noticias/manual/manual-da-cidade->

SANTOS, J. Comércio do Calçadão movimentava a economia de Bauru. **Repórter Unesp**, 18 Abril 2014. Disponível em: <<http://reporterunesp.jor.br/2014/04/18/comercio-do-calcadao-movimenta-economia-de-bauru/>>.

SEBRAE. Programa Nacional do Desenvolvimento do Varejo 2016-2018. Disponível em: www.pndv.org.br. Acessado em 06 de Abril de 2018.

TAVARES, M. A História do Calçadão Sem Limites. **Repórter Unesp**, 18 Abril 2014. Disponível em: <<http://www.reporterunesp.jor.br/a-historia-do-calcadao-sem-limites/>>.

UNESP, R. O Calçadão da Batista. **Vivendo Bauru**, 13 Outubro 2015. Disponível em: <<http://www.vivendobauru.com.br/o-calcadao-da-batista/>>.

VARGAS, Heliana; MENDES Camila. **Poluição Visual e paisagem urbana: quem lucra com o caos?**, 2002. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arg000/esp116.asp>. Acessado em 13/06/06.

<https://www.emdurb.com.br/transpcoletivo>. Acessado em 05 de Abril de 2018.

LEIS E DECRETOS

BAURU, Leis e Decretos. **Lei nº. 3669** de 29 de dezembro de 1993. Dá destinação especial às quadras 1 a 7 da Rua Batista de Carvalho e disciplina sua utilização.

BAURU, Leis e Decretos. **Lei nº. 3670** de 29 de dezembro de 1993. Cria e disciplina a cobrança de taxa de ocupação e uso do calçadão para fins comerciais.

BAURU, Leis e Decretos. **Lei nº. 4634** de 5 de fevereiro de 2001. Dispõe sobre as atividades de ambulantes e permissionários e dá outras providências.

BAURU, Leis e Decretos. Decreto nº. 9120 de 28 de dezembro de 2001. Regulamenta **Lei nº. 4634** de 5 de fevereiro de 2001.

BAURU, Leis e Decretos. **Lei nº. 4951** de 31 de dezembro de 2002. Dispõe sobre a publicidade ao ar livre e nas fachadas na Área Central Comercial.